

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

DOMILA DO PRADO PAZZINI

MERCADO DOS PRAZERES:

notas de uma etnografia multi situada em espaços de prostituição no
interior de São Paulo

São Carlos-SP

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

DOMILA DO PRADO PAZZINI

MERCADO DOS PRAZERES:

notas de uma etnografia multi situada em espaços de prostituição no
interior de São Paulo

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, como requisito para obtenção de título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Gabriel de Santis Feltran

Agência de fomento: FAPESP

São Carlos-SP

2015

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P348m Pazzini, Domila do Prado
Mercado dos prazeres : notas de uma etnografia
multi situada em espaços de prostituição no interior
de São Paulo / Domila do Prado Pazzini. -- São
Carlos : UFSCar, 2016.
110 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de
São Carlos, 2015.

1. Prostituição. 2. Moralidades. 3. Legal -
ilegal. 4. Códigos e conduta. I. Título.




UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Folha de Aprovação

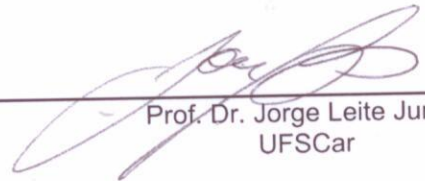
Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Domila do Prado Pazzini, realizada em 15/12/2015:



Prof. Dr. Gabriel de Santis Feltran
UFSCar



Profa. Dra. Adriana Gracia Piscitelli
UNICAMP



Prof. Dr. Jorge Leite Junior
UFSCar

Dedicatória

*À memória de Ana Tereza de Souza,
minha avó querida!*

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais João A. Pazzini e Édén R. do Prado, e ao meu esposo Oigres Bernardinelli, por acreditarem mais em mim do que eu mesma e me lembrarem sempre que bom ter um pouco mais de paciência. Aos meus queridos irmãos Uila, Rodrigo e Julia. À minha avó Alzira e a minha madrasta Sueli.

Agradeço ao meu orientador Gabriel Feltran por me acompanhar nessa caminhada. Bem como ao grupo de pesquisa NaMargem, que vem me ensinando muitas coisas e me proporcionando experiências novas, desde pesquisa em conjunto até atuando como produtora e apresentadora de rádio com o programa Às Margens da Cidade, pela Rádio UFSCar.

Agradeço aos membros da minha banca de qualificação e de defesa: Adriana Piscitelli, Isabel Georges e Jorge Leite Júnior. Os comentários foram muito importantes para a elaboração do texto final. Agradeço aos pesquisadores que, em diversos eventos acadêmicos, fizeram comentários importantes sobre a pesquisa deste trabalho ainda em andamento: Adriana Vianna, Natália Padovani, Laura Murray, Soraya Simões. Bem como conversas informais e inspiradoras com Luiz Henrique Miguel e Roberto Efrem Filho.

À Roselene Breda, minha grande amiga, pelas conversas sobre nossas pesquisas e, sobretudo, pela revisão desse texto.

Em junho de 2015, enquanto meu esposo fazia doutorado sanduíche na Inglaterra, minha amada avó, Ana Tereza, faleceu. Tive que lidar com a morte de uma pessoa tão querida de forma solitária. Por isso eu agradeço imensamente essas pessoas que me apoiaram nessa hora tão difícil: Julia, Milena, Matheus, Rose, Samantha, Vanessa, Anne e Gabriel.

Agradeço de coração a cada participante dessa pesquisa que, além do material etnográfico, me ajudaram a ver o mundo de uma outra forma. Ao Ney, às mulheres das casas noturnas. À Rê e sua mãe por todo o apoio e amizade em Íris. Ao meu querido irmão, que entrou no balaio e que me ajudou na pesquisa, assim como seu amigo Roberto. Sem eles não existiria nada disso que venho escrevendo há meses.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo por ter financiado essa pesquisa.

Resumo:

O exercício da prostituição é ambíguo: ao mesmo tempo em que é reconhecido como uma ocupação é também uma atividade moralmente desconcertante para os valores dominantes, ao mesmo tempo em que o Estado garante a condição de ocupação para a prostituta, criminaliza as demais atividades no seu entorno (cuja principal implicação é a impossibilidade de exploração de lucro sobre o trabalho de uma prostituta) e a vitimiza. Essa condição liminar da prostituição faz com que as pessoas que lidam com esse mundo acabem criando condutas e códigos internos, de ação cotidiana, para que seja possível manter suas práticas e mercados atuantes, transitando justamente entre as esferas do legal e ilegal, moral e imoral. Este trabalho tem o intuito de entender, a partir dos códigos e condutas, o funcionamento de alguns espaços de prostituição em três cidades distintas do interior de São Paulo: Íris, Girassol e Gardênia. Em cada uma dessas cidades foi possível ver vários contextos de prostituição, sobretudo em ruas, praças e casas. Nesses espaços foi realizado um trabalho de campo, com entrevistas e análises de registros midiáticos (jornais impressos e virtuais, blogs, folders etc.) .

Palavras-Chave: Prostituição, moralidades, legal - ilegal, códigos e conduta

Abstract:

The prostitution is ambiguous: while it is recognized as an occupation is also a morally confusing activity to the dominant values at the same time that the state guarantees the occupancy condition for prostitute, criminalize the other activities in your surroundings (whose main implication is the operating profit of impossibility about the work of a prostitute) and victimizes. This injunction prostitution condition causes people dealing with this world end up creating conduct and internal codes of everyday action, so you can keep your active practices and markets, moving just between the spheres of legal and illegal, moral and immoral. This work aims to understand, from the codes and conducts the operation of some areas of prostitution in three different cities in the interior of São Paulo: Iris, Girassol and Gardenia. In each of these cities it was possible to see some prostitution contexts, especially in streets, squares and houses. These spaces was conducted fieldwork with interviews and analysis of media records (printed and virtual newspapers, blogs, brochures etc.).

Keywords: Prostitution, moralities, legal - illegal, codes and conduct

Lista de ilustração

FIGURA 1. Parte externa do folheto de Íris	41
FIGURA 2. Parte interna do folheto.....	41
FIGURA 3. Cartaz "Íris contra pedofilia".....	48
FIGURA 4. Praça de Íris.....	56
FIGURA 5. Casa 1 de Girassol.....	70

Sumário

1. Introdução	11
1.1 Trabalho de campo.....	13
1.2 Revisão bibliográfica	21
1.2.1 Moralidades.....	22
1.2.2 Pecado e moral: atualização contemporânea na esfera da prostituição.....	28
1.2.3 Prostituição	30
1.2.4. Uma aposta na inversão de valores para o movimento de prostitutas.....	33
1.2.5 Ilegalidades	36
1.2.6 Prostituição e o Código Penal	38
1.3 Organização dos capítulos	40
2. Íris – personagens, cenários, mercados em uma cidade pequena.....	42
2.1 A cidade	42
2.2 Prostituição	46
2.3 Questão das adolescentes	48
2.4 As casas.....	54
2.5 A praça.....	56
3. Girassol – personagens, cenários, mercados em uma cidade média	65
3.1 A cidade	65
3.2 As casas noturnas de prostituição	66
3.2.1 <i>As meninas</i>	73
3.2.2. Códigos das casas.....	76
3.2.3. Relação com os clientes	79
3.2.4. Convivendo com outras <i>meninas</i>	80
3.2.5. Homicídio casa 1.....	82
3.3 A praça do mercado.....	83
4. Gardênia – personagens, cenários, dramas em uma cidade grande.....	92
4.1 A cidade	92
4.2 “Paraisópolis” – a zona da cidade	93
4.3 Ruas e avenidas.....	96
5. Conclusão	104
6. Referências bibliográficas	107

1. Introdução

Iana disse que não sai de jeito nenhum da casa para fazer programa, pois sua mãe [que também é prostituta e trabalhou em casas] contou que foi convidada a sair para um programa com uma oferta muito alta de pagamento. Ela achou estranho e não aceitou, mas sua amiga foi, e acabou sendo encontrada morta num canal. Sua mãe a alertou sobre isso. Então prefere ficar na casa e fazer programa por lá, com duração de meia hora. Toca o sinal e o cliente tem que sair, ao contrário de quando sai da casa, pois fica um tempo muito maior fora e o cliente não consome. Quando falta do trabalho, ou seja, quando não aparece no salão é cobrada uma multa de R\$150,00, pelo dia que faltou. (Nota de campo outubro de 2011)

Iana sente-se segura na casa noturna de prostituição, adquiriu tal hábito com sua mãe. A escolha da casa em detrimento da rua por razões de segurança, foi um argumento recorrente por parte das prostitutas com quem conversei ao longo da pesquisa. Algumas relatam histórias de violência sofrida por colegas de trabalho. Mas é justamente a casa de prostituição o espaço criminalizado pela legislação brasileira, que considera o ato de prostituição nestes espaços como ilegal. A violência que algumas mulheres sofrem ao sair desse espaço, paradoxalmente figurado, ao mesmo tempo, como ilegal e seguro, é também indicador do quanto essa atividade é considerada imoral. Iana ao falar da relação de *trabalho* que tem com o dono da casa, conhecido também com *cafetão*, expõe uma relação que não é formal, nem moralmente aceita, e que, portanto, não garante os seus direitos como trabalhadora. Violência e trabalho são, portanto, faces de uma mesma moeda, que se pode analisar nos cotidianos da prostituição. Essa condição liminar da prostituição, entre legal, ilegal, seguro, informal, moral ou imoral é o que nos interessa imediatamente nessa dissertação.

Esse trabalho, por isso mesmo, propõe uma reflexão sobre questões em torno das diferentes modalidades de práticas de prostituição. No transcorrer da pesquisa, o termo prostituição foi utilizado ora como insulto/ julgamento moral, ora como índice criador de identidade para um movimento de lutas por direitos– o movimento das prostitutas. No decorrer do texto, ficará evidente que esse termo não consegue abarcar a heterogeneidade e a complexidade dessa atividade. Essa dissertação é, paradoxalmente, um libelo contra o termo prostituição, ao estudá-la. No entanto, por falta de outro mais adequado, utilizarei o termo prostituição para fazer referência às práticas que envolvem trocas de dinheiro por atividades sexuais.

A partir do contato com a bibliografia especializada em prostituição e, sobretudo, com a realização de trabalho de campo desde 2010, foi sendo possível perceber que o exercício da prostituição é ambíguo: ao mesmo tempo em que é reconhecido como uma ocupação é também uma atividade moralmente desconcertante para os valores dominantes (BRASIL, 2002); ao mesmo tempo em que o Estado garante a condição de ocupação para a prostituta, criminaliza as demais atividades no seu entorno (cuja principal implicação é a impossibilidade de exploração de lucro sobre o trabalho de uma prostituta) e a vitimiza. Essa condição liminar da prostituição faz com que as pessoas que lidam com esse mundo acabem criando condutas e códigos internos, de ação cotidiana, para que seja possível manter suas práticas e mercados atuantes, transitando justamente entre as esferas do legal e ilegal (TELLES, 2010). Essa codificação no cotidiano, distinta e alternativa àquela usualmente considerada dominante, é ao mesmo tempo, portanto, parte constitutiva, por oposição, daquilo que se chama de mercado, de lei ou de moral.

Meu interesse se constitui em entender, a partir dos códigos e condutas, o funcionamento de alguns espaços de prostituição em três cidades distintas. Como o compartilhamento de códigos e condutas nesses espaços se relacionam com questões de moralidades, ilegalidades e afeto é o ponto central desse trabalho. Utilizo os termos códigos e condutas de forma separada para tratar duas coisas distintas: os códigos são saberes e normatividades, ao passo que a conduta é o ato em si. Quando a conduta não condiz com o código poderá haver conflito.

Essa moral dominante, compartilhada pelo senso comum, é muito presente tanto no julgamento externo sobre as práticas individuais quanto no julgamento que o indivíduo faz de si mesmo. No mercado do sexo, a partir das diferentes modalidades apresentadas neste trabalho, o que se verá é que essa não é a única moral que rege as relações sociais presente nos contextos de prostituição estudados. Ao contrário, são várias ordens morais que cruzam esses espaços, baseadas, inclusive, na afetividade.

O texto tem por base um trabalho de campo multi-situado que pretende pensar como as questões legais e morais perpassam as ordenações internas nas práticas do mercado do sexo, como, por exemplo, o local de realização, o preço a ser pago, as atividades previstas, etc. Parto dos códigos e condutas dos sujeitos que compartilham os espaços de prostituição

para entender, de um modo geral, os funcionamentos do mercado do sexo em três cidades do interior de São Paulo.

1.1 Trabalho de campo

A realização do trabalho de campo se deu em espaços distintos, tanto no que diz respeito às cidades onde a pesquisa se desenvolveu, quanto aos contextos territoriais nos quais se exercem as práticas em torno da prostituição, em cada uma delas. Íris, Girassol e Gardênia são nomes fictícios que fazer referência a três cidades do interior do estado de São Paulo. Íris é uma cidade pequena, com cerca de seis mil habitantes, situada na divisa com outro estado. Girassol é uma cidade com um pouco mais de duzentos mil habitantes. Gardênia tem por volta de quinhentos mil habitantes. Nessas três cidades, de escalas diferentes, foi possível ter contato ou obter informações acerca de vários territórios internos de prostituição, como, por exemplo: casas, praças e ruas. Apresento a seguir as linhas gerais de como se deu o desenvolvimento do trabalho de campo, bem como alguns dos interlocutores centrais para que esta pesquisa pudesse ser realizada.

Antes disso, entretanto, é preciso dizer que a troca dos nomes tanto das cidades, quanto das pessoas envolvidas na pesquisa, deve-se ao fato deste trabalho trazer à tona muitas histórias trágicas e comprometedoras, que prejudicariam a reputação social dos interlocutores. Esta opção está relacionada ao fato de que relato neste trabalho situações que envolvem crimes, assassinatos, além, claro, de práticas de prostituição que, identificadas as cidades, possibilitaria o fácil reconhecimento dos personagens das histórias aqui narradas. A realização dessa pesquisa foi baseada em sigilo, no compromisso de não fazer fotos de pessoas e/ou lugares, no não conhecimento dos nomes “verdadeiros” das minhas interlocutoras, já que no cotidiano de trabalho elas fazem o uso dos “nomes da noite”. A mobilização deste recurso guarda relações com a questão do resguardo, já que na maioria dos casos com os quais tive contato ao longo da pesquisa, os familiares e pessoas próximas não sabem que as mulheres e travestis atuam no mercado sexual.

Comecei meus estudos de prostituição em 2009, durante o meu primeiro ano de graduação, depois de acompanhar um minicurso ministrado por Fabiana Rodrigues de Souza sobre o tema. Naquele momento, me interessei em saber um pouco mais sobre a tão mal vista “profissão mais antiga” do mundo. Leituras sobre o tema, bem como a participação, a partir

de 2010, nos encontros quinzenais realizados pelo Grupo de Estudos Trabalho Sexual (GETS), do Departamento de Metodologia da UFSCar. A partir daí vieram projetos de pesquisa, projetos de extensão e, mais que o mergulho nos textos, mergulhei também no trabalho de campo em casas noturnas de prostituição: as boates.

Tudo o que se relacionava ao tema me instigava e quando me dei conta, além de estar fazendo campo nas casas, também estava observando as dinâmicas que se desenrolavam na Praça de Girassol e visitando Íris para saber o funcionamento da prostituição naquela pequena cidade. Em 2013, o contato com algumas pessoas do mercado do sexo de Gardênia fez desse contexto um foco de interesse. Com isso, percebi que estava seguindo um tema específico, a prostituição, o que aproxima um pouco da caracterização que Marcus (1995) fez sobre a etnografia multisituada. Metodologia esta que tem como objetivo fazer relações entre os diferentes espaços trabalhados.

Devido ao fato de ter tido diferentes formas de inserções no campo¹, em cada lugar consegui relatos variados de atores distintos envolvidos de formas igualmente distintas no mercado do sexo: prostitutas, travestis, comerciantes, funcionários das casas, clientes, agentes de saúde etc. Além disso, o grau de profundidade no contato que travei com cada um dos interlocutores (e conseqüentemente nos relatos que me ofereceram) presentes nesta também varia: houve lugares em que consegui circular com bastante fluidez pelo campo, mas com conversas limitadas, ao passo que em outros contextos de pesquisa consegui empreender muitas conversas, mas pouco trabalho etnográfico. Isso justifica o fato de alguns lugares terem mais descrições que outros, no texto, ou maior descrição de conflitos do que de práticas sexuais, por exemplo. O conjunto das cenas escolhidas para compor a dissertação, no entanto, tenta produzir no leitor a familiaridade que eu mesma fui adquirindo com o tema da prostituição, com o passar do tempo.

Quando saí das casas e fui conhecendo outras modalidades de prostituição, percebi muitas possibilidades de problematização em torno desse termo prostituição. Trata-se de um universo heterogêneo e extremamente diverso em seu interior para ser englobado como uma coisa só: uma *ficha rosa*² não é a mesma coisa (nem socialmente, nem para ela mesma, nem para outros atores sociais) que uma *nóia*³. Ao mesmo tempo não é raro que as pessoas não se

¹ Marcus (1995) retrata em seu texto a forma heterogênea do desenvolvimento da etnografia multisituada.

² Termo utilizado para referenciar modelos de grandes eventos que fazem programas para empresários.

³ Neste contexto, é um termo utilizado para tratar daquela que faz programa para pagar uma pedra de crack.

denominem como prostitutas, ainda que se enquadrem em tudo aquilo que o termo carrega: troca de sexo por dinheiro, com a estigmatização social correspondente. Diferentes formas de nomeação apareceram ao longo do trabalho de campo: *garota de programa*, *menina*, *prima*, *moça*, entre outros.

Minhas visitas às casas de prostituição em Girassol ocorreram durante as tardes. Comecei em 2010, com idas esporádicas e, no ano de 2011, passou a ser semanal devido à um projeto de extensão, vinculado ao GETS, que desenvolvi no período. Já nos anos de 2012 e 2013 passei a ir com menos frequência às casas. Foram duas as casas que visitei que, nesta dissertação, chamo de casa 1 e casa 2. A casa 1 era localizada na própria Avenida Juscelino Kubitschek, enquanto que a casa 2, em uma rua paralela à da avenida. Durante a tarde, conversava com as mulheres que ficam hospedadas nas casas e iam durante a noite trabalhar nos salões. Isso me permitiu contato apenas com mulheres que não são de Girassol, isso porque àquelas que residem na cidade não precisam desse tipo de serviço, elas moram em suas próprias casas. Tive contato com mulheres de várias cidades do estado de São Paulo e de outros estados do país.

Nesse mesmo espaço, além de conversar com as mulheres das casas, tive oportunidade de falar com as travestis que fazem ponto na Avenida Juscelino Kubitschek. A casa das travestis se localizava bem próxima de uma das casas noturna. Pude, em ocasiões nas quais presenciei visitas das travestis ao cozinheiro e prostitutas da casa noturna, manter conversas com elas e levantar questionamentos sobre como se dá a prostituição na rua.

Ainda em Girassol, no início de 2011, fiz algumas inserções na praça do mercado. No ano de 2012, fui algumas vezes para acompanhar um conflito que teve após uma denúncia no jornal sobre as prostitutas no centro comercial da cidade. Como o ano de 2012 estava me preparando para a prova do mestrado, acabei me afastando da praça, e voltei só em 2014. Fiquei por volta de cinco meses fazendo observação semanalmente, três vezes por semana nos períodos da manhã e da tarde – período que tem movimento.

No início, consegui conversar com algumas mulheres da praça. No entanto, depois do conflito na praça, não foi possível realizar nenhuma entrevista com as mulheres. Várias vezes eu perguntava se podia conversar, elas diziam que não, eu propunha outro horário e elas falavam que não podiam conversar. E isso era algo previsto para Michel (um comerciante daquela região e que tinha bastante contato com as mulheres), isso porque depois

do conflito os policiais colocaram elas para correrem de lá, e agora elas não querem confusão.

Ao mesmo tempo que seguia com a pesquisa em Girassol, fazia campo na cidade de Íris. Comecei a realizar os trabalhos de campo em 2010, e a cada ida ficava de dois dias a uma semana. Diferentemente dos trabalhos realizados em Girassol, esse trabalho era mais pontual. Por outro lado, como é uma cidade que eu já morei, conhecia um pouco de como era a cidade.

No ano de 2013 tive contato com a prostituição de travestis em Gardênia. Esse contato se deu através do meu irmão. No círculo de amigos bem próximos do Rodrigo tem um que ele conheceu ainda na época de escola, e que fazia programas. Ele começou a me contar algumas coisas que ficava sabendo pelo Roberto e isso fez com que eu tivesse cada vez mais interesse nesta outra modalidade de prostituição, até que combinamos uma entrevista e outras conversas informais. Certamente essa foi uma entrada fácil, comparada com aquelas que eu tinha que chegar e conversar com as mulheres e que muitas vezes respondiam de imediato que não iam conversar.

Além do Rodrigo, outras pessoas foram importantes para que o trabalho de campo se desenvolvesse, assumindo o papel de intermediários junto aos interlocutores. Ney, em Girassol, Regina e Ivone em Íris foram intermediadores importantes para a realização dessa pesquisa.

Ney é um homem com seus quarenta e poucos anos de idade, alto, magro, cabelos curtos e negros com a pele branca, mas queimada pelo sol e algumas rugas no rosto. Ele afirma ser casado com uma senhora, o que não o impediu de comentar sobre casos que tem com outros homens que conheceu em bate-papos pela internet. Trabalha com serviços gerais e como cozinheiro na casa 1, sendo a pessoa que mais tive contato nas casas de prostituição.

Quando cheguei na casa 1 fui conversar com Ney e ele disse que não tinha ninguém, apenas uma moça e que ela estaria no banho. Ficou em silêncio, olhou para mim e balançou a cabeça. Entendi, nesse momento que não seria bom insistir na conversa. (Diário de campo – maio de 2011)

Em vários relatos das casas de Girassol, Ney aparece como um importante intermediário: é ele que fala se a mulher que está na casa é bacana ou não, se toparia ou não conversar. Ao me apresentar, por vezes costuma acrescentar os adjetivos “legal”, “gente fina”, explicando que eu queria conversar e fazer pesquisa. Ney me dava segurança ao

mesmo tempo em que tranquilizava as mulheres da casa e as incentivava a dar entrevistas. Isso permitiu que o trabalho de campo fosse realizado mais vezes nessa primeira casa do que na segunda, pois eu não tinha contato com nenhum funcionário da casa que estivesse presente cotidianamente na rotina da casa, como era o caso do Ney.

Da mesma forma que Ney, Ivone e Regina foram essenciais para o trabalho de campo em Íris e, além de tudo, foi na casa delas que eu me hospedei a maioria das vezes que fui para lá. Vínculos de amizade anteriores a esta pesquisa levaram Ivone e Regina a sempre fazerem de que eu aceitasse essa acolhida.

Sexta-feira, 09 de setembro, continuação do feriado de 07 de setembro, e a cidade está cheia de turistas (homens que vão para pescar). Conversei um pouco com Regina, perguntei como estava a cidade e disse que queria ir visitar as casas. Ela disse que tem 2 casas agora, mas que é melhor eu não ir na casa antiga, porque a mulher é muito barraqueira e vai arrumar problema se eu for lá e me sugeriu ir na casa nova. Esta fica próximo ao clube de policiais Cabos e Soldados, ou seja, no fim da cidade. A última casa da rua. Assim, fica mais perto do rio, e dos ranchos que esses homens alugam. (Diário de campo – setembro de 2011)

Ivone é uma senhora que no início da pesquisa tinha cinquenta e seis anos de idade. É branca, de baixa estatura, magra, cabelos castanhos escuros, ondulados até o ombro. Seus pais saíram do Nordeste quando ela ainda era criança, e foram para Íris trabalhar com agricultura. Está na cidade há muitos anos, ela acompanhou toda a sua formação enquanto município. Ivone casou e teve quatro filhos – três mulheres e um homem – e quatro netos e morou a vida toda em Íris, trabalhando como faxineira. Uma de suas filhas é Regina e mora com ela em Íris.

Regina tem 35 anos, é branca, de baixa estatura, gorda, cabelos vermelhos e lisos, um pouco acima dos ombros. Ela trabalha no Posto de Saúde de Íris, e faz campanhas de prevenção às DSTs. Mãe e filha são muito expansivas e essa característica faz com que tenham contato com muitas pessoas da cidade e de outros lugares que vão para lá a passeio.

Além do trabalho de campo e da análise dos dados coletado, outros materiais foram importantes para essa pesquisa, como, por exemplo, reportagens de jornais contendo informações que complementassem os dados do campo, folhetos de propaganda (casas de prostituição e terrenos), músicas, foram instrumentos que participaram da elaboração desse texto.

1.1.1 A pesquisadora no trabalho de campo

“Quando saímos da casa 1, e andamos um pouco na avenida até o ponto, parou um homem de moto perguntando se nós (eu e Fabiana) trabalhávamos na casa que tínhamos saído. Dissemos que não. Então ele perguntou se a casa estava aberta àquela hora, e Fabiana disse que ainda não. Isso era umas 17h.” (Relato de campo junho de 2011)

Realizar trabalho de campo como cientista social, no Brasil, ainda é uma coisa um pouco nebulosa. Tanto para a minha família quanto para as pessoas que converso durante a pesquisa, preciso realizar um esforço para explicar o que uma pessoa com a minha formação – em ciências sociais ou sociologia – faz. Para aqueles mais novos que tiveram a disciplina de sociologia na grade escolar fica um pouco mais fácil, mas isso aconteceu somente nos últimos 5 anos no estado de São Paulo. Muitas vezes me associam como sendo jornalista, investigadora ou policial e por isso não aceitaram conversar achando que eu fosse denunciar algumas práticas de prostituição, por exemplo, na casa de prostituição da cidade de Íris e na praça em Girassol.

O fato de eu ser mulher, ter por volta de 20 anos durante as pesquisas, e compartilhar territórios conhecidos como áreas de prostituição possibilitou que eu fosse vista também como prostituta. Isso aconteceu nos três espaços que mais frequentei: as casas e a praça central em Girassol, e a praça em Íris. As casas de Girassol nas quais eu realizei a pesquisa estão situadas em uma avenida conhecida por ser área de prostituição. O trabalho de campo era realizado no período da tarde, e para chegar até a casa era preciso andar por essa avenida. Nesse trajeto do ponto de ônibus até as casas fui parada várias vezes por homens de carro, moto e bicicleta perguntando pelo preço do programa ou se eu atendia naquele horário.

Ao chegar ao ponto de ônibus tinha uma moça de mais ou menos 20 anos, negra, com uma calça legging cinza, chinelo preto com detalhes rosa na superfície, que só foi possível ver porque ela tirava o pé do chinelo e voltava toda hora. Ela tinha os pés sujos, as unhas pintadas com base e com detalhes de bolinhas pretas. Estava segurando uma bolsinha com estampa de oncinha que parecia uma carteira, vestia uma blusa comprida de frio verde. Os dentes eram muito amarelos. Usava brincos de argola dourada grande, e estava com os olhos vermelhos (parecia que chorava).

Eu, com 22 anos, vestia uma calça jeans azul, um pouco larga, com tênis – All Star -, camiseta marrom, uma bolsa de ombro colorida, e usava óculos de sol.

Durante a espera, muitos homens que passavam de carros, caminhões, motos. Buzinavam constantemente e, alguns faziam um sinal com a mão. A

moça do meu lado chacoalhava a cabeça informando que não. Um pouco depois, chegou um casal de idosos, duas mulheres, uma menina de mais ou menos 10 anos e um menino de mais ou menos 3 anos. Não teve mais buzinas nem sinais com as mãos. (Diário de campo – abril de 2013)

Em outra ocasião, quando eu estava em frente à casa 2 e vi um sorveteiro, fui comprar um sorvete e no momento em que eu escolhia o sabor, o sorveteiro perguntou “Você está indo trabalhar agora?”. Disse então a ele que era estudante e que não trabalhava. Ele me perguntou onde recebeu a resposta – UFSCar – com uma cara um pouco desconfiada. “A é? Que chique!” foi sua resposta. Comprei o sorvete e fui embora.

Dentre todas as abordagens de homens interessados em trocas sexuais por dinheiro ao longo das incursões a campo, no entanto, o caso mais incisivo aconteceu em Íris, ocasião na qual contei com a companhia, em campo, de alguns pesquisadores do NaMargem – Núcleo de Pesquisas Urbanas⁴.

Fomos, eu e Evelyn, ao banheiro. No caminho, Osório se aproximou de nós e começou a perguntar da pesquisa. Em seguida, começou a falar do rancho⁵, nos convidando para ir para lá. Evelyn disse que estávamos acompanhadas por um amigo e pelo marido dela. Então ele encheu um pouco o saco, falando para falar para eles irem embora. Passou a falar da própria vida, da relação com sua mulher, que “...é difícil desmanchar uma sociedade...”, fazendo referência ao seu casamento. Falou que estava com problemas com filhos, que a mulher de um amigo veio junto com eles para Íris e que não sabe o que houve, mas sua mulher ligou falando que eles não vêm para pescar, e sim, para “galinhar”. Falou dessa relação, que na verdade nem vem para isso, mas quando Caio chega, ele muda a conversa, voltando a falar do rancho. Tentamos sair pela tangente, Evelyn diz que “...logo mais nos trombamos...”. Caio sugere que ela tome cuidado para não trombar com o “gordão”, momento no qual este abraça Evelyn, que tenta se desvencilhar. Eu não sabia o que fazer, mas sabia que a conversa não está valendo à pena e que tinha que acabar logo. Nos despedimos e entramos no banheiro.

Ao sairmos do banheiro, Osório e Caio nos abordaram novamente, falando da pesquisa, para terminarmos em outro lugar, no rancho deles. Falamos que não, que era sério, que não estávamos brincando. Então eles nos perguntaram se íamos ou não fazer o programa e qual o preço. Explicamos que eu tinha namorado e ela era casada, que éramos pesquisadoras e não era nossa intenção fazer programa. Neste momento já estávamos próximas da nossa mesa, e Evelyn os convidou para que se sentassem conosco, que tinha comida. Eles recusaram. Fomos para a mesa falar para a galera o que aconteceu e comer o peixe. (Diário de campo – abril de 2012)

O ‘choque’ com a possibilidade de fazer programa – no caso de Íris – mostra a alteridade que existe entre nós e elas. E a reação de argumentar dizendo que era

⁴ Essa ida foi no ano de 2012 e fui acompanhada por Evelyn Postigo, Roselene Breda e Daniel Ramos.

⁵ Rancho são casas que os turistas compram ou alugam na cidade para se hospedarem e as vezes dão festas.

compromissada – com o distanciamento temporal de hoje em relação àquela conversa com Osório e Caio – ilustra bem a representação geral (que também nós partilhamos) de que prostituição e casamento são dois opostos, na perspectiva da mulher e do homem. Ao mesmo tempo, é a forma que muitas mulheres encontram para justificar as negativas, quando não estão afim de outros homens. No contexto machista que nos encontramos, é mais fácil conseguir o respeito a uma negativa mencionando a existência de um parceiro (que no caso o respeito é em relação ao outro homem) do que um simples “não quero” ou “não estou interessada”. No decorrer do texto será possível perceber que, nos contextos de prostituição, as mulheres usam outros discursos para se livrarem de clientes dos quais elas não estão interessadas.

Outros casos de abordagens por possíveis clientes foram relatados por moradores da cidade, Dona Julieta, por exemplo, é uma mulher de aproximadamente cinquenta anos de idade: branca, gorda, cabelos pretos e enrolados, dona de uma quitanda da cidade de Íris. Em uma das conversas, ela disse que os turistas não sabem diferenciar quem é e quem não é “garota de programa”. Relata que já ofereceram mil reais para sua filha ir para o rancho e ela recusou. Mas insistência para que ela aceitasse a proposta foi tanta que a filha dela ameaçou chamar a polícia caso não parasse.

Na praça da cidade de Girassol, que é no centro da cidade onde se concentra grande parte do comércio, e, embora tenha um alto fluxo de pessoas, é muito frequentado por senhores aposentados que passam grande período do dia naquele espaço. Depois de cinco meses sentada nos bancos da praça e andando pelo mercadão, um senhor começou a me seguir, piscar e mandar beijos. Numa reportagem de jornal, algumas pessoas estavam reclamando que alguns homens abordavam mulheres que não estavam lá para fazer programa.

No início de 2011, fui à praça de Girassol acompanhada por uma senhora que falava que gostava de ir para boates de prostituição quando era nova, mas que nunca tinha feito programas. Passei a tarde na praça com ela, conversamos com algumas mulheres que estavam lá para fazer programas e, em certo momento, perguntou-me o que eu achava que mulheres daquela idade (mais de trinta anos) e senhoras estariam fazendo tanto tempo – o dia e a tarde toda – na praça, com a casa para cuidar, se não fossem programas. Imagino que tenha sido isso que levou aquele senhor andar atrás de mim, mandando beijos e piscadelas. Não retomo

essa frase como justificativa, nem como uma postura ideal para as mulheres. Mas ela reforça aquilo que as meninas e mulheres escutam desde cedo qual é o lugar da mulher, quais os espaços que deve circular e quais não devem. Assim como as roupas e a forma de se comportar.

Nos casos que fui diretamente abordada por eventuais possíveis clientes, a questão moral do território se mostrou relevante. Tanto na Avenida Juscelino Kubitschek quanto nas praças de Girassol e Íris, o fato de ser mulher, compartilhar e circular por esses espaços, em algumas situações foi assumido como pressuposto que eu (assim como outras mulheres) estaria fazendo programa.

1.2 Revisão bibliográfica

Teoricamente, tomei como guias os conceitos de legal-ilegal e moral-imoral, bem como os modos como estes conceitos emergem ao longo do trabalho de campo. Discutir as questões das leis, códigos internos, moralidades (que, embora nos fazem pensar que se trata da mesma coisa não é uma moralidade apenas, mas um conjunto de moralidade que se entrelaçam) e afetos – questão sobre a qual inicio aqui uma reflexão, mas que se encontra muito presente nos diários de campo.

Violência, produção de códigos e toda a construção do ilegal são questões que não podem estar desvinculadas da moral e do processo de subjetivação. Neste trabalho, será dessa forma que mobilizarei os conceitos. Para fim de melhor entendimento, optei por apresentar cada um deles em tópicos. No primeiro proponho uma discussão sobre moralidades partindo da ideia de Nietzsche da criação do bem e do mal, passando pelo fortalecimento do cristianismo na Idade Média e como a prostituição é julgada por essa moral. No segundo item trago dois exemplos atuais de como a moral dominante condena ainda essa atividade, fazendo um link de como a questão da moral cristã ainda está presente nas leis do Código Penal brasileiro. Em seguida, retomo algumas bibliografias acerca da prostituição. No quarto, trago como os movimentos de prostitutas propõe uma inversão nesses valores. No quinto tópico, questões de ilegalidades. E, por fim, de que a prostituição está presente no Código Penal.

1.2.1 Moralidades

Esta parte do texto é dedicada à reflexão de elementos teóricos que subsidiam a discussão relativa às moralidades aqui mobilizada. Argumento que existem várias moralidades, e, ao mesmo tempo, existe uma hierarquia entre elas, a despeito de ganharem forma de modo situacional/relacional.

Falo de um lugar enquanto mulher, pobre, de família religiosa, cujos comportamentos e crenças são fortemente influenciados por aquilo que é ditado pela “televisão” por meio de suas novelas, programas religiosos, programas de “variedades”, telejornais etc., no que toca modos de comportamento. Conversando com mulheres e travestis ao longo da pesquisa, foi possível perceber e discutir, inclusive, os modos por meio dos quais tais valores estão presentes nas nossas vidas. Trata-se de um tipo de valoração que ronda nosso cotidiano, caracterizado pelo senso comum baseado em valores do cristianismo que são, por sua vez, amplamente difundidos em novelas e programas de televisão. É um modelo de representação no qual a puta é uma vergonha para sociedade e o estudante é o “futuro do país”.

Por outro lado, a figura da prostituta se constitui um objeto de desejo de muitos homens, principalmente em contraposição à mulher do lar, vista como frígida⁶. Nas conversas, elas reforçam constantemente o perfil dos homens dispostos a pagar pelo programa para as prostitutas é, na sua maioria, de homens casados ou que namoram e que eles chegam a mostrar as fotos das esposas ou namoradas nas carteiras, mas as julgam como “fraquinhas”. Em um relato de Bianca, ela contou que o ex-marido a deixava em casa e ia para a zona. A descoberta motivou sua opção pelo trabalho na casa. E disse que se ele quisesse algo com ela seria na zona e pagando.

Ao mesmo tempo existe uma moral que condena as práticas de prostituição, e outra que valoriza, são moralidades que regem simultaneamente. Não significa que as moralidades se limitam a esses dois extremos, da mesma forma, há outros parâmetros de moralidades compartilhados por aqueles que compartilham esses contextos de prostituição.

⁶ Foucault, por exemplo, fala da histerização do corpo da mulher que tem como exemplo a mãe na figura da “mulher nervosa” (FOUCAULT, 2014, p. 113)

Iniciarei com a construção da valoração negativa da figura da prostituta, isso porque além da análise histórica destas moralidades poder contribuir para a reflexão do motivo de tanto repúdio por essa prática, nos ajuda a pensar como esses valores estão associados à produção de leis. Muito da carga moral que carrega a prostituta, atualmente no Brasil, tem origem sobretudo no contexto da Idade Média, dado que este é o período no qual a Igreja Católica se fortalece e passa a influenciar mais fortemente a vida cotidiana das pessoas, ditando as regras morais que devem ser seguidas, as condutas a serem tomadas, e o crime – baseado no pecado – que deve ser punido. Para além das questões econômicas ou dos crimes de ordem legal, a prostituição é, no sistema de valores cristãos, um pecado.

A genealogia da moral elaborada por Nietzsche é, também, a genealogia da linguagem. O poder está na própria linguagem, no direito mobilizado por parte de um grupo de criar nomes. A questão da genealogia da moral, em Nietzsche, está associada à noção de direito, em primeira instância inclusive com lógicas e terminologias de mercado/ economia, e ao cristianismo. Ele ressalta que devemos nos questionar sobre o porquê de uma gama de valores ser superior a outra? Por que esta ou aquela moral? Quem disse que algo é bom? “[...] o juízo ‘bom’ não provém daqueles aos quais se fez o ‘bem’! Foram os ‘bons’ mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, e vulgar e plebeu [...] tomaram para si o direito de criar valores, cunhar nomes para os valores: que lhe importava a utilidade!” (NIETZSCHE, 2009, p. 16-17)

“O sentimento de culpa em relação à divindade não parou de crescer durante milênios, e sempre na mesma razão em que nesse mundo cresceram e foram levados às alturas o conceito e o sentimento de Deus. [...] O advento do Deus cristão, o deus máximo até agora alcançado, trouxe também ao mundo o máximo sentimento de culpa. (NIETZSCHE, 2009, p. 73)

Nietzsche se dedica a apresentar a relação entre as noções de “culpa” e “dever” e os pressupostos religiosos que amparam tal relação. A origem desse sentimento, para o autor, se deu na relação entre comprador e devedor, credor e devedor, para ele a mais antiga relação entre as pessoas. O homem é, para Nietzsche, o ser que mede valores e que a relação de compra e venda é o início da organização social ou aliança:

[...] foi apenas a partir da forma mais rudimentar de direito pessoal que o germinante sentimento de troca, contrato, débito [*schuld*], direito, obrigação, compensação, foi *transposto* para os mais toscos e incipientes complexos sociais (em sua relação com complexos semelhantes), simultaneamente ao

hábito de comparar, medir, calcular um poder e outro. (NIETZSCHE, 2009, p. 55)

O seu ponto de início para pensar a moral reside na moralização da culpa e do dever com base a má consciência. Para o autor, culpa e dever estão associados à noção de criação, do começo da espécie, ao ancestral comum que passa a ser amaldiçoado (Adão e o “pecado original”), à natureza ou à própria existência (pensando em outras religiões/ filosofias de vida). No cristianismo, por exemplo, vemos:

“[...] o próprio Deus se sacrificando pela culpa dos homens, o próprio Deus pagando a si mesmo, Deus como único que pode redimir o homem daquilo que para o próprio homem se tornou irredimível – o credor se sacrificando por seu devedor, por *amor* (é de se dar crédito?), por amor a seu devedor!...” (NIETZSCHE, 2009, p. 74-75)

Essa necessidade de se torturar e culpabilizar, encontrou no deus do cristianismo uma grande justificativa: “Somos todos pecadores” (NIETZSCHE, 2009).. Naquele contexto “O castigo teria o valor de despertar no culpado o *sentimento de culpa*, nele se vê o verdadeiro *instrumento* dessa reação psíquica chamada ‘má consciência’, ‘remorso’.” (NIETZSCHE, 2009, p. 64). Aqui, ação classificada como “ruim” e, portanto, passível de castigo, tem como referência este conjunto de valores.

O texto de Nietzsche (2009) permite traçar, historicamente, no que toca a condição da mulher, a relação da moral que impera na sociedade, com a moral cristã, na qual a mulher é julgada, em primeiro lugar, como ser inferior ao homem. Este sistema de valores aponta dois tipos ideais de mulher que será trado em seguida: a mulher do lar, dona de casa, para casar o exemplo a ser seguido e; a mulher corrompida, pecadora, puta.

A Idade Média corresponde a uma parte da história da Europa que, cronologicamente, se estende do século V ao XV. Divide-se entre Alta e Baixa Idade Média, esta última fase com início após o século X. Este período é caracterizado por muitas guerras e doenças, cujos efeitos e desdobramentos resultaram na dizimação de grande parte do povo europeu. Trata-se, também, de uma era fortemente marcada pelo significativo aumento da influência e poder da Igreja Católica, com as Cruzadas, e com a Santa Inquisição⁷, espécie de

⁷ Fundado pelo Papa Gregório IX, o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição mandou para a fogueira milhares de pessoas, condenadas como hereges (praticante de heresias; doutrinas ou práticas contrárias ao que é definido pela Igreja Católica), pela prática de atos considerados bruxaria, ou simplesmente por serem praticantes de outra religião que não o catolicismo. Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia/a-santa-inquisicao/>. Acesso: 19/03/2014.

tribunal religioso cujo intuito foi condenar e punir todos aqueles que eram contrários aos dogmas da Igreja.

Richards (1993), em *Sexo, desvio e danação*, pontua três ameaças às estruturas sociais e ideológicas estabelecidas: a doença, a sexualidade e a raça. De acordo com ele:

Isto era particularmente verdadeiro na Idade Média, onde uma minoria racial (os judeus), uma doença (a lepra) e uma minoria sexual (os homossexuais) eram vistos como ameaça para o eu definido como cristão, saudável e heterossexual. Mas, dada a esmagadora importância da religião, havia um outro predominante – o Diabo – presente por trás da consciência da atividade das minorias, inspirando-as na busca da destruição da ordem divina. (p. 30)

Quem foge da norma estabelecida, nessa lógica, está cometendo um crime contra Deus. A doença da “lepra” é a metáfora aplicada à heresia, contaminando os homens ‘de bem’, ‘de Cristo’. Vê-se, então, a lepra associada ao pecado, ao sexo e isso explicou a razão de proibirem a entrada de leprosos em prostíbulos (RICHARDS, 1993, p. 31). O resultado disso foi a exterminação de muitos judeus, homossexuais, prostitutas. A lepra, naquela época, foi uma ameaça moral e física vinda das minorias ‘perigosas’⁸.

Para entender um pouco sobre o que o sexo representou – e ainda representa – na Igreja, Richards retoma a história de Adão e Eva, na qual o pecado original é a descoberta do sexo. Ele é o ‘mal necessário’ para a reprodução. “O sexo não deveria ser usado por mero prazer. Segundo essa definição, todo sexo fora do casamento, tanto heterossexual quanto homossexual, era pecado, e, dentro do casamento, só deveria ser usado para fins de procriação” (RICHARDS, 1993, p. 34).

Devido à grande influência da Igreja nos reinos da Idade Média, o pecado e o crime andaram de mãos dadas, ou seja, não existiu uma separação precisa entre um e outro:

Tal concepção contribuiu para se compreender por que no código existia a convergência entre as ideias de crime e pecado e de punição e penitência. O combate do soberano aos atos pecaminosos era simultaneamente um empenho em favor da ordem social e o fortalecimento da fé dos seus súditos. (SILVA, 2011, p. 37)

⁸ Assim como no caso da AIDS, em que o contágio com o vírus HIV está associado aos ‘grupos de risco’ sendo eles, principalmente, o dos homossexuais e o das prostitutas. Mais que um problema de saúde, trata-se, também, de uma questão moral, que caracteriza e pune a ‘promiscuidade’.

Enquanto isso, para as mulheres, “os crimes de concubinato, adultério e alcovitagem eram de foro sexual e prejudicavam a célula mater da cristandade, a instituição familiar, assim como Eva condenou Adão e seus descendentes às misérias e às dores do mundo” (SILVA, 2011, p.39) ⁹. Vale ressaltar que adultério é um crime feminino, é um pecado infernal relacionado apenas à mulher; com isso, o homem tem o direito de limpar a honra matando sua mulher e o amante dela¹⁰, exceto se for hierarquicamente superior a ele.

Na Idade Média, as prostitutas frequentavam tavernas, praças, casas de banhos e até mesmo as igrejas. Existiam também zonas conhecidas como “luz vermelha”, além de muitas cidades possuírem uma Rua da Rosa, isso porque “colher uma rosa” era um eufemismo para “copular com uma prostituta” (RICHARDS, 1993, p.121). Assim como hoje, havia uma hierarquia no negócio do sexo daquela época. Em primeiro lugar vinha o bordel municipal em que as prostitutas pagavam o aluguel à cafetina e também à proteção da vigilância. Depois vinham as casas particulares menores. Havia também a prostituição em casas de banho. Por último eram as prostitutas autônomas que não usufruíam de lugares fechados e protegidos para o programa. A vestimenta era importante para caracterizar a prostituição, bem como diferenciar das mulheres ‘de família’.

Mesmo a Igreja condenando o sexo, na sociedade havia uma tolerância na atividade sexual masculina tanto antes quanto depois do casamento. Segundo o autor, a justificativa para isso era que com a prostituta os homens poderiam aliviar suas ‘necessidades sexuais’ ao invés de se aproximar de esposas e filhas, além de ‘desestimular’ os estupros em gangue e a homossexualidade. Essas questões apontadas pelo autor mostram o porquê da prostituição aparecer sempre como o “mal necessário”.

Os clientes em geral eram “camponeses, mercadores, peregrinos, trabalhadores migrantes, soldados em visita a uma cidade, assim como os homens em geral que estivessem longe de sua casa e família” (RICHARDS, 1993, p.123). Além desses, o clero constituía por volta de 20% das clientelas das casas de banhos e bordéis, isso foi motivo de humor da cultura popular.

⁹ Em Gênesis, Capítulo 3 – versículo 16. Javé Deus disse então para a mulher: "Vou fazê-la sofrer muito em sua gravidez: entre dores, você dará à luz seus filhos; a paixão vai arrastar você para o marido, e ele a dominará". Disponível em: <http://www.bibliacatolica.com.br/biblia-da-cnbb/genesis/3#.Uzg0LKhdVvk>.

¹⁰ No Brasil, isso começa a ser superado, em termos institucionais e legais, recentemente, sobretudo com a Lei Maria da Penha criado no ano de 2006.

Com a formação e o crescimento das cidades, a prostituição também aumentou, e a Igreja toma a frente para lidar com isso. Para Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, e outros, a prostituição deveria existir para que houvesse ordem nas cidades, caso contrário haveria um caos. Isso não quer dizer que a prostituição foi aceita de ‘braços abertos’ e bem vista, pelo contrário, em várias cidades essas mulheres foram acusadas de desordem pública, e, com isso, sofriam as consequências – perdiam seus pertences, eram presas, expulsas da cidade, etc. Em outros casos, como o do rei Luís IX (1226-1270) da França, buscou eliminar a prostituição com o dever de moralizar o reino. O resultado disso foi a eliminação dessas mulheres de alguns espaços, e restringindo-as à algumas zonas afastadas das cidades. Assim como ainda acontece, e aconteceu com algumas mulheres no centro de São Carlos.

Com relação às leis, os direitos civis das prostitutas eram privados pela Igreja, com exceção da simonia – venda de favores divinos – elas não podiam denunciar outras pessoas de crimes, não eram consideradas vítimas de estupro e não podiam herdar propriedades. Richards ressalta que houve mudanças em relação à prostituta com o tempo, por exemplo, algumas infrações que antes eram punidas com o açoitamento e perda das roupas passou a ser penalizado com multas.

O rebaixamento moral da prostituição, para Simmel, é uma confluência de dois fatores: a honra sexual da mulher e o dinheiro. “[...] o aviltamento da prostituição se deve justamente ao fato de que ela degrada a posse mais pessoal, mais ‘reservada’ da mulher [...]” (SIMMEL, 2006, p.52). Ou seja, a mulher, nessa visão, compromete o máximo do seu eu. Isso não justifica apenas a desvalorização moral da prostituição, mas o fato de que a mulher adúltera é muito mais condenada que o homem (SIMMEL, 2006, p. 55), além da honra da mulher estar associada com a sua sexualidade, devendo ser mais reclusa possível. Como contraponto, o autor traz informações sobre as chamadas “civilizações mais primitivas” em que a prostituição não é vista como degradante nem desmoralizante. Isso porque além de toda a questão da moral da mulher, a desproporção entre mercadoria e o preço a pagar na prostituição que faz dessa atividade desvalorizada, não acontece nessas outras sociedades.

No texto de Nestor Perlongher, ele retoma uma citação Bruner e Finkelkraut, que relaciona a degradação moral do ser prostituído àquele corpo que é penetrado:

Se a prostituição masculina tivesse se desenvolvido entre mulheres, as clientes é que continuariam a ser chamadas de putas, pois é evidente que o que consideramos prostituído não é tanto o corpo vendido, mas o corpo

penetrado. Só atingem essa degradação as mulheres, ou, na falta delas, os enrabados. (BRUCKNER e FINKIELKRAUT, 1979, apud PERLONGUER, 1985, p.21)

1.2.2 Pecado e moral: atualização contemporânea na esfera da prostituição

Tomando como ponto de partida uma das considerações acima, mais precisamente a que se refere ao pecado como algo que ronda a mulher, sendo ela a responsável, a partir de suas atitudes, por se livrar ou não do pecado inicial (Eva ter provado do fruto proibido), elaboro minha reflexão sobre ilegalidade. Parto da hipótese de que algumas leis – no caso particular deste estudo especialmente as relacionadas com as práticas em torno da prostituição – tem origem na moralidade cristã. Um exemplo da consequência disso no cotidiano é o texto de uma sentença, no estado do Rio de Janeiro, em 2011, ocasião na qual uma casa de prostituição – que é crime no Código Penal Art. 229 – foi autuada. Na sua argumentação o juiz questiona algumas dessas leis:

Inspirado na letra da música Geni e o Zepelim, conhecida como Joga pedra na Geni, de Chico Buarque, que abre e fecha a sentença, o juiz da 2ª Vara Criminal de São Gonçalo, André Luiz Nicolitt, bateu o martelo: crime é diferente de pecado. A canção fala de prostituição. E, numa tacada só, Nicolitt absolveu e revogou a prisão de cinco acusados, um deles policial civil, de formação de quadrilha, manter casa de prostituição e rufianismo (tirar proveito de prostituição alheia). O magistrado alegou que não há menores no caso, e, sim, pessoas adultas capazes de exercer como atividade profissional a venda do sexo. [...] Na sentença, o magistrado sustenta que não há dúvidas de que cabe ao juiz concretizar valores constitucionais e não consagrar moralidades eventuais ou mesmo hipocrisia. André Luiz Nicolitt defende ainda que não pode considerar crime comportamentos que mais se aproximam do pecado, tampouco pode considerar crime condutas socialmente adequadas, como o caso da casa de prostituição e do rufianismo.¹¹

Nietzsche, em *Anticristo* e Weber, em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, apresentam o processo por meio do qual o cristianismo se enraizou na cultura ocidental. Não precisa ser cristão e frequentar uma igreja para compartilhar seus valores. É isso o que a reportagem sobre a sentença do juiz, figura responsável pelo cumprimento das leis traz a tona, quando ele coloca em questão as bases de moral cristã ainda bastante presente nas leis do país.

¹¹ Reportagem vinculada no jornal ..., intitulada “**Juiz libera casa de prostituição no Rio de Janeiro**” . Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/juiz-libera-casa-de-prostituicao-no-rio-de-janeiro,442a0970847ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

Sobre essa questão que abarca ilegalidade e moralidade, mobilizo um trecho da música de Negra Gizza, *Prostituta*¹², que aborda o fato de que se trata de uma atividade associada ao mal, ao demônio. Tal carga valorativa, além ser julgada pelos de “fora” do circuito da prostituição, é julgada e condenada pela própria prostituta, algo que afeta diretamente a vida da personagem da música:

*Ontem vi um anúncio no jornal
Vi na TV no outdoor e em digital
Pediam mulheres com corpo escultural
Pra dar prazer a homens, mulheres e até casal
Mas na real o que eu quero é ser artista
Dar autógrafos, entrevista ser capa de revista
Quero ser vista bem bonita na televisão
Rolé de carro e não mais de camburão, não
Tô deprimida nesse ambiente de desgraça
Traficantes, parasitas, viciados psicopatas
Um baseado pra afastar essa fadiga
Dessa noite sedentária de orgia e mal dormida
Não choro mais, sei que me perdi
Tô consciente, o meu destino eu escolhi
Das pragas sociais sou a pior
Cocorococó eu sou o efeito dominó
O lenocínio ofusca, induz, coage, atrai
O marinheiro aventureiro sorrateiro desembarca e cai
Sou de quem me vir primeiro
Sou a ausência do amor com a presença do dinheiro*

Refrão.

***Sou puta sim vou vivendo meu jeito
Prostituta atacante vou driblando o preconceito***

***Os crentes dizem que vendo a alma pro capeta
Sei muito bem que não sou mais mulher direita
Não sei se é certo, mas faço parte do bordel
Um redevú, que mais parece a torre de babel
Sinto os sintomas da fadiga no meu corpo
Mais sedativos aliviam as conseqüências desse aborto
A **perversão deixa profundas cicratizes**
Em desespero já tentei vários suicídios
Quem me vê aqui, sorri assim tão inocente
Não percebe a **malícia da serpente**
Dou mais um dois e alivio essa tensão, ou não?
Na madrugada toda puta é a imagem do cão, ou não?
Sem carteira vou guiando, sentido contra mão
Artigo cinco nove lei da contravenção
Vou despertando a libido de um velho ou de um menino
Considerada aqui na zona a rainha do erotismo
Santo agostinho é meu santo protetor
Contradição é minha marca na reza e na dor***

¹² Link: <http://www.vagalume.com.br/nega-gizza/prostituta.html#ixzz37yGTGp14>

*Sou o retrato três por quatro desse povo brasileiro
Sou a ausência do amor com a presença do dinheiro*

Refrão.

*Sou puta sim vou vivendo meu jeito
prostituta atacante vou driblando o preconceito*

*ser meretriz triste e feliz, codinome vagabunda
entre o mal e o bem vou deixar de ser imunda
 você acha que é falta de moral. Promiscuidade excessiva
seja puta dois minutos e sobreviva
tenho sonho, amor e vaidade
um téco ajuda suportar a enfermidade
as famílias me odeiam por causa da luxúria
mas só vendo a minha carne, e meu carinho quem procura [...]*

Negra Gizza – Prostituta (grifos meus)

Muito além de questões econômicas ou de ordem legal, a prostituição é, antes de tudo, um pecado. Isto está presente na música, sobretudo nas partes destacadas. Estes trechos vão de encontro com alguns dos casos com os quais me deparei durante os trabalhos de campo e que serão explorados mais adiante.

Bourgois e Schonberg (2009) tratam do julgamento moral sobre as pessoas, e, elaborando uma reflexão a partir de moradores de rua, apontam que entre eles também há compartilhamento de moralidades, construção de hierarquizações e valores que são respeitados. Assim como no universo da prostituição, estes sujeitos não são apenas alvos e vítimas de morais externas. Na interpretação proposta pelos autores, os grupos marginalizados criam, recriam, e compartilham ordens morais, a despeito de estarem, ou não, baseadas nos conjuntos de valores dominantes.

1.2.3 Prostituição

A prostituição é considerada – o que é amplamente difundido no senso comum – uma das ‘profissões’ mais antigas do mundo. Adaptando-se às transformações territoriais, sociais, morais e legais, e variando suas dinâmicas em cada contexto, persiste como fenômeno observável ao longo do tempo. Nickie Roberts (1992), num romance, recupera formas distintas de prostituição, desde a Antiguidade até a década de 1990, apresentando inicialmente sua importância social e política, que cedeu lugar à representação dessa prática como algo malicioso, pervertido, que deve ser eliminado ou escondido. Margareth Rago (1985 e 1996) faz uma retomada histórica da prostituição no Brasil e, mais especificamente, em São Paulo. Frente às interpretações que se deram no período, e que permanecem até nos

dias de hoje, a autora critica o olhar sobre a prostituição pela “lógica do negativo” que vê essa mulher como vítima e/ou psicologicamente doente. Defende que a mulher faz sim uma escolha em ser prostituta evidentemente condicionada pelo repertório de alternativas que lhe são oferecidas em dado contexto.

Pelo fato da prostituição se apresentar “como uma atividade provocadora e desconcertante para a sociedade” (BRASIL, 2002, p.13), em muitas legislações ainda é negada a condição profissional à atividade da prostituta. No entanto, os termos utilizados para se tratar da prostituição em todo o texto serão, na maioria das vezes, relacionado a uma forma de trabalho. Primeiramente, isso se deve à forma pela qual as próprias prostitutas com as quais conversei durante todo o trabalho de campo se veem. Segundo, porque ser prostituta é uma ocupação legal e se enquadra na categoria “profissional do sexo”, da Classificação Brasileira das Ocupações (CBO). Terceiro, a bibliografia (SIMÕES, 2011; OLIVAR, 2007; PASINI, 2005) também vem tratando a prostituição como um trabalho. E, por último, a profissionalização é uma reivindicação de vários movimentos de prostitutas.

Hoje, devido aos movimentos das prostitutas que gerou um livro importante sobre o assunto (BRASIL, 2002), o termo prostituição é empregado para fazer referência à prestação voluntária de serviços sexuais por pessoa adulta, isto é, maior de 18 anos, e com negociação prévia dos tipos de serviços que serão realizados, sexuais ou não. “A utilização da criança/adolescente como objeto sexual ocorre como uma relação de exploração de trabalho” (SILVA, SENNA & KASSAR 2005, p. 36). Ou seja, qualquer ato sexual que acontece com menores de 18 anos é, juridicamente, classificado como exploração sexual, diferenciando-se, portanto, da prostituição voluntária. A criança está fora dessa lógica de prostituição como profissão reivindicada pelos movimentos da categoria.

Cláudia Fonseca (1996) estuda a prostituição exercida em praças por mulheres mais velhas. Outros autores estudam a distinção entre a prostituição na rua e em bordéis, caso do texto de Renan S. Freitas: *Bordel, bordéis: negociando identidades*. O autor verifica os modos como o bordel “supõe uma fronteira física bastante clara, um portão, que cria o lado “de dentro” e o lado “de fora”: ele segrega as prostitutas que recruta.” (FREITAS, 1985; p. 49). A questão das fronteiras entre o legal, legítimo, moral e respeitável e seu avesso, que deve habitar os porões sociais, aparece novamente. Na rua, por outro lado, as prostitutas não estão “segregadas” fisicamente; ali, ocupam um espaço público urbano, e, aparentemente, não tem vínculos com um cafetão. Elisiane Pasini (2005) e Soraya Simões (2010), entretanto,

expandem essa abordagem ao tratar com minúcia do mercado o sexo na Vila Mimosa¹³, Rio de Janeiro. Nesse contexto não se trata apenas da prostituta, mas de analisar um mercado bastante mais amplo: o mercado imobiliário, os taxistas, os donos e funcionários de bares, os cabeleireiros, as manicures, etc., que compõem um circuito de trocas que gravitam em torno do negócio e da moralidade da prostituição. As transitividades entre o legal e o ilegal, portanto, mostram-se como intrínsecas às fronteiras em questão.

A despeito da produção bibliográfica mais recente reivindicar em seus discursos a prostituição como uma atividade legítima, no Brasil esse ofício não encontra aceitabilidade moral para ser aceito como forma de *trabalho*; por outro lado, também não é considerado *crime* pelo Código Penal. Ainda assim, diversas práticas em torno da prostituição seguem sendo consideradas ilegais. O turismo sexual, por exemplo, é muitas vezes visto como tráfico de pessoas, ainda que a bibliografia recente questione esses termos. Adriana Piscitelli (2007) e Kamala Kempadoo (2005) fazem essa discussão, especificamente, ao tratar de mulheres que saem do seu país de origem para exercer prostituição em outros; Flávia Teixeira (2008), por sua vez, faz esse mesmo trabalho tendo agora as travestis como foco. Os trabalhos acadêmicos caracterizam essa mobilidade, centrada na mudança de território, sobretudo como forma de sociabilidade própria daqueles contextos que, no entanto, tende a ser criminalizada quando enquadrada na categoria jurídica de tráfico de pessoas.

A revisão bibliográfica demonstra como as questões levantadas pelo debate proposto extrapolam, e muito, a esfera acadêmica. Gabriela Leite (2005), autora e representante da Rede Brasileira de Prostitutas¹⁴, José Miguel Olivar (2007, 2009) e Laura Agustín (2008) defendem a prostituição como um trabalho que deve, por direito, ser respeitado e não criminalizado em seus desdobramentos. José M. Olivar (2007, 2009) e Gabriela Leite¹⁵ afirmam que a legitimidade da prostituição será possível, (em seus termos, o “direito humano de ser puta”), quando os direitos sexuais dessas mulheres forem respeitados. Trata-se, portanto, de uma questão acima de tudo moral. Além desses autores, Soraya Simões (2010,

¹³ Vila Mimosa é uma das mais famosas zonas de prostituição do Rio de Janeiro.

¹⁴ A Rede Brasileira de Prostitutas é uma organização resultante do I Encontro Nacional de Prostitutas. Existem outras organizações de prostitutas no país, inclusive que não tem intenção de reconhecer a prostituição como profissão.

¹⁵ Esta é uma referência à Mesa Redonda “Prostituição: de ocupação à profissão”, realizada no Rio de Janeiro dia 16/12/2011, na qual Gabriela Leite (representante da ONG Davida) foi convidada para falar sobre o tema.

2011) tem escrito muito sobre os movimentos de prostitutas, principalmente no contexto do Rio de Janeiro, defendendo também a profissionalização.

1.2.4. Uma aposta na inversão de valores para o movimento de prostitutas¹⁶

Nas ciências humanas, o tema da profissionalização tem sido tratado de diferentes formas. Para os objetivos específicos deste trabalho, a tematização proposta por Parsons (1967), ao abordar a profissionalização como uma questão moral e afirmar que a inicialização de uma atividade demanda conhecimentos específicos de códigos, me parece um contraponto rentável para refletir acerca das tentativas de profissionalização da prostituição. A partir de diferentes perspectivas, a prostituição se constitui em atividade que não pode ser qualificada como um trabalho, muito menos ser considerada como uma profissão. Dadas estas condições, é relevante destacar a luta por parte dos movimentos que mobiliza no discurso de profissionalização uma valoração moral positiva sobre essa atividade.

O jornal *Beijo da Rua*, em 2002, publicou uma reportagem sobre a prostituição na Alemanha, onde passou a ser considerada como um trabalho. Segundo Friederike Strack, autor do artigo no jornal, as transformações são pautadas em “três artigos, que afirmam indiretamente que o trabalho sexual não é mais um trabalho contra a moral e os bons costumes.” (STRACK, 2002, p. 4). Essa mudança tem reflexos em vários âmbitos da vida das prostitutas:

Agora, com o reconhecimento como trabalho (e não como profissão), uma prostituta já pode apresentar uma denúncia quando um cliente se recusar a pagar. Na prática isso só tem um valor simbólico, porque as mulheres sempre recebem o dinheiro antes do programa. Também já é possível fazer contratos entre um dono ou uma dona de bar ou bordel e trabalhadoras sexuais. (STRACK, 2002, p. 4)

Baseado nessa iniciativa alemã, o deputado Fernando Gabeira (PV) elaborou, em 2003, um projeto de lei que visava a supressão do crime de lenocínio, cujas justificativas estão presentes na seguinte citação:

Já houve reiteradas tentativas de tornar legalmente lícita a prostituição. Todas estas iniciativas parlamentares compartilham com a presente a mesma inconformidade com a inaceitável hipocrisia com que se considera a questão. Com efeito, a prostituição é uma atividade contemporânea à própria civilização. Embora tenha sido, e continue sendo, reprimida inclusive com

¹⁶ Esta parte foi desenvolvida durante a disciplina que de Sociologia das Ocupações e Profissões. Para sua realização, utilizei algumas edições do *Jornal Beijo da Rua*, inclusive da época que Fernando Gabeira propôs a descriminalização de práticas associadas à prostituição (manutenção de casas, lenocínio, etc.). Um dos argumentos presentes em muitas dessas reportagens é a questão da moralidade em torno da prostituição.

violência e estigmatizada, o fato é que a atividade subsiste porque a própria sociedade que a condena a mantém. Não haveria prostituição se não houvesse quem pagasse por ela. Houve, igualmente, várias estratégias para suprimi-la, e do fato de que nenhuma, por mais violenta que tenha sido, tenha logrado êxito, demonstra que o único caminho digno é o de admitir a realidade e lançar as bases para que se reduzam os malefícios resultantes da marginalização a que a atividade está relegada. Com efeito, não fosse a prostituição uma ocupação relegada à marginalidade – não obstante, sob o ponto de vista legal, não se tenha ousado tipificá-la como crime – seria possível uma série de providências, inclusive de ordem sanitária e de política urbana, que preveniriam os seus efeitos indesejáveis. O primeiro passo para isto é admitir que as pessoas que prestam serviços de natureza sexual fazem jus ao pagamento por tais serviços. Esta abordagem inspira-se diretamente no exemplo da Alemanha, que em fins de 2001 aprovou uma lei que torna exigível o pagamento pela prestação de serviços de natureza sexual. Esta lei entrou em vigor em 1º de janeiro de 2002. Como conseqüência inevitável, a iniciativa germânica também suprimiu do Código Penal Alemão o crime de favorecimento da prostituição – pois se a atividade passa a ser lícita, não há porque penalizar quem a favorece. No caso brasileiro, torna-se também conseqüente suprimir do Código Penal os tipos de favorecimento da prostituição (art. 228), casa de prostituição (art. 229) e do tráfico de mulheres (art. 231), este último porque somente penaliza o tráfico se a finalidade é o de incorporar mulheres que venham a se dedicar à atividade. Fazemos profissão de fé que o Legislativo brasileiro possui maturidade suficiente para debater a matéria de forma isenta, livre de falsos moralismos que, aliás, são grandemente responsáveis pela degradação da vida das pessoas que se dedicam profissionalmente à satisfação das necessidades sexuais alheias ¹⁷.

O projeto foi apresentado ao Congresso Nacional em 2003, mas arquivado. Atualmente, o deputado Jean Wyllys (PSOL) volta a discutir sobre o lenocínio e a regularização da prostituição no Brasil ¹⁸. Em 2003, este mesmo jornal Beijo da Rua publicou outra reportagem sobre a importância da profissionalização da prostituição:

A regulamentação da profissão trará benefícios da cidadania para as prostitutas, tornando-as mais visíveis e com mais direitos na sociedade [...] Para Liliana, apesar de o movimento ter feito sete encontros pelo Brasil este ano, é necessário que se visibilize cada vez mais. “Sem visibilidade, há o cerceamento dos direitos”, definiu Liliana. Por isso o Ministério da Saúde apoia o projeto do deputado federal Fernando Gabeira, que regulamenta a profissão das profissionais do sexo. A regulamentação, afirmou ela, reduz vulnerabilidade das profissionais do sexo e agrega direitos à nova profissão. (NOBRE, 2003, p. 3)

¹⁷ Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/114091.pdf> Acesso em nov. 2015.

¹⁸ Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/01/15/deputado-quer-aprovar-ate-a-copa-do-mundo-projeto-de-lei-que-regulariza-a-prostituicao-no-brasil.htm>> Acesso em jan.2013.

É possível perceber que, assim como tematizado em vários textos que abordam a prostituta no exercício do seu trabalho, a escolha por conferir à prostituição o *status* de profissão é uma busca por reconhecimento num âmbito que é sobretudo moral, ainda que a conquista dos direitos da profissão se faça presente.

O ano de 2002 marca, também, a inclusão da categoria “profissional do sexo” na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), do Ministério do Trabalho e Emprego. Garota de programa, garoto de programa, meretriz, messalina, michê, mulher da vida, prostituta, trabalhador do sexo, são outras formas de denominar quem exerce esse tipo de atividade. No *site* da CBO, é possível ver sua descrição sumária:

Buscam programas sexuais; atendem e acompanham clientes; participam em ações educativas no campo da sexualidade. As atividades são exercidas seguindo normas e procedimentos que minimizam a vulnerabilidades da profissão¹⁹.

Portanto, se prostituir no Brasil, conforme a CBO não é crime, é uma ocupação. No entanto, esse ofício não encontra legitimidade moral para ser aceito como forma de trabalho a despeito de ser considerado crime pelo Código Penal. Ainda assim, diversas práticas em torno da prostituição, sobretudo as que visam angariar lucros a partir do trabalho daquele que se prostitui, seguem sendo consideradas ilegais (RODRIGUES, 2004). Compartilhando os espaços do mercado do sexo (com prostitutas, cafetões, funcionários, por vezes traficantes), as prostitutas acabam sendo vitimizadas pela lei, e condenadas pela moral.

A prostituição, na esfera da constituição brasileira é uma ocupação²⁰. Que é diferente de como se apresenta nos termos acadêmicos da Sociologia das Profissões. Para os movimentos, no entanto, a busca por reconhecimento da prostituição como profissão está mais ligada à tentativa que parte dos movimentos de minimizar o estigma do que é ser prostituta, e não apenas criar direitos trabalhistas e carteiras assinadas.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloA-Z.jsf>> Acesso em 16/09/15.

²⁰ Mas com restrições o crime de lenocínio e manutenção de casas de prostituição. É importante pensar, com esses crimes, que a prostituição é uma das poucas atividades, senão a única, que não é permitido a exploração de mais valia.

1.2.5 Ilegalidades

“O poder do gângster baseia-se sobretudo em seu controle das atividades de jogo. Em nossa sociedade de classe média, o jogo é uma atividade não respeitável. Na Itália, bem como em muitos países europeus, é tomado como um fato, e o Estado promove suas próprias loterias. Os protestantes tendem a identificar lei e moralidade e, portanto, a considerar atos ilegais como imorais. A igreja católica não faz essa identificação. O jogo é uma questão temporal. O Estado tem o direito de proibi-lo, mas a proibição legal não torna o jogo imoral. De acordo com a igreja, o jogo é imoral apenas quando o jogador trapaceia, usa dinheiro que não é seu ou priva seus dependentes do que necessitam para sua manutenção. Ao reconhecer que o jogo muitas vezes envolve essa privação e que tende a estar associado a atividades imorais, a igreja o vê com suspeita, mas isso é bastante diferente de um absoluto banimento moral.” (WHYTE, 2005: 156)

Retomo este trecho de Foote Whyte para pensar sobre questões de moralidades e legalidades. Tratando sobre o jogo, o autor argumenta que para os protestantes essa atividade é ilegal e imoral. Ao contrário dos católicos que mesmo o jogo sendo crime, no Estados Unidos, eles não consideram uma atividade imoral, eles não fazem associação imoral e ilegal que os protestantes fazem para essa atividade. No Brasil, a prostituição, por sua vez, é uma atividade legal mas julgada como sendo imoral.

O Código Penal, documento de referência do direito penal, define as ações consideradas delituosas, e nem sempre se referencia nos valores morais amplamente aceitos. Tomando como referência Michel Foucault (2010), quando afirma que o sistema penal não serve para acabar definitivamente com os ilegalismos, mas para gerir diferencialmente as ilegalidades, considero nessa pesquisa que o código Penal não garante e não tem intenção de fazer com que práticas ilegais em torno da prostituição deixem de existir. Trata-se de administrá-las.

A gestão de ilegalismos, de que fala Foucault, tem relação com aquilo que é ou não tolerado para cada estrato social a partir do estabelecimento, justificado pelo aparato jurídico, de distinções, ordenamentos e diferenciações entre tais estratos; há, historicamente, uma transformação nesta gestão dos ilegalismos, com uma mudança de estatuto para uma série de delitos até então tolerados e que passam a não ser mais. Este movimento tem relação com o afinamento e refinamento das normas disciplinares, que justamente em determinados segmentos das classes mais baixas, entre os quais se inclui o das prostitutas, aparecem como certo “direito” a infringir direitos.

O instrumento que domina, gere e explora as ilegalidades, para Foucault (2010), é chamado de “delinquência útil”, ou seja, “(...) a existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sobre o qual se chega a exercer controle e a tirar um lucro do ilícito por meio de elementos ilegais, agora manejáveis pela organização em delinquência.” (FOUCAULT, 2010, p. 265). Baseado nessa noção de delinquência, o autor exemplifica a questão justamente tomando como objeto a rede de prostituição implantada no século XIX:

A implantação das redes de prostituição no século XIX é característica a respeito: os controles de polícia e de saúde sobre as prostitutas, sua passagem regular pela prisão, a organização em grande escala dos lupanares, a hierarquia cuidadosa que era mantida no meio da prostituição, seu enquadramento por delinquentes-indicadores, tudo isso permitia canalizar e recuperar, através de uma série de intermediários, os enormes lucros sobre um prazer sexual que uma moralização cotidiana cada vez mais insistente votava a uma semiclandestinidad e tornava naturalmente dispendioso; na computação do preço do prazer, na constituição de lucro da sexualidade reprimida e na recuperação desse lucro, o meio delinquente era cúmplice de um puritanismo interessado: um agente fiscal ilícito sobre práticas ilegais. (FOUCAULT, 2010, p. 264-265)

Retomando a noção de ilegalismos de Foucault, Vera Telles, no livro *A cidade nas fronteiras do legal e ilegal*, traz o conceito para pensar como práticas ilegais se misturam a práticas legais no Brasil contemporâneo. A autora, mesmo tratando dessas duas práticas, deixa claro que falar em porosidade entre o legal e ilegal não é o mesmo que dizer que não há diferenciação entre eles, uma vez que “Leis, codificações e regras formais têm efeitos de poder, circunscrevem campos de força, e é em relação a elas que essa transitividade de pessoas, bens e mercadorias precisa ser situada.” (TELLES, 2010, p.191). Citando seu parceiro Daniel Hirata, a autora situa a necessidade de astúcia, artifícios e senso de oportunidade que passam a emanar desse sujeito legal-ilegal:

(...) um feixe de códigos, de procedimentos e protocolos, não normativos, não categoriais, sempre situacionais, práticos, relacionais e dos quais depende a passagem por essas fronteiras incertas, ao mesmo tempo em que, em cada situação, se negociam, se definem e redefinem os critérios do “certo” e do “errado”, do justo e do injusto, os parâmetros do aceitável e os limites do tolerável (TELLES, 2010, p.35)

O trânsito entre o legal e o ilegal, tanto empírico quanto analítico, faz com que esse sujeito que vive na fronteira circule entre diferentes códigos em seus cotidianos, é nesse ponto que pretendo desenvolver a pesquisa.

No que toca à gestão dos ilegalismos, a polícia é invariavelmente a representação mais explícita do poder do Estado que se aproxima da população a ser gerida. Foote Whyte (2005), já em 1943, ao tratar dos policiais de *Cornerville* e seu contato com os considerados “fora da lei”, percebe que a hipótese repressiva não se sustenta. Ao contrário, o autor etnografa a proteção policial oferecida ao jogo de números, e os modos como essa segurança se dá por uma troca recíproca de favores, que pode ganhar a forma do suborno e/ou de outras facilidades aos agentes. O autor concluiu que a “(...) observação da situação em *Corneville* indica que a principal função do departamento de polícia não é fazer cumprir a lei, mas regular as atividades ilegais” (WHYTE, 2005, p.154).

Pensando nessas questões policiais e nas mercadorias ilícito-ilegais, Michel Misse (2006) retoma Ruggiero e South para falar do “mercado de bazar”, uma feira “pós-moderna” que ultrapassa todas as regulamentações convencionais. Para eles, as fronteiras morais entre legalidade e ilegalidade se atenuam ou são constantemente negociadas em uma “cidade moderna tardia”. Misse apresenta também o conceito de mercadorias ilegais (no seu caso, o tráfico de drogas) e mercadorias políticas (bens ou serviços compostos por recursos políticos). Para o autor:

Todas essas redes sociais que interligam mercados legais e ilegais, formais e informais, mercadorias políticas criminalizadas (propinas, chantagens, redes de proteção) e mercadorias de criminalização contextual (como, por exemplo, o jogo, o aborto, a prostituição e as drogas) não adquirem necessariamente contornos espaciais ou comunitários e nem constituem “setores”, mas, antes, percorrem complexamente todo o conjunto do tecido social, político e econômico. (MISSE, 2006, p.181)

1.2.6 Prostituição e o Código Penal

Para contextualizar a prostituição no Código Penal, Marlene Teixeira Rodrigues (2004) apresenta informações gerais de como se processa a relação entre a justiça criminal e a prostituição hoje, no Brasil. A autora ressalta que a prostituição em si não é crime, mas sim o que se relaciona com ela. É crime, portanto, qualquer atividade correlata à prostituição:

No capítulo V, do Título VI, quatro artigos – 227 a 230 – se referem ao lenocínio e um ao tráfico de mulheres – 231. Com exceção do artigo 230, referente ao rufianismo, os demais têm como objeto jurídico a defesa da “moralidade pública sexual”. No caso do rufianismo, o objeto jurídico é “coibir a exploração da prostituição”. (RODRIGUES, 2004)

O Art. 227 do Código Penal se refere ao ato de mediar, induzir a prostituição; o Art. 228, ao favorecimento da prostituição ou impedir que a prostituta abandone a prostituição; o Art. 229 se relaciona à casa de prostituição ou local destinado aos encontros; o Art. 230 corresponde ao rufianismo, ou seja, “tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça”; o Art. 231, ao tráfico de pessoas para fim de prostituição. Outro artigo que acaba inferindo à prostituição é o Art. 233 que se refere ao ato obsceno, o que justifica as detenções de prostitutas nas ruas.

Ao contrário do que a autora fala, acreditamos sim que o Artigo 230 está relacionado com a defesa da “moralidade pública sexual”, pois não reconhece o exercício da prostituição como um trabalho. O sexo, nesse caso, não está na lógica do mercado. Caso contrário não seria problema ter alguém que zele por sua segurança, ou a autonomia da prostituta em sustentar outra pessoa.

Mesmo essas leis não sendo diretamente relacionadas à prostituta, acabam interferindo diretamente nas suas vidas, por exemplo, condenando aquele que se deixa ser sustentado por ela. O que acontece, na maioria das vezes é a infração dessas leis por parte das pessoas que rodeiam a prostituta (familiares, cafetões, policiais). Tendo isto em vista, a prostituta tende a aparecer como vítima da exploração dos criminosos, tendo suas vontades individuais e poder de fala desconsiderados.

A relação da prostituição com o chamado submundo do crime vulnerabiliza seus personagens, principalmente as mulheres, pois, não bastando problemas derivados de questões de gênero, a manutenção de lenocínio como crime previsto no Código Penal abre uma ampla margem de atuação para agentes corruptos. (SIMÕES, 2010, p.107)

Larissa Pelúcio (2009), ao tratar das travestis, faz uma discussão sobre o que é permitido fazer e o que não é recomendado nas suas inter-relações, ou seja, nos seus códigos morais internos, muito diferente daqueles do Estado. A autora faz a seguinte reflexão sobre tal situação:

O que minhas observações e análises sugerem é que códigos morais próprios são formulados por aqueles e aquelas que são sistematicamente perseguidos pela moralidade dos comportamentos e que, por isso, não podem contar com as leis escritas, regidas pelo Estado, que mesmo nomeando-os como cidadãos, não os trata, de fato, como tal. (PELÚCIO, 2009, p.212)

É importante pensar que a criminalização de práticas ligadas à prostituição é apenas um ponto de algo maior, que são os ilegalismos. A prática da prostituição não é ilegal apenas porque é crime em alguns de seus desdobramentos, a prostituição, de uma forma geral tida como ilegal porque extrapola o que é permitido moralmente. Quero dizer que, mesmo que a prostituição na rua não seja crime perante o código penal, é uma atividade imoral, ilegítima e, no limite, ilegal para os valores dominantes da sociedade

1.3 Organização dos capítulos

Nesta dissertação apresento vários micros contextos de prostituição. A divisão, no entanto, foi feita por cidades, seguindo a ordem das dimensões populacionais. Essa escolha se deu pela forma como estão interligados os espaços de prostituição, fazendo sentindo, portanto, quando observada de uma forma mais ampla: uma em relação com a outra.

Em cada capítulo uma quantidade diversa de atividades englobadas na categoria “prostituição” aparece e mostra o quanto é heterogêneo: são preços, espaços territoriais, códigos e moralidades internas distintas. Sendo que os espaços onde as trocas de sexo por dinheiro ocorrem, dizem muito sobre o tipo de prostituição que é exercida, indicando as formas de segurança, o valor do programa, os clientes, os horários, os tipos de comportamento, se precisa ou não pagar o ponto ou o quarto, enfim, um conjunto de códigos – legais e extralegais – e moralidades que regem um território específico.

O primeiro capítulo refere-se à menor das cidades: Íris. Neste capítulo apresento bastante a as características da cidade como um todo para entender o que é a prostituição e outras trocas sexuais nesse contexto. Há três formas de prostituição diferenciadas de acordo com o espaço que as mulheres estão localizadas: na beira da rodovia, na praça ou nas casas. Cada uma dessas tem um valor e um regimento interno particular. Na rodovia, as chamadas “putas do trecho” recebem de R\$10 a R\$30, e seus clientes são, na maioria, caminhoneiros. As mulheres das casas têm a possibilidade de fazer os programas nas casas ou fora delas. Os programas são por volta de R\$150, sendo que para sair da casa, o cliente precisa para R\$50 ao dono, pois este não vai mais consumir na casa. Na praça, as mulheres que fazem programa neste espaço fizeram um acordo de não cobrar menos de cento e cinquenta reais o programa.

A classificação do território em tipos distintos de prostituição não significa que os sujeitos são fixos nesses espaços. Não são. Nos capítulos a seguir ficará evidente que os

sujeitos transitam por territórios possíveis de prostituição. Isso não impede que valorações morais internas sejam criadas em comparação de uma forma com outras.

O segundo capítulo retrata três tipos de prostituição em Girassol: em casas, em uma avenida e em uma praça. A Avenida Juscelino Kubitscheck é uma área conhecida como local de prostituição da cidade, nela estão localizadas as duas casas noturnas de prostituição de mulheres e também a casa das travestis que fazem ponto nessa mesma avenida. Nas casas noturnas foi possível perceber condutas para lidarem com alguns códigos legais e extralegais. Como o envolvimento de menor de 18 anos é considerado exploração sexual infantil, nessas casas as mulheres devem mostrar o RG para comprovar a maioridade. A casa para fins de prostituição em si é ilegal, para lidar com isso, a casa 1 fechou a porta da boate que ligava aos quartos onde se realizava os programas e abriu outra pelo lado externo da casa. Esses são exemplos de medidas tomadas pelos donos para lidar com questões legais. Outros códigos de ordem extralegal também se fazem presentes nesses espaços: o preço do programa, o aluguel do quarto do programa, a obrigatoriedade do consumo de doses, o horário de trabalho, os acordos do programa, além das atitudes com as outras mulheres que compartilham os quartos e salões da casa.

No terceiro capítulo o foco foi dado aos códigos presentes nos territórios de prostituição de Gardênia. Tanto a *zona* quanto os pontos dispersos na cidade “tem dono”. E o dono do ponto tem que cuidar dele. Ser dono não exime das obrigações de pagar o ponto para a *cafetina*. São duas. Uma *cafetina* “toma conta” da *zona*, e a outra do resto da cidade. As *cafetinas* são responsáveis por grande parte dos códigos dos territórios: elas decidem quais são os *pontos* da cidade, quem fica em qual *ponto*, o valor a ser pago por usar o *ponto*. Além disso, elas são solicitadas para resolver problemas com outras travestis ou clientes.

Na *zona*, há outros elementos que determinam o local que cada uma pode ficar: gênero e peitos. Neste capítulo vai mostrar que em determinados espaços do bairro a circulação é de mulheres e outras de travestis. Sendo que essas últimas são divididas em quem tem seios e processos cirúrgicos e quem não tem.

2. Íris – personagens, cenários, mercados em uma cidade pequena

2.1 A cidade

“Regina disse que os turistas pensam que todas as mulheres da praça são putas e, certo dia, um deles disse para ela: “Tem que cercar Íris, porque aqui é uma zona!”. ”

Chegando em Íris avistei um outdoor grande, com a foto de uma mulher bronzeada, cabelos loiros escuros, trajando biquíni azul na parte de cima e shorts. Ela estava dentro do rio segurando um tucunaré azul. Demorou um pouco para que eu entendesse que aquilo era propaganda de um loteamento, voltado a turistas, na cidade vizinha. Durante essa minha estadia em Íris, encontrei folhetos dessa mesma propaganda.

As fotos da mulher apareciam frases como: “A vida é bela” e “Aqui é o paraíso dos tucunarés azuis, piaparas, dourados, pintados, e de belas tucunarézonas²¹”. O folheto continha metade de fotos do terreno, produto objeto dos anúncios, e a outra metade da modelo fotográfica segurando o peixe: como se pode observar nas reproduções abaixo, posições que deixam em evidência partes do corpo como quadris, seios e insinuam troca de carícias foram privilegiadas.



FIGURA 1. Parte externa do folheto (A mesma imagem do outdoor)



FIGURA 2. Parte interna do folheto

²¹ Grifos meus.

Íris é uma cidade de aproximadamente 6 mil habitantes, sendo que cerca de 30% dessa população vive em área rural. Há fluxo migratório considerável entre a parcela da população na faixa de 20-30 anos não ficam mais na cidade, que deixam a cidade para estudar e/ou trabalhar. Sua economia é voltada, sobretudo, para a agropecuária. Este setor, também chamado de “roça”, juntamente com a prefeitura, o comércio, e a pesca são os principais responsáveis pela oferta de trabalho na cidade. Íris abriga usina sucroalcooleira e recebe, portanto, trabalhadores sazonais que atuam sobretudo no corte da cana, vindos de outras partes do país, sobretudo da região Nordeste.

Situada na divisa entre dois estados, via alternativa às rotas com pedágio na região, Íris comporta tráfego intenso de caminhões que, diariamente, cortam o pequeno município. O rio de grande porte que corta a cidade e que, neste ponto, serve de divisa natural entre os dois estados, é o elemento que impulsiona o fluxo de turistas na cidade, atraídos pela pesca. Para o município de Íris, a prática da pesca se constitui em atividade econômica relevante, que promove geração de renda tanto por parte dos pequenos pescadores da cidade, quanto pelos turistas: em sua maioria, homens acompanhados, ou não, por suas famílias. Em Íris, as atividades turísticas em torno da pesca mobilizam diversos nichos da economia. Gera empregos na cidade, promove o aumento nas vendas para mercados, lojas de acessórios de pesca, quitandas, das barracas da praça (que vendem pizzas, lanches, petiscos, bebidas). O setor imobiliário também é impulsionado, uma vez que os turistas compram ou alugam casas, chamadas de ranchos²², para se hospedarem.

No entanto, a pesca não é uma atividade permitida durante o ano todo. Durante o período conhecido como piracema – quando ocorre a desova dos peixes – é proibida a pesca. Esse período costuma se estender entre de novembro e março de cada ano, sendo que a fiscalização é feita pela Polícia Ambiental. Ao longo desses meses, cai bastante o número de turistas que visitam a cidade.

²² Os “ranchos” são casas localizadas próximas ou às margens do rio. Esta região da cidade abriga uma escola, além de outras casas moradores locais.

A pesca é uma prática esportiva – e turística – que ganha, cada vez mais força e adeptos no país. De acordo com documento elaborado pelo Ministério do Turismo o “Turismo de Pesca amadora no Brasil teve grande expansão desde o começo da década de 1990 e estima-se que hoje existem 25 milhões de pescadores amadores ocasionais no país. ” (BRASIL, 2010, p. 10). Esse mesmo documento ressalta que a pesca amadora mobiliza uma grande quantidade de trabalhadores, dinamizando e interiorizando a economia brasileira. Tratando especificamente do turismo da pesca, eles traçam o perfil dos praticantes dessa atividade: 95% são homens. Desses, 56,2% tem entre 31 e 50 anos, e 29% entre 51 e 70 anos. Seguindo as estatísticas, Íris não difere dos dados apresentados pelo Ministério do Turismo: a maior parte dos turistas que a cidade recebe tem mais de 40 anos e são homens.

Além da pesca ser uma atividade recreativa para muitos homens, algumas vezes ela também é associada às relações extraconjugais. Essa prática é corriqueira, sobretudo no estado de São Paulo. Minha experiência em Íris como moradora e, depois, pesquisadora, confirma essa tese cotidianamente. Ela é difundida no senso comum principalmente entre os homens, mas é expressa também através de canções como, por exemplo, a música *Que pescar que nada*, da dupla sertaneja Bruno e Marrone. Nesta canção, o homem associa a pesca com “mulherada”, não com a atividade de captura de peixes.

Já paguei quem eu devia/Graças a Deus eu tô sossegado/Eu pus o burro na sombra/E tô levando até meu cunhado/Enchi o tanque do carro/Comprei cigarro e uma pinga boa/Juntei a "traia" de pesca/Vai ser uma festa lá na lagoa

Falei pra minha patroa/Que a farra é boa/E bem comportada/Eu vou com os alguns amigos/Não tem perigo nessa parada/Não ponho a cara pra fora/Nem jogar bola ela quer deixar/O jeito que tem agora/ É falar pra ela que eu vou pescar

Que pescar que nada/ Vou beijar na boca/ Ver a mulherada na madrugada/ Ficando louca

Que pescar que nada/ Vou matar a fome/ Lá ninguém se mete/ Lá vai ter sete pra cada homem

Já paguei quem eu devia/ Graças a Deus eu tô sossegado/ Eu pus o burro na sombra/ E tô levando até meu cunhado/ Enchi o tanque do carro/ Comprei cigarro e uma pinga boa/ Juntei a "traia" de pesca/ Vai ser uma festa lá na lagoa

Falei pra minha patroa/ Que a farra é boa/ E bem comportada/ Eu vou com os alguns amigos/ Não tem perigo nessa jornada/ Não ponho a cara pra fora/ Nem jogar bola ela quer deixar/ O jeito que tem agora/ É falar pra ela que eu vou pescar

Que pescar que nada/ Vou beijar na boca/ Ver a mulherada na madrugada/ Ficando louca

Que pescar que nada/ Vou matar a fome/ Lá ninguém se mete/ Lá vai ter sete pra cada homem

Que pescar que nada/ Vou beijar na boca/ Ver a mulherada na madrugada/ Ficando louca

Que pescar que nada/ Vou matar a fome/ Lá ninguém se mete/ Lá vai ter sete pra cada homem

Que pescar que nada/ Vou beijar na boca/ Ver a mulherada na madrugada/ Ficando louca

Que pescar que nada/ Vou matar a fome/ Lá ninguém se mete/ Lá vai ter sete pra cada homem/ Lá ninguém se mete/ Lá vai ter sete pra cada homem/ Lá ninguém se mete/ Lá vai ter sete pra cada homem²³

Na letra de música vemos que, de um lado, está o casamento onde a figura da mulher é retratada pelo eu lírico como “patroa”, fazendo alusão a uma pessoa inflexível com relação às regras cotidianas, que cobra dele determinados comportamentos: “nem jogar bola ela quer deixar”. Do outro estão seus relacionamentos extraconjugais esporádicos, possibilitados no ambiente de controle do casamento narrado na canção, pela prática recreativa da pesca: “O jeito que tem agora/ É falar pra ela que eu vou pescar”.

A letra desta canção reproduz os dois tipos ideais de mulher: a dona de casa e a puta. Há, aqui, a reprodução daqueles mesmos ideais cristãos desenvolvidos na introdução dessa dissertação.

Parte dos turistas que vão à Íris para pescar, muitas vezes acabam fazendo amizades ali, fator que aumenta a frequência com a qual visitam a cidade. São comuns os casos nos quais eles acabam comprando casas. Essas casas frequentadas pelos turistas, tanto compradas quanto alugadas, são chamadas de ranchos. Estes são os cenários nos quais acontecem festas promovidas pelos turistas (que pagam comidas e bebidas), cujos convidados são as mulheres locais com as quais eles acabam se

²³ Disponível em: <http://letras.mus.br/bruno-e-marrone/195710/>. Acesso em 18/05/2015.

relacionando, além de seus familiares e amigos²⁴. A presença das crianças, levadas pelas mães, em festas promovidas pelos turistas nos ranchos é comum, de modo que elas encaram de forma natural essa relação de troca de sexo por dinheiro. Há vezes em que essas festas são só com mulheres e garotas que fazem programas, ou seja, com profissionais.

2.2 Prostituição

Regina disse que muitas mulheres se prostituem para sustentar os filhos. Como a cidade não tem muita opção de emprego a “roça” é uma opção, mas é na prostituição que elas recebem mais dinheiro. E que outras se prostituem porque realmente gostam de fazer sexo. Explicou que do dia primeiro de novembro até o dia primeiro de março não tem pesca e, portanto, não tem turistas, os maiores financiadores do mercado do sexo. O que acontece muitas vezes nesse período é que as mulheres acabam se prostituindo para os próprios moradores, por preço menor, ou vão até a rodovia e fazem programas por R\$ 10. Nessa hora, a Ivone contou um caso de uma conhecida que disse a ela que, nessa época do ano, quando não há turistas, faz programa por qualquer coisa para poder sustentar os filhos. Comentou daquelas que, nessa mesma condição de ir para pista, fazem programas para sustentar vícios de drogas. Antes de sairmos da mesa, Regina fez uma síntese da forma que ela vê a prostituição: as mulheres saem do Norte/Nordeste e vão para Íris tentar arrumar emprego, principalmente na roça. Ao não encontrar uma fonte de renda suficiente optam pela prostituição (Relato de campo 13/01/2011)

Através do trabalho de campo realizado na cidade de Íris, foi possível classificar três representações acerca dos tipos de prostituição feminina na cidade: As mulheres chamadas de ‘putas do trecho’²⁵ são aquelas que fazem programas em beira de rodovia cobrando um valor muito inferior às demais modalidades – variando de R\$ 10 a R\$ 30. Por estar em uma região de fronteira, e não possuir pedágios em seu trajeto, muitos caminhoneiros utilizam essa rota, o que faz deles os principais clientes das mulheres que se enquadram nesta modalidade de prostituição.

²⁴ Eu mesma já participei de algumas dessas festas, num primeiro momento enquanto moradora e, depois, como pesquisadora.

²⁵ O termo ‘trecho’ aparece também nas terminologias dos moradores de rua, como demonstrado por trabalhos como os produzidos por Mariana Martinez (2011) e Luciano Oliveira (2012), representando movimento e territorialidade: “Um *trecheiro* não se estabelece por muito tempo numa cidade, vive transitando entre os *trechos* de cidades diferentes. [...] O *trecheiro* irá nomear os *trechos* segundo sua lógica de movimentação, assim os *trechos* são formados por territórios de cidades diferentes.” (MARTINEZ, 2011. p. 49)

A segunda forma de representação da prostituta nos contextos de pesquisa pelos quais circulei tem ligação com os espaços fechados voltados à realização de programa: as casas. Em Íris há duas casas de prostituição, sendo uma delas apenas com mulheres da cidade, ao passo que a outra é com mulheres de fora – nos dias nos quais a visitei eram todas de Goiânia. O preço dos programas encontra-se na faixa de 150 reais para programas realizados no espaço da casa. Caso o cliente deseje que o programa se realize em outro espaço, lhe são cobrados e 50 reais adicionais para sair com a mulher da casa.

Por último, há em Íris as mulheres que na praça pela praça. Seus clientes são, principalmente, os turistas da pesca. O preço do programa é, no mínimo, 150 reais. Foi a esta modalidade de prostituição que me dediquei durante o trabalho de campo em Íris. A praça é o espaço onde os turistas e seu dinheiro circulam, fazendo girar uma microeconomia movimentada pelo consumo de comidas e bebidas nas barracas, espaços que possibilitam o contato e interação entre eles e as mulheres para negociar os detalhes do programa.

O espaço em questão classifica o tipo de prostituição e acaba determinando todo o resto: segurança, valores, discriminação. No entanto, é importante ressaltar que os sujeitos empíricos perpassam por entre estas diferentes formas de prostituição. As mulheres das casas, por exemplo, quando não tem movimento, vão para a praça, e quando entra o período da piracema algumas dessas mulheres vão para a rodovia. A mesma mulher, portanto, pode fazer programas por R\$150 ou por R\$10, a depender do ponto, da época do ano, do cliente.

Esses três tipos de trocas de sexo por dinheiro são declaradamente vistos como prostituição. No entanto, existem outras trocas de sexo por dinheiro, ou “presentes”²⁶ nas quais as mulheres envolvidas não se veem como garotas de programa. Isso não impede que elas, por vezes, sejam vistas e ser julgadas como prostitutas por outras pessoas, que ponderam tendo como base diferentes pontos referenciais, como funcionários públicos oriundos de outras cidades, ou mesmo os turistas.

²⁶ Da mesma forma, Piscitelli (2011), estudando o contexto de Fortaleza, retrata as trocas de sexo por dinheiro e trocas de sexo por outros bens materiais. Em que o primeiro é mais avaliado negativamente que o último.

2.3 Questão das adolescentes

Esses três tipos de prostituição, principalmente os desenvolvidos em contextos de rodovia e praça, não são praticados apenas por mulheres adultas. Adolescentes também estão inseridas no mercado do sexo em Íris. O relato que me fez Regina, por exemplo, é bastante ilustrativo da existência desta vertente:

Regina contou-me vários casos de mulheres que são suas conhecidas que trabalham como “garotas de programa”, entre as quais, garotas com menos de 18 anos. Ela não acredita que seja exploração sexual pelo fato de muitas garotas irem por vontade própria atrás dos clientes, principalmente turistas. Ivone me relatou a história de uma menina que tem menos de 18 anos, três filhos e faz programa. Essa menina contou a ela que quando uma cooperativa de reciclagem se instalou na cidade, ela foi tentar um emprego e não conseguiu por ser “garota de programa”. Disse também que não pode nem ao menos trabalhar como empregadas domésticas por causa do Conselho Tutelar²⁷. Regina me disse que as meninas menores de idade não podem ir aos ranchos, que são proibidas pelo Conselho Tutelar. Chegou a comentar sobre uma reportagem que fizeram na cidade, cuja temática foi exploração infantil: a motivação da reportagem tinha relação com um escândalo em outra cidade do interior de São Paulo. A exploração infantil sempre foi crime, mas agora com toda a visibilidade propiciada pelas mídias, o município passou a ter maior preocupação com as meninas que vão para os ranchos. (Diário de campo – janeiro de 2011)

A cidade de Íris começou a aparecer em reportagens de jornais quando casos de exploração sexual infanto-juvenil tornaram-se alvos de denúncias e passaram a ganhar destaque na mídia. Este processo de publicização de casos de exploração sexual de crianças e adolescentes teve início em outra cidade do interior de São Paulo e sua repercussão parece ter estimulado denúncias que possibilitaram a descoberta de casos similares em outras cidades, como foi o caso de Íris. Reproduzo abaixo um trecho da reportagem intitulada “*Exploração Sexual ligada ao Turismo é denunciada em SP*”:

Uma série de denúncias anônimas feitas ao Conselho Tutelar de Íris (SP) levou o Ministério Público Estadual e a Polícia Civil a abrir investigação sobre um suposto esquema de aliciamento, de pelo menos 20 adolescentes, voltado para atender turistas. A região tem outras seis cidades sob suspeita de exploração sexual infantil, mas é a

²⁷ O trabalho doméstico está na Lista das Piores Formas de Trabalho Infantil (TIP), sendo que os possíveis riscos são: “esforços físicos intensos; isolamento; abuso físico, psicológico e sexual; longas jornadas de trabalho; trabalho noturno; calor; exposição ao fogo, posições antiergonômicas e movimentos repetitivos; tracionamento da coluna vertebral; sobrecarga muscular e queda de nível”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6481.htm. Acesso 26/11/2015.

primeira vez que o crime é associado à indústria do turismo. Banhada por um rio, que faz a divisa entre São Paulo e outro estado. Íris, com mais de 6 mil habitantes, recebe cerca de 3 mil turistas nos finais de semana durante o Verão. Nos últimos dois meses foram recebidas pelo Conselho Tutelar uma série de denúncias pedindo providências em relação às adolescentes, que têm entre 13 e 17 anos. O órgão acredita que sejam os próprios pais os denunciantes. Depois da agricultura, o turismo é a principal fonte de renda da cidade. (Jornal B., 2006)²⁸

A questão de exploração sexual infantil, assim como a prostituição, é associada ao grande fluxo de pessoas. E a pesca, tanto nesse caso específico da pequena cidade de Íris, quanto na vastidão de casos entorno do Amazonas²⁹ é um fator importante pois aumenta o trânsito de pessoas, principalmente homens, desvinculados de seus compromissos morais com seus círculos familiares, profissionais, religiosos, etc. Constituem-se em oportunidades nas quais “poderiam”, na visão deles mesmo, extravasar.

Quando visitei Íris em 2010, quatro anos depois da primeira reportagem, notei a presença de vários cartazes espalhados pela cidade. O conteúdo que carregam apela para que os casos sejam denunciados, pois exploração sexual infantil é crime. Além disso, uma ONG da cidade vizinha realizou palestras nas escolas tendo como tema a questão da pedofilia.



FIGURA 3. Cartaz "Íris contra a pedofilia"

Nesse mesmo ano, conversei com alguns moradores de Íris sobre as reportagens tratando da exploração sexual infanto-juvenil na cidade. Foram alguns desses moradores que me sugeriram que conversasse com os funcionários da prefeitura,

²⁸ Alguns dados relativos à identificação do jornal no qual a notícia circulou foram trocados e/ou outros omitidos.

²⁹ Disponível em: <http://www.fnpeti.org.br/noticia/1394-chegou-ao-fim-a-cpi-da-exploracao-sexual-contra-criancas-e-adolescentes.html>. Acesso em 25/10/2015.

para entender melhor o funcionamento da prostituição na cidade. Comecei indo ao Fundo Social³⁰. Lá me encaminharam para uma sala na qual estavam a mulher do prefeito e uma assistente social. Questionada sobre minha presença ali, expliquei o teor da pesquisa que tinha em curso, e que o objeto de investigação eram as diversas formas de prostituição. Recebi delas a informação que, embora existam muitos boatos pela cidade, a verdade é que o número de denúncias de exploração sexual é baixo, e são poucos os casos confirmados de exploração infantil.

A mulher do prefeito deixou a sala e segui conversando com a assistente social Edna. Nova na cidade, há dois anos Edna trabalhava no Fundo Social. Ela me falou um pouco sobre os projetos sociais – dos quais eu tinha conhecimento prévio da maioria³¹ – sendo que um deles era novidade para mim: o AVANTE ÍRIS, voltado à dança de hip-hop. Depois de me oferecer um café gelado, sugeriu para que eu fosse ao Conselho Tutelar, pois lá teria mais informações.

Retornei à cidade no início de 2011, durante o período da piracema, dia no qual, no Fundo Social, estavam distribuindo alimentos para um grupo de moradores da cidade. Fui pela manhã ao PETI (Programa de Erradicação de Trabalho Infantil), e conversei com uma das funcionárias, Jaqueline. Ela me relatou que o trabalho ali se destina ao atendimento de crianças e adolescentes entre 7 e 14 anos. Em Íris, segundo Jaqueline, a maior parte dos usuários atendidos pelo Programa eram crianças que trabalhavam no cultivo de horta ou vendiam hortaliças em carrinhos de mão pela cidade. Segundo ela, casos envolvendo o tráfico de droga eram muito poucos.

Nesta mesma manhã fui ao Conselho Tutelar e conversei com Cleiton, um dos conselheiros. Marcamos uma reunião para o período da tarde, com a presença dos demais conselheiros. Voltei no horário que havíamos marcado, e na sala de reuniões logo foram chegando os outros conselheiros. O Conselho Tutelar de Íris era composto, naquela ocasião, por cinco conselheiros tutelares. Dentre eles, três participaram mais ativamente da reunião: Cleiton, Lurdes, Eliana. Sobre casos de exploração sexual de

³⁰ O Fundo Social de Solidariedade é um programa vinculado ao governo do Estado de São Paulo com objetivo de reduzir as desigualdades sociais, e conta com parcerias da esfera privada, de órgãos do governo e da sociedade civil.

³¹ Os programas/ projetos que tinha conhecimento na esfera Federal eram: Bolsa família, Projovem Adolescente e PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). E, na esfera Estadual: Renda Cidadã e Ação Jovem.

crianças e adolescentes, eles me relataram que não há muitos casos na cidade, ao menos comprovados e registrados devidamente junto à polícia e ao próprio Conselho Tutelar. De acordo com eles, a cidade inteira sabe que existem casos de exploração sexual de crianças e adolescentes, mas não há nenhuma denúncia.

Relataram-me que há muita ocorrência da prática de distintas formas de prostituição em Íris, e eles acreditam que um dos fatores está relacionado ao fato da cidade disponibilizar pouca oferta de emprego. Se a pessoa não faz parte do quadro de funcionários da prefeitura, resta a ela o trabalho na roça ou nos pequenos comércios da cidade. Ana disse também que a cidade é pobre e não possui classe média, a despeito de alguns com um pouco mais dinheiro, a grande maioria da população da cidade é composta por pessoas pobres. Nesse contexto socioeconômico, a prostituição ganha espaço como uma forma de suprir suas vontades/necessidades de compra. Comentando o quanto uma mulher gasta para se arrumar (cabelo, unhas, sobrancelhas, roupas etc.). Para esse grupo de conselheiros tutelares, há casos nos quais a troca sexual, tanto de mulheres adultas quanto das adolescentes, tem como moeda de troca um simples salgado, sendo que muitas vezes a mãe é a própria *aliciadora* das meninas. Por outro lado, contaram alguns casos de prostitutas que não dão *bandeira* na praça, que são discretas e geralmente combinam encontros pelo telefone.

No feriado do mês de setembro, ainda em 2011, voltei a Íris. Regina comentou sobre a questão de crianças e adolescentes dizendo que não há mais desses casos na cidade porque o Conselho Tutelar aumentou a vigilância, por conta das reportagens que foram ao ar no passado sobre exploração infantil em algumas cidades no interior de São Paulo. Já os membros do Conselho Tutelar afirmam que não houveram muitas mudanças a despeito das reportagens, e as festas seguem acontecendo com os esquemas que todos conhecem, mas não há provas nem, tampouco, denúncias.

O envolvimento de crianças e adolescentes no mercado do sexo é, em última instância, da responsabilidade da polícia, de acordo com o Conselheiro Tutelar. Poucas vezes, no entanto, os policiais conseguem ser efetivos no trabalho de averiguação de denúncias e, por diversas ocasiões já foram barrados na porta dos ranchos por turistas, alguns dos quais advogados, que exigem a apresentação do documento que autoriza a busca e apreensão, o qual tornaria possível, aos policiais, a entrada deles nos espaços onde se hospedam os turistas, para averiguar se realmente tem menores de idade.

Cheguei no CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), nesse mesmo dia, e encontrei a assistente social Edna, com a qual havia conversado quando estive no Fundo Social. Nesse dia também conheci Aline, psicóloga que trabalha com ela no CRAS, e que me foi apresentada, logo que cheguei, por Edna que lhe explicou o motivo da minha presença ali. Assim como Edna, Aline também não é de Íris. Contaram-me que discutem bastante sobre questões relacionadas à prostituição e drogas entre elas, e analisam sobre a prostituição parecer algo cultural, que vem de família e que as pessoas, longe de se incomodarem, chegam ao ponto de parecer que acham bonito. Disseram-me ter a impressão de que muitas mulheres gostam de desfilarem de “carrão” com os turistas, mas não acreditam que tenha alguma ligação com o desejo de quererem deixar a cidade. Contaram que algumas prostitutas são “bancadas” pelos turistas, que as vezes eles montam uma casa para essas mulheres e as sustentam, então elas acreditam que estão casadas, mesmo sabendo que esses homens já tem uma família na cidade deles. Edna e Aline me falaram que mesmo com tudo pago as mulheres que, supostamente, são “bancadas” por algum turista, tentam estudar para sair da cidade ou crescer financeiramente.

Pelas falas das duas profissionais do CRAS fica explícito que, em primeiro lugar, elas não estão habituadas com as formas com as quais algumas das pessoas da cidade de Íris foram criadas, caracterizada pela relação entre sexo e dinheiro não ser um problema moral tão pesado para parte dos moradores da cidade. Isso porque, é uma forma de sucesso ser bancada por um turista que está associado a manutenção de um relacionamento “sério” sendo, no limite, um casamento tanto para a mulher que está sendo bancada, quanto para o homem que cria laços afetivos e financeiros com ela.

Em muitos casos prostituição e exploração sexual são tratadas da mesma forma. Conversando com as assistentes sociais e lendo documentos do Conselho Tutelar pude perceber que eles não distinguem prostituição de exploração sexual. E isso também estava presente nas falas dos moradores da cidade. O documento do Conselho Tutelar aborda o caso como prostituição infantil, diferentemente de outros meios que consideram a prostituição uma atividade de maiores de 18 anos. Na prática as coisas não são tão separadas.

Ainda hoje há a mobilização de métodos com intuito de conscientização na cidade. Íris participou nesse ano de 2015 da “Semana de Combate ao Abuso e a

Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes”, com a campanha Faça Bonito – Proteja nossas crianças e adolescente. A atividade foi realizada pela Assistência Social em parceria com o Departamento Municipal de Educação e também Centro de Referência de Assistência Social de Íris (CRAS).

O blog de notícias de Íris tem como imagens de fundo o rio que corta a cidade, com pescadores em barcos – fazendo o uso tanto da vara quanto a rede – e a ponte que liga Íris a cidade vizinha, já no outro estado. O blog oferece ainda uma seleção de músicas sertanejas. As notícias são sobre os acontecimentos da cidade. Uma delas foi a reportagem sobre o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual Infanto-juvenil³², com a foto de várias crianças e uma delas segurava um cartaz com a seguinte frase: “Criança não é mercadoria”.

Sobre a prostituição de crianças e adolescentes, Maria Aparecida Moraes (2011) trabalha com a questão da prostituição de adolescentes, e questiona a forma de como a prostituição juvenil é encarada.

Diferentemente, quando nos reportamos ao fenômeno que vem sendo genericamente classificado como “prostituição infanto-juvenil”, o horizonte das organizações de direitos humanos é homogeneamente abolicionista. Qualquer prática de prostituição é combatida e rejeitada, nunca pode ser aqui concebida como uma “escolha” e se considera que os corpos de todas as “adolescentes prostituídas” acabam processados como objetos degradantes. Nesse caso, se opera com um marcador etário que compreende uma longa faixa de idades de vai de zero até os dezoito anos. A fronteira etária dos dezoito anos atuará como um classificador simbólico universal que vai sempre definir a prostituição como uma violação dos direitos humanos. (MORAES, 2011, p. 5)

No texto, Moraes distingue duas formas de prostituição: aquela praticada por mulheres adultas que tem agência sobre o cuidado de si e a praticada por jovens que não podem agenciar o cuidado de si, transferindo o ideário de proteção ao Estado, família e sociedade. No entanto,

Não obstante as alterações significativas de experiências ao longo das faixas etárias que definem “criança” e “adolescente”, as práticas discursivas das instituições suprimem conteúdos que conotem valores como amadurecimento, maturidade, capacidade de decisão e escolha.

³² Lei 9.970, que institui o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual Infanto-juvenil. De acordo com o Art. 1º. Desta lei, “Fica instituído o dia 18 de maio como o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes”.

O dado etário é assimilado como uma unidade social, como uma fase da vida em que a incapacidade para discernir e arbitrar são definidores dessa condição jovem. Isso vai configurando a ideia de uma “menina prostituída” cujo corpo está fragilizado e estigmatizado pela injúria e ofensa de um “tempo” que é sempre precoce e precipitado. A identidade da “menina”, considerada nesse circuito de vulnerabilidade, é mobilizada de uma maneira que suprime dimensões de agência e diferenciações importantes entre “ser criança”, “ser adolescente” ou ainda a diversidade existente no interior de cada uma dessas duas categorias. (MORAES, 2011, p.16)

O intervalo entre 0 e 18 anos, que compreende o que considera socialmente como criança e adolescente, para a autora é algo mal trabalhado e mal interpretado. Para os agentes do Estado da cidade de Íris a distinção entre prostituição e a exploração infantil é igualmente mal delineada.

2.4 As casas

Em Íris, durante os anos de pesquisa, houve tempos que só havia uma casa e outros que haviam duas casas de prostituição. A casa 3, é uma dessas casas. Sua estrutura é formada por um bar, situado na parte da frente da casa e quartos para a realização dos programas estão localizados nos fundos da casa. As mulheres que trabalham nesta casa, que existe a mais de quinze anos, são oriundas da própria cidade. Quando perguntava sobre essa casa para Regina, sempre fui alertada por ela a não ir lá, dado o temperamento explosivo da proprietária do local, classificada por ela como alguém que pouca conversa.

A casa 4, aberta em 2011, composta por mulheres vindas de Goiânia/GO. Realizei uma visita a esta casa, também não consegui estabelecer nenhum tipo de conversa. Esta é a última casa da rua e fica próxima a um clube localizado no fim da cidade. Bem próximo ao rio, esta casa se situa, exatamente na região onde se concentram os ranchos que os turistas alugam.

A primeira vez que tentei algum contato com a casa foi no final de 2011. Chegando na última casa da rua da escola, estacionei o carro um pouco mais para baixo e fui em direção da casa, uma construção alaranjada. Na porta dos fundos haviam duas mulheres saindo do interior da casa: uma de fato saiu, a outra ficou conversando ao telefone. A mulher que saiu aparentava estar na faixa dos 30 anos e a que estava no

telefone, de cabelo curto e escuro, trajando blusa curta e shorts, parecia ter por volta de 23 anos. Fui em direção à casa, que estava fechada. Havia duas mulheres na frente da casa, estavam sentadas fazendo as unhas. Ambas aparentavam serem muito jovens, Ariele, mais branca, mantinha o resto de uma maquiagem colorida nos olhos, usava de shorts e blusinha e Beatriz, negra, também trajando shorts, tirava o esmalte amarelo fluorescente das unhas.

Apresentei-me como pesquisadora e Beatriz, logo de cara me mostrou sua indisposição ao dizer “não vou te responder nada”. Prossegui conversando com Ariele. Ela me contou que nessa casa só trabalham meninas de Goiânia e que, além de Goiânia, Íris é a única cidade para na qual ela já fez programa. Explicou-me que todas as mulheres que trabalham nessa casa são de Goiânia e que ali não há nenhuma mulher da cidade de Íris trabalhando, ao contrário da outra casa, na qual há algumas mulheres da cidade mesmo. Segundo me relatou Arieli, trabalhar ali é bom por conta dos clientes, em geral turistas que vão para a cidade para pescar. Disse que não tem hora para a casa abrir, nem fechar, e que faziam três semanas que ela estava lá.

Perguntei à Ariele como funcionava a casa e se eu poderia ir durante a noite. Beatriz, que no primeiro momento disse que não iria conversar comigo, disse que não. Resolvi insistir: “e acompanhada? Posso vir? ”, mas a resposta delas foi negativa. Seguíamos conversando, até que um rapaz, dirigindo uma Mercedes, passou pela rua bem devagar, olhando para as moças e para a casa. Nesse momento me despedi das duas moças e fui embora.

Em outra visita à cidade, feita na companhia de alguns integrantes do NaMargem – Núcleo de Pesquisas Urbanas, realizei nova tentativa de ir às casas. Descobri, então, uma nova dificuldade em acessar o interior das casas: assim como não há horário definido de abertura e fechamento, também não há dia. Passamos quatro dias na cidade e, ao longo desse período as casas não abriram. Assim, durante algumas noites, as mulheres iam fazer programa na praça da cidade. Conversando com algumas pessoas na praça sobre as casas, fui informada de que se a mulher está trabalhando em uma das casas e, por algum motivo, vai fazer o programa fora da casa, ela tem que pagar cinquenta reais para o dono.

Sobre violência dentro das casas, numa entrevista, Regina fez o relato de um episódio ocorrido no Sandy's bar, quatro ou cinco anos atrás:

Se tiver violência no 'puteiro', o segurança põe para fora. Mas não acontece nada porque elas não denunciam. Olha só, um menino de vinte anos, há uns quatro ou cinco anos se apaixonou por uma garota de programa e ele ia ao 'puteiro' visitá-la todos os dias. E ela tinha, antes de conhecer o menino, saído com um cara. E um dia esse cara falou 'eu vou sair com você' ela falou não e que estava acompanhada. Então ele disse 'estou te pagando, eu quero você e aqui dentro você vai ter que sair comigo' e o menino que estava apaixonado tomou as dores da menina 'ela não vai sair com você, ela está comigo etc.' Aí foi e mataram o menino à facada. (Trecho de entrevista com Regina abril de 2012)

O relacionamento amoroso com mulheres que trabalham em casas de prostituição é retratado em duas músicas distintas *Babilina*, do Raul Seixas e *Eu vou tirar você desse lugar*, de Odair José. Tanto nas músicas como no caso descrito à cima, o homem apaixonado busca exclusividade do amor. No entanto, esse amor é associado diretamente ao relacionamento sexual. Além disso, é central nas três narrativas a questão da posse do homem sobre a mulher – seja por parte do homem apaixonado, seja por parte do cliente. Esse traço cultural é responsável pelos elevados índices de violência dos quais as mulheres são objeto e que afetam não só aquelas que fazem programas, mas de modos e com níveis de intensidade distintos a todas as mulheres.

Mesmo não conseguindo manter contato com as casas, a partir das conversas que consegui manter com alguns moradores da cidade e com algumas poucas mulheres que trabalham na casa, para mim ficou evidente que há uma casa mais estabelecida: aquela composta por mulheres da própria cidade. A casa composta por mulheres oriundas de Goiânia foi aberta somente no ano de 2011, já no decorrer desta pesquisa. O preço dos programas nas casas não pode passar de 150 reais, o mesmo preço cobrado por um programa na praça, sendo que para uma mulher que trabalhe em uma das casas, atender um cliente fora desse espaço significa a cobrança, ao cliente, de 50 reais por parte do dono da casa.

2.5 A praça

Na década de 1970, a casa de prostituição era afastada da cidade e, com o tempo, as mulheres começaram a ficar mais próximas da cidade até chegar na praça, o principal espaço de prostituição da cidade. A casa das prostitutas era na cidade vizinha e elas não circulavam na rua. Nessa cidade, hoje, não é tão explícita a prostituição como é

em Íris, a despeito das mesmas características (pequeno porte e beirando o rio). Na avaliação de Ivone, que vive em Íris desde o início da sua formação enquanto município, as pessoas se “respeitavam”. Com o tempo as prostitutas começaram a cada vez mais tomar o espaço da praça. Não foram só as prostitutas que foram para a praça, com o passar dos anos, deixou de existir cinemas e bailes, restando só o espaço da praça como entretenimento em Íris.



FIGURA 4. Praça de Íris

A praça de Íris, presente na imagem acima, é formada pela junção de dois quarteirões: uma da igreja e outro da biblioteca municipal onde há um parquinho para crianças. A rua que separava essas duas praças não existe mais, de modo que os dois espaços se transformaram em uma praça só. Nessa praça há seis barracas que vendem comidas e bebidas (pastéis, sorvetes, pizzas, cervejas, refrigerantes, lanches, porções). A antiga rua que separava as praças é, hoje, o espaço onde ficam as mesas dispostas pelos donos das barracas para servirem seus clientes.

A separação dos grupos que dividem o espaço da praça se dá no tempo e o espaço. No que diz respeito à distribuição do espaço, há um compartilhamento seletivo

do território da praça por parte daqueles que ali se inserirem e circulam. Um exemplo disso é o bar, situado no quarteirão da biblioteca (o primeiro da direita para a esquerda em relação à biblioteca), que é mais frequentado por famílias, enquanto que os demais têm como público mais frequente as mulheres que fazem programas. Os turistas, quando acompanhados por suas famílias, não as levam à praça e, se as levam, optam por ficar nessa barraca, cujo ambiente seria “mais famílias”.

Durante o dia, usualmente poucas pessoas ficam na praça, mas como era sábado, cinco horas da tarde, as barracas já estavam abertas. Mesmo assim, a praça só ficou cheia naquele dia depois das dez horas da noite. No entanto, vários grupos circularam pela praça ao longo do dia. Um deles é o grupo familiar, para o qual a praça é um espaço de distração, lugar onde os pais podem levar os filhos para passear, uma vez que Íris não dispõe de outro espaço de recreação sem ser a praça. Os pais e as crianças geralmente se concentram, no fim da tarde, em algumas das barracas e nos brinquedos e, a medida que vai passando o tempo, alguns vão indo embora. A praça fica mais movimentada principalmente nos finais de semana, quando tem missa. As pessoas saem da igreja e ficam na praça para comer e conversar. Por volta das dez/onze horas da noite famílias e crianças começam a deixar a praça.

Outro grupo é o formado pelos adolescentes que utilizam esse espaço como diversão: saem para comer, passear, paquerar. Eles chegam à praça no início da noite e ficam até o começo da madrugada. Muitos desses adolescentes se arrumam bastante, principalmente as meninas, que várias vezes usam roupas diferentes do casual além do sapato de salto alto. A diversão é ficar andando pela praça e em volta da igreja, para conversar, paquerar.

O terceiro grupo é composto por pessoas mais velhas que consomem, passeiam, e paqueram também, com homens da cidade, das cidades vizinhas ou com os turistas. Tem algumas mulheres da cidade que acham ruim ter relações com homens de lá e acabam se relacionando com alguns turistas ou caminhoneiros, mesmo sabendo que são homens casados.

O próximo grupo é da prostituição. Teve um dia que algumas mulheres estavam trajadas com vestidos curtos e mostrando grande parte das pernas e uma parte

da bunda, sapatos de salto. Elas ficaram ou nas mesas ou em pé conversando com velhos e turistas (a maioria que estavam lá eram velhos e de cabelos brancos).

As prostitutas mais velhas ficavam nas mesas com os turistas, aí chegavam as mais novas (mais ou menos 20 anos) e conversavam sobre algumas coisas e saíam para andar pela praça. Em outro canto da praça essas mulheres, na faixa de 20 anos se encontram com umas mais novas ainda que também conversavam entre elas. Percebi que algumas dessas mulheres estavam atravessando a pista (a rodovia que cruza a cidade) e outras explicando esse mesmo caminho para outros homens indicando uma casa específica.

Durante toda a noite, uma travesti – branca com cabelos pretos, lisos e compridos, e magra – que tem envolvimento com o tráfico de drogas na cidade, passou o tempo todo sentada com um senhor numa mesa, ambos bebendo cerveja, só saíam para usar o banheiro da biblioteca que fica bem perto de onde eles estavam sentados. De vez em quando, vinham alguns rapazes perto da mesa e ela levantava com algumas coisas no bolso e entregava a eles, trocando pacotes por dinheiro.

Fomos para a praça era umas 22h ou mais, eu estava vestida com uma saia bem comprida, até os pés, com uma regata e uma rasteirinha.

Fui dar uma volta com a Rose pela praça e entre as barracas. Na praça estávamos na terceira barraca do lado direito para quem vem da pista (rodovia) sendo que tinha umas três barracas de cada lado. Andamos entre elas, sentamos na outra praça. Nessa outra praça, uma extensão da praça da igreja, além da biblioteca tem também, na mesma esquina de uma das barracas do lado esquerdo, um parquinho para crianças e que no momento tinham algumas crianças brincando por lá. Essa hora que estávamos por lá, tinha um carro bem próximo tocando funk e algumas meninas de mais ou menos 3 anos se divertiam nos brinquedos e dançavam.

Sentadas no banco, eu e Rose começamos a observar Hannah. Ela conversava com os homens que iam ao bar que ela estava trabalhando, e conversava bastante com uma moça morena de cabelo curto, vestido preto curto e que brilha como se fosse lantejoulas. Neste mesmo bar tinha uma mulher com seus cinquenta anos de calça, blusa de frio com um decote grande que ficava dançando, se insinuando para uns senhores da barraca, senhores que aparentavam ser da cidade mesmo. Tinha uma outra mulher, com mais ou menos 30 anos, também com uma blusa de frio, mas bem decotada e com calça. (Diário de campo – abril de 2012)

Sempre que eu chegava na praça de Íris, era recepcionada por Hannah³³, uma travesti muito simpática e conhecida pela cidade inteira. Um dia, por exemplo, ela estava com uma bolsa amarela enorme da Carmin, mostrava toda hora e para todos, andava e desfilava pela praça, que estava um pouco vazia, e mostrava a bolsa, e fez questão que eu passasse a mão pela bolsa.

Hannah é negra e muito magra, estava com uma calça jeans e uma blusa cinza de ombro caído, com um salto enorme. Ela chegou a nossa mesa nos e cumprimentou um por um começando pelos meninos. Ela ficou encantada por Rodrigo. Foi dando beijinho em cada um: Rodrigo, Daniel, Rose, eu, minha mãe, e Evelyn. Todas as vezes que me apresento como filha da Éden, ela me conta a história de uma vez que cuidou de nós (eu e meus irmãos) em uma festa, dessa vez não foi diferente, mas quem começou foi a Éden. Quando foi cumprimentar minha mãe, que quase tocou nos cabelos de Hannah, ela falou alto: “Não rela no cabelo”, pois tinha feito um penteado muito bacana, prendeu como rabo de cavalo, enrolou as pontas e mantinha uma franja colocada de lado. Depois de se apresentar ela começou uma frase, mas se confundiu toda e pediu para nós falarmos alguma coisa para ela que não me lembro, mas foi muito engraçado. Falamos isso e ela começou a frase. Estava nos dando “Boas Vindas á Íris”, em nome da cidade. Ela disse que ganha faixa de Miss alguma coisa nas festas do peão daqui da cidade e sempre gostou de desfilar. O homem do bar que estávamos é um senhor, e Hannah disse que é seu tio, mas que ele não assume. E disse no ouvido do Rodrigo que não gosta de assumir, mas comer o cu dela ele gosta. No meio da conversa ela voltava correndo para a sua barraca falando que estava tocando sua música. (Diário de campo – abril de 2012)

Cada pessoa nova que aparecia na praça despertava curiosidade em Hannah, que buscava saber quem era e de onde vinha. Garantia em dar as “Boas Vindas à Íris”. Isso possibilitou sua circulação entre todos os grupos da praça, não apenas dos moradores, mas também dos turistas.

Os turistas da pesca, como disse anteriormente, são majoritariamente homens. Eles que representam o maior e mais importante grupo de clientes de prostitutas da praça. No feriado do dia 1º de maio de 2012 havia muitos turistas na cidade. Em algumas barracas tinha mesas grandes com vários homens de cabelos brancos (aparentando ter mais de 50 anos) sentados e consumindo bebidas e aperitivos.

Voltei para a mesa, e logo a Regina me chamou para fazer companhia em uma mesa, em outra barraca, com alguns turistas de Matão dentre eles Osório e Caio. Osório é um homem muito gordo, aparentava ter

³³ No ano de 2014 Hannah foi encontrada morta em uma cidade vizinha. Sabe-se que ela foi assassinada, mas ainda não se tem notícias de quem o fez e o porquê.

por volta de 55 anos e estava sentado em cima de duas cadeiras de plástico e bem na beirada, porque não cabia entre os braços da cadeira. Estava com uma blusa branca, bermuda jeans e um colar com um pingente de Jesus grande. Caio deveria ter uns 24 anos, branco, gordo, mas não tanto quanto Osório. Vestia uma camiseta e uma bermuda. Regina me apresentou a Osório. Ele perguntou minha idade à Regina e, ao ouvir a resposta “21”, ele me olhou e avaliou que eu já estou velha. Eu não estava entendendo o que estava acontecendo, porque esse Osório fala tudo enrolado, e ninguém falava nada diretamente. Regina disse que eu estava fazendo uma pesquisa lá, e um deles, o Caio, falou que eu poderia falar com ele. Mas quando eu fui conversar com ele, ele falava que não sabia de nada da cidade. Tentei explicar o que estava acontecendo, o que eu estudo, comentei da cidade e nada. Mas ao mesmo tempo que falava que não sabia, o Osório, do outro lado da mesa, falava que está gastando muito dinheiro com as piranhas da cidade de Íris e falava de forma incisiva que precisava levar mulheres para o rancho dele. Disse que tem dois ranchos na cidade. E que estava com um problema de língua, que fala demais e que isso deu problema, mas não entendi o motivo. Comentei sobre a minha pesquisa e recebi algumas indiretas para eu ir para o rancho com eles, o Caio disse que não sabe de nada de turismo sexual, que é a primeira vez que vem para Íris. Caio disse que podemos continuar a pesquisa em outro lugar, percebi onde ele queria chegar e fui embora. (Diário de campo – maio de 2012)

Assim como desenvolvi a questão de ser associada à prostituta, na Introdução deste texto, este trecho retrata bem isso. Quando eu tentei conversar com alguns deles, eles só queriam saber se eu topava ou não fazer o programa. No final dessa mesma noite, Regina disse que para os turistas, de uma forma geral, todas as mulheres da praça são prostitutas, e um disse para ela: “Tem que cercar Íris, porque aqui é uma zona! ”.

A negociação dos programas na praça funciona da seguinte maneira: os turistas chegam na praça e olham tudo mundo e pensa que estão todas as mulheres disponíveis. Depois de conversar com os donos das barracas ou algum conhecido da cidade para falar sobre as mulheres. Essas pessoas, que já sabem o que esses homens estão procurando, falam quem são as mulheres e se podem ou não fazer programa (se são ou não prostitutas). O cliente, depois de saber quem são as mulheres disponíveis, conversa com ela e ela fala que sai com o homem em troca de presente, então o cliente pergunta o preço do presente dessa mulher. Isso não significa que não chegam os eventuais clientes não abordem outras mulheres que não são prostitutas. Há vários casos de turistas que ficam insistindo para que mulheres, que estão fora do circuito de prostituição da cidade, façam programa com eles.

De acordo com a Regina, o valor de um programa é entorno de 150 reais. E como na praça é esse preço, nas casas não pode ser superior a isso:

- Elas fizeram uma reunião para subir o preço, chamaram todas as meninas que fazem programa na praça e uma falou 'eu vou subir meu programa e todas vão subir'. Por que se uma sobe e as outras não, o homem vai ficar com a outra [que cobra mais barato], então sobe todo mundo. Uma é de mal da outra, uma fala mal da outra, as da praça acham o seguinte: se o turista sai com ela, da 150 e pronto, elas acham que são donas dos caras. Se eles preferirem outra, elas ficam com raiva da menina.

Essa reunião, narrada por Regina, entre as prostitutas da praça para determinar um aumento do valor mínimo do programa, de forma coletiva para que o cliente não prefira ficar com a que cobra mais barato, pode ser comparada ao que os economistas chamam de cartel³⁴: prática utilizada para elevar o preço e diminuir a concorrência.

Nesta mesma entrevista, Regina segue:

- Sabrina mora em Minas Gerais numa cidade pequena. Ela tem dois filhos e não arrumava serviço nem de empregada doméstica. A mãe dela falou que ela é bonita: 'Vai lá e vai ser biscate, vai ser puta. Eu quero dinheiro, você tem que sustentar dois filhos, ninguém mandou você ter filho, eu não sou obrigada a sustentar você e seus filhos. Então você sai e vai lá fora ser puta.' Ela disse que ia ser mesmo. Ela era casada, o cara largou dela com dois filhos. E homem é assim, você sabe né? Eu fiz o filho agora você se foda que eu não quero nem você e nem o filho. Uma menina mais velha que vinha pra Íris, na época que dava muito dinheiro, só que [a prostituição na cidade] era mais reservada, elas [as prostitutas] não ficavam 'eu sou mesmo garota de programa e meu programa é 150 reais'.

- Fizeram até cartãozinho agora [mãe de Regina]

- Quem fez foi só a Raquel e a Sabrina. E os caras pegam o cartão rasgam e jogam fora, não vão chegar na casa deles com cartão de puta no bolso? Nunca. E ela falou que sofreu um acidente, tem a barriga toda estourada, é horrível a barriga dela, ela fez 'traqueo' tem até o sinal. Ficou em coma seis meses, aí ela voltou, a mãe dela tratou um ano ali e depois a mãe falou que precisa de dinheiro para sustentar ela e seus filhos, e achou melhor que virasse 'biscate'. Como a moça que vinha para cá faz tempo agora ela está bem de vida, tem até carro. Quem paga são os caras que vem para cá. E é carro bom, não é carro velho não, trocam de três em três anos. A pesca fecha de novembro a março. E não tem turista. E é a praça é para o pessoal de Íris mesmo. E ela não vem para cá, fica quatro meses sem vir pra Íris, mas chega uma época dessas [que tem muito turista], ela fica. Faz um mês que

³⁴ Uma breve definição de cartel pode ser encontrada no seguinte sítio: http://www.economiabr.net/teoria_escolas/cartel.html. Acesso em 18/11/2015.

está aqui, se hospeda em um hotel, não fica na casa de ninguém. Teve um cara que eu vi dar mil reais para ficar com ela de quinta a domingo. Mas se você visse o homem também, Deus me livre, eu não ia nem por cinco mil. E cada uma tem uma história. (Trecho de entrevista com Regina – abril de 2012)

Regina, que também se relaciona com turistas, e circula pelos mesmos espaços que as mulheres que fazem programas, foi avaliada como “boba” por não cobrar para sair com esses homens. Como resposta, ela argumentou que não teria coragem de fazer isso, principalmente pela sua mãe.

A distinção entre Regina e outras mulheres que cobram fica evidente em suas falas. Os relacionamentos que Regina estabelece com os turistas não é por dinheiro ou presente. O dinheiro aqui, da mesma forma que foi avaliado por Simmel (2006)³⁵, evidencia uma desvalorização moral. Por outro lado, as mulheres que ganham dinheiro se relacionando com os turistas acreditam que Regina é “boba”, porque poderia continuar saindo com os homens e ainda receber dinheiro por isso.

Em Íris, espectadores pouco ambientados, e isso inclui os clientes, acham que todas as mulheres são prostitutas e estão disponíveis. Aqueles que trabalham em algum cargo do governo e não residem na cidade acham a mesma coisa. Para quem vê de fora parece, num primeiro momento, ser tudo a mesma coisa, no entanto, uma mulher que tem um emprego como auxiliar de enfermagem que faz programa para complementar renda não se vê como uma mulher pobre que, quando não tem turista na cidade, tem que fazer programa por preço inferior na beira da rodovia. Contudo, há uma valoração interna que vai além dos três espaços distintos de prostituição (rodovia, praça e casa). Há mulheres que fazem programa e negociam o preço (as garotas de programa). Há aquelas que trocam sexo por “presente”, podendo ser dinheiro ou não. Há mulheres que saem com os turistas, não cobram mas recebem algo em troca (caixa de cerveja, presentes etc.). Finalmente, há mulheres que mantêm um relacionamento sério com algum turista e eles bancam elas, montam casas e pagam as contas.

Introduzindo o termo *programa* que, no Brasil, remete à prostituição, ele alude à participação nesses relacionamentos de mulheres categorizadas como prostitutas e de outras que não são assim consideradas. Essa distinção destoava a percepção generalizada na cidade, que confundia “turismo sexual” e prostituição. No decorrer da

³⁵ Essa ideia do Simmel, relação do dinheiro nas trocas sexuais, está presente na Introdução desta dissertação.

pesquisa fui percebendo que a crescente presença de estrangeiros à procura de sexo e de relacionamentos afetivos nas praias de Fortaleza estava confundindo distinções entre diferentes modalidades de intercâmbios sexuais e econômicos. (PISCITELLI, 2011, p.543)

Em toda a minha pesquisa fica marcada a heterogeneidade da prostituição. No entanto, os casos de Íris são muitos próximos do que Piscitelli está relatando neste trecho acima. O relacionamento minimamente sério se confunde com outras trocas, como no caso das mulheres que começam a fazer programa e tem um cliente fixo e eles começam a bancar essas mulheres. Esse envolvimento do dinheiro nos faz questionar outros tipos de relacionamentos, inclusive casamentos que, moralmente, é o oposto da prostituição.

3. Girassol – personagens, cenários, mercados em uma cidade média

3.1 A cidade

Girassol é uma cidade do interior do estado de São Paulo com aproximadamente 200 mil habitantes. É uma cidade com pouca porcentagem de sua população rural, sendo que 95% da população vive em área urbana. É um centro regional industrial, com a economia voltada para atividades industriais e na agropecuária (com destaque à produção de cana-de-açúcar, laranja, leite e frango).

As atividades sexuais observadas nessa cidade são diversificadas no que diz respeito à idade, gênero e localização geográfica. Afastada do centro da cidade, tem uma avenida conhecida como área de prostituição: a Avenida Juscelino Kubitschek. Neste local, mulheres e travestis ficam nas ruas da própria avenida ou próximas a ela durante a noite ou utilizam alguns bares como ponto. Outras mulheres, de idades bem delimitadas – em sua maioria de 18 a 30 anos – fazem programas durante a noite em casas noturnas de prostituição. Outro ponto onde há casas de prostituição é a marginal da rodovia que corta a cidade. Além das casas, tem mulheres que fazem programa durante a tarde na praça do mercado municipal; em site de prostituição que atendem toda a região; etc.

O foco do trabalho de campo em Girassol se deu, sobretudo, nas práticas de prostituição das casas noturnas. Entretanto, outros espaços foram estudados, como a praça e um pouco de uma avenida conhecida como zona de prostituição da cidade.

Mesmo com essa classificação de espaços específicos de prostituição, é importante ressaltar que, assim como ocorrem em Íris, algumas mulheres se movimentam nesses territórios de prostituição. Esse é o caso, por exemplo de Kátia que trabalha no salão da boate durante a noite, utiliza os quartos da casa e ainda faz programas durante a tarde na Avenida Juscelino Kubitschek.

Kátia tinha 27 anos, morena, magra, cabelos castanhos cumpridos e lisos, estatura mediana, de rosto fino, mas alguns traços marcantes, mãos grandes e com unhas

compridas e pintadas de azul e os pés grandes também. Usava uma camisola tomara-que-caia cor-de-rosa e tinha bem pouco peito. Perguntei para Kátia sobre fazer programas nas ruas. Ela disse que faz algumas vezes [em Girassol mesmo] no período da tarde, mas não tem coragem de fazer à noite, pela insegurança. Disse que foi até às travestis perguntar sobre o ponto, se teria algum problema ela andar por lá. Falaram que andando ou parada ninguém é dono do ponto à tarde. No período na tarde, geralmente, são clientes que utilizam o horário do almoço.

Antes de tudo, ela foi conversar com as travestis que fazem ponto na avenida para perguntar como funcionava e se teria algum problema ela ficar por lá no período vespertino. Isso porque, como será falado no capítulo de Gardênia, a rua também tem “dono”. E fazer ponto em algum lugar cuja posse seja de outra pessoa pode resultar em brigas violentas.

3.2 As casas noturnas de prostituição

As casas de prostituição estudadas em Girassol são todas casas noturnas, igualmente chamadas de boates ou zona, e estão localizadas aos arredores de uma avenida na periferia da cidade de Girassol também conhecida como área de prostituição. Durante os anos que realizei o trabalho de campo nesses espaços – 2010 até 2013 – frequentei duas casas, que chamo aqui de casa 1 e casa 2 .

Minhas inserções nesses espaços ocorreram no período da tarde. As mulheres que utilizam o serviço dos quartos durante a tarde são aquelas que não são da cidade. Com isso, as conversas e entrevistas foram realizadas com aquelas que estão em constante movimento, viajam de casa em casa, de cidade em cidade, para trabalhar como prostitutas nas boates. Assim, muitos relatos não são apenas de uma casa específica, mas podem ser de outras casas, e outras cidades.

Logo que comecei a fazer trabalho de campo com as idas às casas noturnas, o principal questionamento era: por que exercer prostituição na casa e não na rua, uma vez que a manutenção de casa destinada a essa finalidade é crime? Levando a sério esta dúvida, busquei entender como elas percebem esses dois espaços: a casa e a rua. Durante as conversas com as prostitutas, perguntava sobre a rua, como é a rua para elas,

se fazem ou fizeram ponto nas ruas, e o porquê da preferência pela casa. Alguns motivos foram destacados: preço, segurança, anonimato e proteção em relação ao preconceito.

A seguir, descreverei algumas situações para ilustrar cada um desses três pontos destacados como principais motivos para ficarem nas casas de prostituição e não nas ruas. A primeira com Cláudia, Alicia e Bianca falando sobre o preço dos programas nas casas e nas ruas. Em seguida, Eloá e Fernanda falando relatando a violência nas ruas. E por fim, Denise se justifica tomando como pano de fundo o anonimato.

Era início de setembro de 2010 e, acompanhada por Fabiana e Carla do GETS, visitamos a casa 1. Tinham três garotas que toparam conversar, as que já estavam na sala, enquanto as outras passavam, olhavam, e saíam – e teve uma que ficava encarando a gente feio. Das entrevistadas duas eram de minas e a outra, Cláudia, morou em uma cidade próxima à Girassol. Alicia era morena, de cabelos lisos e olhos verdes, baixa estatura e usava uma blusa que dava para ver a barriga e uma saia jeans. Bianca era negra, e estava com os cabelos presos e passou a conversa toda deitada em um colchão no chão. Tanto Alicia quanto Bianca fazem programa há três anos. Enquanto Cláudia, uma mulher alta, morena de cabelos negros e lisos, disse que está *na noite* há mais ou menos um ano. Em uma conversa que tivemos³⁶ com Alicia Bianca e Cláudia, falamos sobre fazer programas nas ruas e Alicia disse que na rua é complicado porque os homens oferecem no máximo vinte, trinta reais para você pois eles pensam que é *nóia*³⁷.

Eles falam “tem ouro ai, diamante?”, na rua é assim. [...] tem ouro na sua buceta? [...] É na rua não. Eu prefiro em casa porque já tem um valor fixo. Porque a gente cobra do mínimo da casa mais para cima, menos do mínimo da casa não dá, então para nós compensa trabalhar na casa noturna. (Fala de Cláudia. Diário de campo – setembro de 2010)

O preço do programa nas casas noturnas, geralmente, é mais alto que na rua, embora não seja uma regra e possa variar a depender da localização da rua e da casa. No caso de Girassol, dificilmente uma mulher na rua ou na praça vai conseguir mais de cem reais num programa, que é o preço mínimo de um programa na casa. Mesmo com o

³⁶ Essa inserção foi com a Fabiana e Carla, ambas do GETS.

³⁷ Esse termo, nesse contexto, faz referência às pessoas que fazem programa para pagar o consumo de drogas, no caso, o uso do crack.

valor do aluguel do quarto, que era 20 reais, o valor que a mulher vai receber continua superior.

Eloá faz programas há três anos. É uma mulher de 21 anos negra, gorda, alta de cabelos lisos e com um pouco de luzes, sua família é de Minas Gerais. Fernanda já é mais nova, 18 anos, pequena, magra, morena, de cabelo alisado também e com poucas luzes, usava um *piercing* grande de gato no umbigo. Esta veio de Araraquara-SP, e faz programas há seis meses. Ambas trabalham na casa 2. Tanto Eloá quanto Fernanda afirmaram nunca ter trabalhado na rua, e Eloá disse que na casa tem mais segurança. Dificilmente saem dela para fazer programa, ou seja, utilizam os quartos oferecidos pela casa. Para elas, a questão é menos o dinheiro, já que, dependendo de onde estão, conseguem ganhar bastante na rua. O importante mesmo é a questão da segurança. Eloá contou ainda que sua ex-mulher, também prostituta, viu outra mulher ser espancada enquanto estava na rua esperando por um programa.

A violência nas ruas é um grande problema para as prostitutas. Muitas vezes a violência física está relacionada ao preconceito com a figura da prostituta. Grande parte das mulheres que falam sobre a rua tem relatos sobre a violência e histórias envolvendo conhecidos para contar. Este, com certeza, é um ponto muito importante para a escolha da casa em detrimento da rua.

Conheci Denise na casa 1, quando Ney a chamou e disse que eu estava para conversar, então ela desceu imediatamente. Disse para eu subir, e fui, subi as escadas segui até um corredor onde tem outros quartos e no fim do corredor tem a sala. Não fomos na sala, entramos em um dos quartos, no quarto em que estava uma mulher da janela enrolada no cobertor. Logo veio o cheiro do cigarro e um calor quase insuportável, mas isso porque, além do quarto ser abafado, eu estava andando de baixo do sol de blusa escura e calças jeans. Entrei e sentei na cama de Denise, que ficou meio sentada e meio deitada. O quarto tem três camas, um armário e uma televisão bem velha em cima de uma cadeira.

Denise é uma mulher negra, cabelos lisos e pretos, magra e estava com uma blusinha regata amarelo e short curto cinza. No início da conversa disse que tinha 25 anos, mas no final da conversa ela esclareceu que 25 é a idade que ela fala para os clientes, que na verdade tem 31 anos. Ela mora em São Paulo e fazia cinco anos que

fazia programas, mas que até então nunca tinha viajado para trabalhar em boates de outras cidades, mas que tinha gostado. No entanto, sempre ficou em espaços fechados de prostituição.

Denise disse que preferem a casa pela questão da segurança. Por morar em São Paulo e fazer programas lá, preferem também pela questão do anonimato [para que sua família não saiba que se prostitui]. Denise disse que na rua qualquer pessoa pode passar e ver ela se prostituir, e não é legal, porque existe muito preconceito ao se afirmar como prostituta. (Diário de campo – abril de 2011)

O anonimato e a proteção do preconceito aparecem de duas formas: em relação ao outro que tem preconceito com a figura da prostituta e em relação aos familiares dela. Por se tratar de atividade moralmente condenada, muitas mulheres com as quais conversei relatam não contar aos familiares que são prostitutas, e por isso, na maioria das vezes, não fazem programa nas suas cidades com medo que pais, mães, filhos descubram. A casa, bem como a mobilidade é uma estratégia de manutenção do anonimato.

Esses foram os motivos apontados por algumas mulheres sobre a preferência na escolha do espaço das casas em detrimento à rua. Em relação às casas, perguntei algumas vezes qual a diferença da casa 1 e a casa 2 e me disseram que era a idade das mulheres. Que na casa 1 eram mulheres mais velhas, enquanto na casa 2 eram jovens mulheres.

Já era mais de 14 horas quando o ônibus “Castelo Branco” chegou ao ponto que eu estava. Sentei e em pouco tempo estava na Avenida Juscelino Kubitschek. Levantei e puxei a cordinha do ônibus indicando que parasse no próximo ponto.

Desci, portanto, no ponto em frente a uma loja de carros. Estava chovendo. A Avenida Juscelino Kubitschek é localizada na periferia da cidade. Nela haviam muitos barracões de mercadorias voltados para carros e agronegócios. O comércio, portanto, era feito majoritariamente por homens e para homens. Isso faz dessa região, um ponto interessante para a localização dessas casas de prostituição: é afastado da cidade e num circuito de homens. Passei em frente de uma dessas lojas e tinha uns caras lá na frente e quando fui me aproximando escutei eles falando: “deve ser sorvete”, “não, pé de moleque”, disse outro, por fim, “não! É beijo de moça”. Enfim, estavam falando

de mim, tentando imaginar/acertar o que eu estava colocando na boca. Mas o que era típico naquele lugar, que tem muitos homens, era esses homens mexer com as mulheres, assoviando ou fazendo comentários estúpidos. Isso também explica o fato de muitas vezes me confundirem com uma prostituta quando estava indo até as casas. Fui parada algumas vezes por homens de carros, motos e até bicicletas perguntando qual o preço do programa.

Segui em direção à boate que se localiza nessa avenida. Esta boate era uma casa noturna de prostituição, mas ao se afirmar como tal se caracteriza como crime. Por isso, a porta que saía do salão e dava acesso aos quartos onde ocorriam os programas foram fechadas e abertas pelo lado externo do salão. Era uma casa de portão azul de arame com um espaço que funcionava como garagem revestida com cimento e pedras, e sem cobertura. A casa era logo após a “garagem”, a parte de baixo, que corresponde ao salão, era alaranjada com um letreiro luminoso escrito o nome da boate. A parte de cima era uma construção de madeira e era lá que estão os quartos e banheiros que as mulheres prostitutas, que não são da cidade, ficavam instaladas durante a tarde. As cores que predominavam no salão eram pretas e vermelhas, com muitos espelhos, em um canto bar com bebidas, mesas e cadeiras espalhadas pelo salão, do lado oposto ao bar um palco com uma barra de pole dance, e a jukebox – um aparelho que toca música conforme inserem moedas e escolhem qual a música a ser tocada. Era lá onde aconteciam as danças, o consumo de bebidas e a negociação do programa. Na parte oposta ao palco tinha um bar, e logo ao lado, a porta que dava acesso aos quartos onde ocorrem os programas. Essa porta ficava fechada e entrada para os quartos era pelo lado de fora. Saindo da boate, tinha um espaço para os fumantes e do outro lado, a porta que dá acesso aos quartos para a realização dos programas.

Ainda na parte inferior da casa tinha a cozinha, que dá acesso as escadas para os quartos de estadia das mulheres. Ney chamou uma das meninas e disse que eu estava lá para conversar, então ela desceu imediatamente e disse para eu subir, subi as escadas e lá em cima tinha um varal com roupas penduradas, calças de lycra coloridas. Fui para um corredor onde havia outros quartos e no fim do corredor uma sala. Não fomos à sala, entramos em um dos quartos. O quarto tinha três camas, um armário e uma televisão bem antiga em cima de uma cadeira. Esses quartos, da parte superior, são, na maioria, coletivos, com algumas camas, alguns com televisão. Além dos quartos e banheiros, a

sala continha um jogo de sofás e um aparelho televisor. Essa sala tinha uma saída para a sacada sobre a parte frontal da casa, logo acima do letreiro luminoso. (Diário de campo – abril de 2011)



FIGURA 5. Casa 1

Esta casa apresentada através de um trecho do diário de campo e da imagem acima, é a casa que mais visitei durante a pesquisa. A segunda casa não se localiza exatamente na própria avenida, mas em um quarteirão bem próximo a ela.

Esta casa era bem fechada, se não fosse a pintura no muro, que denuncia ser uma boate, não imaginaria que fosse. O muro é pintado de cor-de-rosa claro com desenhos mal feitos de três mulheres com tops ressaltando os seios e shortinhos curtos, a bunda. Um quadrado azul escrito “VISA” dentro e outro “MASTER”, informando que a boate aceita cartão de crédito, e pintado o nome da boate. Abrimos o portão de correr e entramos³⁸. Fabiana chamava, indicando que estávamos entrando. Quando chegamos ao espaço onde tem as entradas para os quartos ouvi um grito perguntando quem era e o que queríamos. Fabiana perguntou se uma determinada mulher estava lá, então nos chamaram para entrar. Era um quarto com duas camas, uma televisão, muitos sapatos de

³⁸ Neste dia estava em companhia de Fabiana e Carla.

salto e a parede um tanto suja, com alguns desenhos. Foi o que deu para eu ver da porta. A Fabiana nos apresentou e novamente disse que éramos estudantes de pedagogia e ciências sociais e estávamos fazendo uma pesquisa que se tratava de ir às casas e conversar com as mulheres que ficavam lá. Uma dessas moças se animou em conversar e nos levou para outro quarto. Ela apresentou como Eloá (negra, cabelo liso com um pouco de luzes, gorda e alta; tem 21 anos, disse que faz programa desde os 18, quando deixou sua casa). Durante toda a conversa, estava sem roupas, apenas enrolada em uma toalha. Fomos para outro quarto, entramos e sentamos numa cama com um lençol mais ou menos arrumado, Eloá nos levou para conversar com outra moça, Fernanda (morena, magra, baixa, cabelo liso e com poucas luzes, aparentava ter 18 anos), ela usava regata e short, tinha um *piercing* grande de formato de gato no umbigo. O quarto é maior que o anterior com cinco camas e duas beliches, todas encostadas na parede e ainda assim sobrava um espaço no meio, e a televisão que passava uma novela do SBT. Na parede da porta tinha um espelho e em torno dele, marcas de batom de vários tons de vermelho e rosa em formato de “beijo”, e riscos da cor preta feitas com lápis de olho. Em frente ao espelho tinha uma mesa, onde fica a TV, que tinha um estojo de maquiagem, com restos de sombras nos seus respectivos espaços. Na parede oposta de onde estávamos, havia escritos de caneta “eu amo a vida” e em volta, alguns nomes de pessoas. Nessa mesma parede, mas do outro extremo, tem um armário de alumínio onde existem compartimentos, que são separados por portinhas com chaves, mas estavam todas abertas. (Diário de campo – março de 2011)

Essa casa, assim como a casa anterior, tem quartos destinados a hospedagem das mulheres que não são da cidade. Neles elas dormem, passam as tardes e se arrumam para irem ao salão. Esses quartos ficam no fundo da casa. Na parte da frente ao lado direito, fica o salão que é parecido com o da primeira casa: com o palco, a barra de pole dance, as mesas, o bar, a jukebox.

Nas casas de prostituição, tanto em Gardênia quanto em Girassol, tem mulheres que moram na própria cidade, trabalham a noite, mas não usufruem do espaço de hospedagem. E tem aquelas que não são moradoras da cidade e utilizam esses espaços ofertados pelos donos das casas. Algumas casas de Gardênia – que não tem o

salão – alugam os quartos para as mulheres. Outros espaços, assim como as boates de Girassol, não cobram pela estadia.

Essas mulheres que conversei não são de Girassol e, por isso, utilizam os espaços da casa como estadia. Elas viajam de tempo em tempo para trabalhar e ficam hospedadas nessas casas. Além da mulher ter a possibilidade de conhecer várias cidades, com a mobilidade ela terá novos clientes. Enquanto que, para a casa, esse trânsito de mulheres faz com que tenham “carne nova” constantemente, o que chama atenção dos clientes.

Quem indica as casas de prostituição são as próprias mulheres que já tiveram contato, os cafetões que visitam outras boates, ou então os clientes. Esses clientes podem até ganhar alguma coisa com a indicação de “meninas”: dependendo da informação ganham comissão de doses ou programas. Em algumas cidades, jornais específicos informam onde precisam de garotas para trabalharem nessas casas de prostituição.

Elas disseram que só ficam nas casas se for interessante para elas, se tiverem algum problema – como o caso em que uma casa estava infestada de bichos – elas arrumam as malas e vão embora. Mesmo as mulheres tendo toda liberdade de escolha em ficar ou não na casa, a pessoa que ajuda a prostituta nesse deslocamento corre o risco de ser autuado pelo Art. 231-A do Código Penal, que corresponde ao tráfico interno de pessoas³⁹.

3.2.1 As meninas

Meninas é um termo muito utilizado nas casas tanto pelo cozinheiro quanto por elas mesmas para fazer referência as mulheres que fazem programas nesse espaço. No entanto, o termo *meninas* vai de acordo com a forma que a lei trata essas mulheres, tornando vítimas e sem capacidade de escolha e discernimento do que é bom ou ruim para elas.

Nessas casas de prostituição em Girassol tive contato apenas com as *meninas* que ficam a tarde nos quartos, isso significa que são aquelas que não são na cidade. São

³⁹ Art. 231-A. Promover ou facilitar o deslocamento de alguém dentro do território nacional para o exercício da prostituição ou outra forma de exploração sexual.

mulheres de outros lugares do país que viajam e utilizam o espaço da casa para hospedagem. Assim como tem quartos disponíveis para estadia nessas casas de Girassol, também tem nas outras cidades que elas ficam. Conversei com mulheres de várias cidades do interior do estado de São Paulo e de outros estados: Minas Gerais, Goiás, Pará, Rondônia.

Uma das justificativas delas saírem de suas cidades para trabalhar é o fato de esconder sua atividade de sua família.

A Eloá diz que veio de Minas Gerais, que sua família é de lá, mas que nunca fez programa em sua cidade, apenas no estado de São Paulo (a própria cidade de São Paulo e o interior). Diz que não faz programa lá porque não seria legal, não seria aceita, e seria “apedrejada”. Fernanda deu continuidade na conversa e disse ser de Araraquara e, como Eloá, também não faz programa na sua cidade. (Diário de campo – março de 2011)

A idade delas varia de 18 a mais ou menos 30 anos. Ter dezoito anos completos é importante para que a atividade não seja classificada como exploração sexual infantil, por isso, muitas mulheres falam que a única coisa que precisam mostrar é o documento de identidade para provar ao dono da casa que é maior. A idade máxima foi apontada várias vezes sendo trinta anos. Algumas mulheres além de trocar seus nomes, mentem sobre suas idades para os clientes. Isso significa que tem mulheres com mais de trinta anos na casa, mas para o cliente, elas afirmam que tem menos, por exemplo, Denise que tem 31, mas diz aos clientes que tem 25 anos.

Fernanda disse que faz seis meses que trabalha como prostituta, começou com uma amiga levando-a para uma casa e continua porque é “dinheiro fácil”. O dinheiro aparece como autonomia para elas, tanto em relação as outras pessoas de sua família (pais, irmãos ou marido) quanto na questão de mercado, pois muitas vezes no discurso delas é na prostituição que tem autonomia de se vestir do jeito que quiser, maior possibilidade de escolha de trabalhar ou não e “não precisa picar cartão”.

A relação com o corpo aparece bastante na fala das mulheres, não só relacionado a produção para a noite, mas com a preocupação da mudança dos corpos no decorrer dos anos nessa atividade. Para Geisa (branca, um pouco gorda, cabelo liso e loiro), “cada ano que passa, o corpo tem uma mudança” e isso inviabiliza, na sua visão, trabalhar sempre como prostituta. Iana e Juliana (de aproximadamente 20 anos, morena,

cabelos negros e traços indígenas), assim como Geisa, acreditam que ninguém vai querer quando elas estiverem velhas e “com pelancas” e por isso falaram da importância em juntar dinheiro por conta.

Helena [branca, loira de cabelos longos, sempre sorrindo e com os dois dentes da frente um pouco separados] contou que fica mais ou menos 5 meses e some durante uns 3 anos e volta novamente. Quando some é porque encontrou algum cliente para namorar que mantém ela por esse tempo, são homens com mais de 40 anos. Ela disse que é bom sumir porque ajuda no trabalho, pois a noite cansa e deixa a pessoa acabada “fica de mau-humor e o cliente não gosta”. (Diário de campo – maio de 2012)

Quando Helena fala que encontrou algum cliente para ter um relacionamento ela se afasta das casas e de qualquer prática relacionada à prostituição. Essa “saída” ou afastamento da prostituição pelo relacionamento é bastante relatada nas conversas. E quando rompem, voltam para a “noite”. Assim como a entrada “na noite” é justificada pelos ex-maridos ou companheiros que as abandonaram muitas vezes com filhos para sustentar.

Essa justificativa pelo relacionamento afetivo apareceu em vários contextos de prostituição aqui estudados. Porém não é exclusivo:

Iana [que é uma mulher de mais ou menos 20 anos, branca, magra, cabelos escuros e enrolados] disse que para ela é melhor fazer programa, porque antes de cobrar ela “dava” de graça e ficava mal falada pela cidade. Então resolveu cobrar pois assim “saía no lucro”. (Diário de campo – outubro de 2011)

O uso de drogas lícitas e ilícitas são frequentemente relatados pelas mulheres dessas casas. Como apresentarei posteriormente, o consumo de doses já faz parte do acordo com o dono da casa e fica a critério de cada uma pedir com ou sem álcool. Maconha e cocaína foram citadas como substâncias ilícitas utilizadas tanto no salão quanto nos quartos com clientes. Essa é uma forma das mulheres se sentirem mais “soltas”, à vontade para conversar e se relacionar com os clientes.

Kátia contou que alguns anos atrás gastava muito dinheiro com drogas, e essa era uma forma de aguentar a “noite” pois achava difícil de “cara limpa”⁴⁰, “com a droga tudo é lindo”. No entanto, ela teve problemas com o uso das drogas lícitas e ilícitas e precisou desenvolver outras técnicas para se acostumar. O resultado disso é que hoje em

⁴⁰ Termo utilizado para se referir a uma pessoa quando está sóbria.

dia ela não utiliza desses artifícios e suas doses são previamente combinadas sem o acréscimo de álcool.

Para mulheres como Alícia, que acredita que a forma ideal de gastar o dinheiro é investindo em bens materiais e ajudando sua família, acabam fazendo um julgamento sobre aquelas que gastam seu dinheiro com o consumo de drogas:

“Mas se eu tô na noite também um pouco é pra ajudar minha mãe, ajudar o meu filho, entendeu. Venho de longe para levar dinheiro pra eles, pra ajudar. Já comprei meu carrinho com o dinheiro da noite, tô fazendo minha casa, tem que ficar, mas tem que ter um objetivo, não pode só ficar e ficar ai, sabe? Tem gente que já gasta em droga.” (Fala da Alícia. Diário de campo – setembro de 2010)

3.2.2. Códigos das casas

Dividindo os espaços do salão e dos quartos das casas durante dias e noites, as mulheres vão aprendendo umas com as outras, quem é mais experiente passa algumas informações de quais são os códigos das casas, dos relacionamentos com os clientes, e entre elas. Alicia, por exemplo, disse que a moça que levou ela para a primeira casa de prostituição falou muita coisa que se pode ou não fazer no funcionamento geral da casa. Tem outras coisas, como os limites do que o cliente pode fazer ou não no salão e no quarto, foi percebido com o tempo. Em outras palavras, se os códigos não são ditos diretamente, são percebidos pelas condutas dos sujeitos que compartilham a casa de prostituição.

Quando chegam nas casas, as mulheres precisam mostrar o RG para os donos para comprovar a maioridade. Isso porque, menos de dezoito anos caracteriza exploração sexual infantil. Com isso, certamente, o risco de os donos serem detidos pela polícia e presos aumentaria, pois, o impacto moral de uma adolescente fazendo programa é maior. Assim como tem o limite mínimo de 18 anos, existe o limite máximo de 30 anos para trabalhar nas boates como prostituta. Como disse anteriormente, quando as mulheres vão chegando perto dessa idade elas passam a mentir mais sobre sua idade.

As mulheres que são de fora da cidade podem utilizar os quartos de hospedagem da boate, esses não são os quartos do programa. O espaço destinado à estadia – cozinha, quartos, salas e banheiros – fica separado do resto da boate e dos

quartos para a realização dos programas. Elas dormem e passam o dia nesse espaço e durante a noite se arrumam e vão para o salão.

Na casa em Girassol, Katia disse que recebe o programa inteiro e o que tem que fazer é beber, ou seja, fazer com que os clientes paguem a sua bebida. Mas disse que não dá muito certo, pois ela só toma suco. Disse que prefere fazer os programas, mas isso dá prejuízo para a casa. Na casa, o dono recebe pela bebida e pelo aluguel do quarto. (Diário de campo – abril de 2011)

Nessas duas casas estudadas, as mulheres recebem pelo programa, pelo strip-tease, e pela comissão das doses. No salão, o acordo com o dono é fazer com que o cliente pague, inclusive para as mulheres, uma quantidade mínima de doses por semana. Quanto mais doses o cliente paga maior o lucro do dono. Além das doses, o dono da casa recebe o aluguel dos quartos que as mulheres fazem os programas. O valor do programa corresponde ao mínimo de R\$100,00 por meia hora, sendo R\$80,00 o preço do programa e R\$20,00 o valor do aluguel do quarto. Se quiser ficar mais tempo, os valores cobrados aumentam. A mulher tem a liberdade de colocar seu preço, só não pode fazer o programa por menos de 80 reais. Esta quantia é paga no balcão, quando o cliente acerta sua comanda antes de ir para o quarto. O dinheiro fica com o dono, sendo entregue às mulheres no fim da semana.

O dono recebe também por faltas e pela saída das mulheres. Quando faltam do trabalho, ou seja, quando não aparecem no salão, é cobrada uma multa de 150 reais por dia que faltou. Para sair da casa com a *menina*, o cliente precisa pagar a saída mais o preço do programa que varia com a quantidade de horas que vai ficar fora. Iana disse que, na casa 2, antes o preço era 300 reais para sair da casa e realizar o programa em outro lugar – geralmente o motel – mas hoje é quase o mesmo preço de fazer o programa dentro da casa. Para ela não compensa pagar o valor da multa nem sair da casa para o programa.

Outro motivo que reforça a posição de não sair da casa para Iana é a falta de segurança a partir do momento que as mulheres saem das casas. Isso porque assim como o programa na rua, o ‘lado de fora’ da casa também aparece como um problema para a mulher. Essa segurança se relaciona diretamente com a carga moral dessa atividade. Pelo fato da prostituição ser uma atividade moralmente desvalorizada, muitos casos de violência rondam essa atividade. Essa desvalorização moral faz com que muitos casos fiquem impunes, ou seja, no limite, são socialmente tolerados. Iana

comentou sobre um caso que sua mãe, também prostituta, contou a ela como um alerta. Uma vez sua mãe recebeu uma proposta alta de programa e ela achou estranho e recusou, mas uma amiga aceitou, no outro dia essa amiga foi encontrada num canavial. Com isso, Iana disse que não sai de jeito nenhum da casa para fazer programa, e prefere ficar na casa e fazer programa nela mesma, que é meia hora e toca o sinal e tem que sair; ao contrário de quando sai da casa que fica um tempo bem maior. Sem contar que financeiramente não vale a pena e o cliente não consome na casa.

Algumas mulheres não saem da casa pela insegurança, e preferem fazer o programa no quarto oferecido pela boate. Ao realizar o programa numa casa noturna, essa casa é imediatamente caracterizada como um local que explora a prostituição da mulher, portanto é crime de acordo com o Artigo 229 do Código Penal. Pelo fato de ser crime, algumas boates não tem um espaço que pode se caracterizar como quarto. Esse é o caso de uma casa que Helena ficou em outra cidade. Ela disse que nessa outra casa o dono colocava os colchões no chão de um espaço separado, para a realização programa, porque não podia ter quartos. Na casa 1, a porta que fazia a ligação da boate com os quartos foi fechada e aberta pelo lado de fora da boate.

A relação das *meninas* com o dono, em ambas as casas, é baseada na retribuição, no afeto, mesmo não sendo de forma igual. O dono oferece o espaço do salão, dos quartos para hospedagem, a alimentação, e a segurança dentro da casa. A proteção é física, mas também as mulheres têm a garantia de que receberão o dinheiro do programa. Algumas mulheres da casa 1, como Kátia e Denise, falaram que o dono da casa é como um pai, inclusive este é o termo que algumas *meninas* utilizam para se referenciar a ele. O *pai* tem privilégios com as mulheres que trabalham na casa em relação aos programas. Na casa 2, em outubro de 2011, o movimento estava baixo. Apesar disso, Iana disse que fica lá porque o dono faz muito por ela, e ficar na casa é uma forma de recompensar até aumentar o movimento.

Além da relação dos donos com as prostitutas e com os clientes, outra relação que é importante e comentada pelas próprias mulheres é a relação do dono com os policiais⁴¹. Neste caso, o dono da casa, para manter a boate funcionando, depende do

⁴¹ Retomando Foote Whyte (2005), a função do departamento de polícia tanto nessas casas noturnas de prostituição quanto em Corneville não é fazer cumprir a lei, e sim regular as atividades ilegais.

acordo que faz com a polícia, que no caso é o pagamento de uma taxa que é constantemente cobrada⁴². Segundo Helena, a polícia as vezes faz batida, mas é raro. Quando faz geralmente é para achar droga e pedir o RG. E, para ela, não é apenas o dono que depende, mas a polícia depende também do dono da casa.

3.2.3. Relação com os clientes

A princípio, algumas delas acham que são obrigadas a ficar com qualquer cliente que esteja disposto a pagar o programa. Com o tempo vai pegando algumas táticas de despistar os clientes indesejados, como, por exemplo, falar um preço absurdo do programa. Alicia, por exemplo, contou que na noite anterior à entrevista, um dos rapazes da universidade perguntou para Cláudia quanto era o programa e assim que ela respondeu ele retrucou falando que na esquina pegava uma com um preço bem inferior. Nesse momento ela se levantou e deu uma cotovelada nele. No fim do relato, Alicia e Cláudia disseram que o cara acabou até pagando 80 reais em um strip-tease para uma *menina*.

De acordo com Cláudia, os clientes da casa 1 são na maioria da cidade de Girassol mesmo, mais velhos e casados. No entanto, às vezes aparece uns “rapazinhos universitário” mas desses, poucos pagam o programa. Ela disse que esses rapazes mais novos gostam de passar a mão em uma e outra, mas dificilmente pagam o programa. Quando os clientes que chegam e “metem a mão” no meio do salão, elas já avisam que não é assim que funciona as coisas. Mas essa postura de se impor não é de hoje. Alicia contou que no início os clientes faziam um monte de coisas que ela não admite que fazem atualmente. Os três anos que trabalhou nas boates, vendo e conversando com outras moças, deu entendimento e confiança para impor seus limites sem medo de retaliações.

No salão, os homens chegam e sentam nas mesas. Logo após as meninas sentam com eles, ou uma, ou duas, depende de quantos homens são. Porém, se o homem estiver interesse em outra ele fala e fica tudo bem. Alguns clientes são mais atraentes que outros, isso faz com que a mulher tenha mais vontade de fazer o programa. Caso não dê “para encarar” o cliente, a saída apontada por Cláudia é aumentar o preço do programa, falando que é 250 para o cliente não topa. Segundo ela,

⁴² Quando o acordo não é cumprido e o valor estabelecido não é pago, a casa pode ser fechada.

difícilmente ele topará porque vai perceber que foi uma tática para não fazer programa com ele.

Se o cliente só vai consumir as doses eles avisam as mulheres que só foram para a casa para conversar. Ou então falam que querem beber um pouco e depois ir para o quarto. Caso eles não deem essa informação, elas perguntam se eles vão para o quarto. Para Alicia, por exemplo, é mais vantagem irem para o quarto do que ficar sentada conversando e tomando as doses com o cliente. Isso porque, conforme ela ressalta, em meia hora de programa ganha mais do que a comissão das doses.

Enquanto estão nas mesas, o cliente e a *menina* negociam o programa: o valor, o que ela faz, se usa ou não camisinha. Com as condições estabelecidas, a quebra de uma regra pode gerar conflito. Com relação a camisinha, Katia disse que os homens têm costume de pedir para ir sem, ou tiram durante o sexo, inclusive o dono da casa. Uma vez um cliente tirou a camisinha, ela percebeu, parou o programa, pegou o dinheiro e foi embora.

3.2.4. Convivendo com outras meninas

Katia viu nos classificados e foi trabalhar em uma casa noturna. Lá todo o programa era dividido com a cafetina. Disse que tinha muita violência, que se a cafetina não gostasse de alguém, ela olhava de certa forma que as outras já sabiam que era para bater. Elas não podiam sair da casa e recebia 400 por semana e já achava o suficiente. Depois de dois anos trabalhando naquela casa, uma amiga disse que estava perdendo tempo lá, então ela saiu. [...]. Contou que já chegou a receber 1500 por semana em São Paulo, mas que lá era loucura, porque tinha que trabalhar até as seis da manhã. Disse que várias vezes teve casos de “baixar santo”, depois que fecha a casa algumas mulheres começam a ter “pirepaque”, bater a cabeça e falar que está com alguma coisa no corpo. Disse que algumas mulheres ascendem velas pela casa. Além disso, um dia uma mulher arrumou uma corda para tentar enforcá-la. Outra vez, uma mulher passou uma faca no pescoço da outra, arrumou as coisas e sumiu. Esses foram os exemplos que ela deu de conflitos nas casas entre as prostitutas, e um dos motivos, talvez o mais importante é inveja da beleza ou do trabalho da outra. (Diário de campo – abril de 2011)

Nesse trecho do relato de Kátia é possível perceber que as relações entre as *meninas* que convivem nos espaços da casa – boate e alojamento – são distintas. Podem fazer amizade e trocar experiências, dar dicas de quais casas e quais cidades são melhores que outras; quanto elas podem ganhar em cada lugar; se a casa explora ou não. Por outro lado, conviver com diferentes pessoas em um espaço de tempo curto, e ainda

disputar clientes e dinheiro nesse contexto, pode resultar em brigas que vai de simples bate-bocas até tentativa de homicídio.

“Tem umas mulheres que acabamos fazendo muita amizade e sentindo saudades, mas tem as de ‘nariz em pé’ que ‘se acham’ mais que as outras. Não tem o porquê disso, estamos todas fazendo a mesma coisa” (Diário de campo – março de 2011). Essa é uma fala de Eloá, referindo-se àquelas que dividem com ela o mesmo espaço de trabalho e descanso. Segundo ela, não tem motivo para umas se sentirem superior em relação às demais, pois todas estão fazendo a mesma coisa. É uma fala comum para aquelas mulheres, que defendem a questão de igualdade, respeito e humildade entre elas, e não a noção de superioridade que algumas têm sobre as outras.

Mesmo ‘fazendo a mesma coisa’ umas ‘se acham’ mais que outras e isso gera brigas entre elas. Essa que ‘se acha’, na concepção de Eloá, pode não fazer isso conscientemente. Por exemplo, Kátia que prefere ficar no seu canto, mas acaba passando por metida. Para Kátia, a briga certamente é causada pela inveja relacionada à beleza e à quantidade de programas que uma mulher dá conta de realizar a mais em comparação às outras.

Na sala da casa 1, conversando com Alicia, Bianca e Cláudia, elas falaram que nessa casa não tem implicação, logo não sai briga. A implicação, de acordo com Alicia, começa quando uma *menina* é mais bonita que a outra, ou quando ela consegue fazer mais programas. Então, a partir dessa inveja, uma começa a implicar com a outra. Mas isso depende da casa. Em outra cidade que elas foram, na casa tinha briga todos os dias. Inclusive uma que bateu numa *menina*, queimou suas roupas e ainda a *menina* teve de dormir no motel perto da casa. Em cidades como Campinas e São Paulo, elas falaram que se encaram uma *menina* elas vão para cima com gilete.

No salão o que não pode acontecer é se uma mulher estiver sentada com o cliente, ela levanta para pegar uma dose e outra aparece e senta com ele. Se isso ocorre, é interpretado como se a outra estivesse tirando o cliente daquela primeira que estava sentada com o homem. Isso é motivo para brigas. As coisas mudam se o cliente que convida outra pessoa para sentar com ele. Nesse caso, mesmo que a primeira não goste, como foi a vontade do cliente, ela não teria razão para arrumar briga.

Eloá disse que a pouco tempo namorava uma mulher que também fazia programa nas casas noturnas. Para ela os homens que falam frequentemente que amam suas mulheres e depois a deixam e vão procurar outras nessas casas noturnas. Comentou que já teve relacionamento com homens, mas agora sua relação com eles é apenas profissional. O relacionamento entre as mulheres das casas é visto por ela com certa frequência, pois as mulheres acabam se desiludindo dos homens.

Da mesma forma, Kátia diz que é normal e até corriqueiro as *meninas* se relacionarem entre elas, isso porque elas enjoam de homem e não só pela questão sexual, mas pela falta de carinho e sensibilidade, e é exatamente o que encontra nas colegas que dividem o mesmo espaço e a mesma profissão. Ela disse que já não aguentava mais o mesmo papo dos homens, e na casa tinha uma que sempre me fazia carinhos, passava a mão no cabelo, preparava meu leite, minha comida e acabava rolando algum sentimento. E tem umas que só tem orgasmo com mulheres.

3.2.5. Homicídio casa 1

No início de 2011, um caso de homicídio em frente à casa 1 gerou certo tumulto em todos os âmbitos da casa. Assustou as mulheres, porque tiveram que lidar com presença de policiais revistando a casa de forma ostensiva, e com o espírito do homem morto. E espantou os clientes, pelo fato do cara que foi espancado também era um cliente da boate. O caso foi noticiado nos jornais da cidade de Girassol, e bastante comentado pelo cozinheiro da casa e pelas mulheres que ainda frequentavam a casa.

Nos jornais, a notícia era:

Valdo, vigilante de 26 anos foi morto na madrugada deste sábado depois de ser agredido por vários indivíduos na porta de uma boate na avenida Juscelino Kubitschek. O crime aconteceu por volta das 2hs. Valdo estava na boate acompanhado do primo R.P., 24. Este primo disse a Polícia que Valdo começou a discutir com uma das garotas na frente da boate. Foi quando chegou ao local, vários indivíduos em um carro escuro, eles desembarcaram e começaram a agredir o vigilante com socos, chutes e golpes de capacete na cabeça da vítima. Valdo saiu correndo para o lado de fora da boate e tombou na avenida Juscelino Kubitschek. Seu primo correu para o interior da boate e pediu para que o proprietário acionasse o SAMU. Os agressores fugiram em seguida. Valdo foi socorrido pelo SAMU em estado

desesperador, ele foi encaminhado para a Santa Casa onde não resistiu e morreu. O caso foi registrado no Plantão Policial e deverá ser investigado pela Delegacia de Investigações Gerais (DIG) e 4º Distrito Policial.⁴³

Dois dias após o homicídio os policiais prenderam temporariamente os dois homens e uma mulher que estavam envolvidos na briga.

Ney disse que o homem que morreu era cliente e mexeu com uma das mulheres da casa, então ela ligou para dois conhecidos e quando ele saiu da boate, esses dois homens bateram nele até matar, e outras duas prostitutas, que estavam envolvidas na história, estão com mandato de prisão. Um os homens que matou já foi solto, depois de dizer isso, Ney parou e ponderou: nada justifica matar alguém.

Katia, no final de abril de 2011, disse que o movimento estava parado por causa da morte do rapaz em fevereiro, e que corre um boato que o espírito do cara morto lá na frente ronda aquela casa. Depois do ocorrido, muitas pessoas tiveram medo de ir para as casas. Esse medo deve-se à violência, da polícia e de acabarem sendo descoberto pela família. Um dia antes da nossa ida na casa, teve uma visita dos policiais no período da tarde, eles estavam à procura das mulheres envolvidas no assassinato. De acordo com Katia os policiais chegaram no local e reviraram tudo. A postura e o comportamento deles fizeram com que Katia quisesse arrumar as coisas dela e ir embora naquele mesmo dia.

A morte de alguém com certeza assusta outras pessoas, tanto clientes quanto mulheres. O resultado disso foi o baixo movimento nas casas da Avenida Juscelino Kubitscheck, até que no início de 2013 a casa 1 foi fechada.

3.3 A praça do mercado

São 10h15min.. Estou sentada em um banco da praça do mercado municipal, que está localizado no centro da cidade e onde se concentra, também a área comercial da cidade. Neste mercado vende-se vários produtos: comidas, roupas, telefones celulares, além de ter duas lotéricas. O mercado cobre o quarteirão todo (que é maior que os convencionais) e na sua frente há uma praça. Nessa praça há alguns bancos de madeiras e algumas árvores pequenas, que mal produzem sombra. Acredito que por isso também as pessoas se concentram na muretinha do mercado municipal, onde o próprio prédio produz sombra na parte da tarde. Havia por volta de 30 senhores na faixa de

⁴³ Este texto é uma reportagem que saiu em um jornal da cidade. Os nomes foram trocados.

60/70 anos, alguns moradores de rua e poucas mulheres. Os moradores de rua aparentam ser um pouco mais novos que os senhores. (Diário de campo – abril de 2014)

No ano de 2012 fiz uma rápida inserção na praça do mercado municipal, logo após a divulgação de uma reportagem sobre a prostituição nesse espaço. Focava em falas de comerciantes locais que estavam se sentindo incomodados com algumas mulheres ‘se insinuando’ no meio da rua e assustando seus clientes. Este relato abaixo foi feito depois que conversei com um grupo de mulheres mais velhas que há muitos anos fazem programas nessa praça. Essas mulheres são discretas tanto nas atitudes de abordagem aos clientes quanto nos seus modos de vestir. Diferente das outras, as que passaram a disputar o mesmo espaço, se vestem de uma forma mais ousada, com decotes, shorts curtos, barriga à mostra, adotando atitudes mais provocativas como, por exemplo, mexer verbal e fisicamente com os homens que passavam. Segundo as senhoras, elas ‘dançavam pole dance’ na haste da placa de trânsito.

As mulheres que ficam pela praça do mercado municipal fazem programas, no período da tarde, com os senhores aposentados que ficam por lá e alguns trabalhadores. Elas, assim como àquelas relatadas na pesquisa de Cláudia Fonseca (1996), são mulheres mais velhas, que já trabalharam, ou não, nas casas noturnas. Essas mulheres passam a tarde lá e quando começa a escurecer o dia, voltam para a suas casas junto de suas famílias. Assim como na Avenida Juscelino Kubitschek, as travestis só tomam conta do ponto durante a noite, mas durante o dia ninguém é dono do ponto, na praça é semelhante: ninguém é dono durante a tarde, mas à noite, de acordo com Lourdes (uma mulher de uns quarenta e poucos anos, morena e com o corpo marcado pelo sol, cabelos até os ombros, escuros com mechas loiras, um pouco gorda e sempre se vestindo com calças compridas e regatas) ‘os bixas tomam conta’. Além de realizar os programas, elas também consomem bastante junto ao comércio existente ao redor.

Essa era a ‘ordem normal’ das coisas até este ano (2012), quando começaram a chegar algumas mulheres ‘diferentes’ para fazerem programa. Como ninguém é dona do ponto, nenhuma foi tirar satisfação. Até que chegou uma mulher de uma cidade próxima e se instalou em uma casa próxima à praça, trouxe mais garotas novas e uns três homens para servirem como ‘capanga’. O incômodo causado pela presença dessas mulheres não foi apenas por serem mais novas – tanto de idade quanto no ponto – mas por usarem roupas muito mais chamativas, e por utilizarem de outros artifícios para atrair clientes, como por exemplo, puxar alguns homens pelo braço, falar coisas altas para chamar a atenção, e fazer insinuações com o corpo.

Muitos homens que saíam com as mulheres mais velhas, passaram a sair com as outras, o que gerou muita raiva por parte delas. Durante a conversa, uma delas me mostrava as contas que tinha para pagar e não

tinha dinheiro, e falou era os clientes, inclusive, que às vezes paga as suas contas.

Além disso, como ficou explícito a atividade de prostituição naquele ponto, os comerciantes também se sentiram incomodados e resolveram se reunir para tomar alguma decisão.

A casa que a mulher alugou no centro da cidade serve tanto para as prostitutas morarem quanto para fazerem programa, ou seja, é crime. E as prostitutas mais velhas sabendo disso, usam este argumento para se defenderem no ponto. Bruna, uma dessas mais velhas, ela disse que não tem como conversar porque trouxeram ‘capangas e tudo’, e segundo ela, um deles é filho da dona da casa e ex-presidiário. Para essas mulheres mais velhas, essa foi uma forma baixa de tomarem o controle da praça, pois elas ‘vão quase peladas, chamam os homens, puxam, falam palavrão, dançam pole dance nas placas’. Além disso, afirmaram que esta dona da casa disse que ninguém vai tirar ela da cidade, pois é ‘prima’ de um político importante da cidade.

Mesmo assim, elas afirmaram não ter medo. E que preferem que a polícia arranque todas prostitutas da praça, para, mais tarde, elas poderem voltar para a praça e fazerem seus programas tranquilas.

As novas prostitutas quebraram com o código antigo, isso gerou um desentendimento, um desequilíbrio. (Diário de campo – maio de 2012)

Essa escolha das mulheres mais velhas em chamar a polícia para expulsar àquelas mais novas, para Whyte (2005), é vantajosa por ser um meio legal e, as mulheres mais velhas, não precisam lidar com algum tipo de violência. Por diversos motivos não acompanhei o desdobramento deste episódio, apenas fiquei sabendo em notícias de jornais da cidade que a polícia ficou um tempo na praça do mercado monitorando as mulheres e duas casas de prostituição no centro da cidade foram fechadas, como mostra a reportagem:

A Polícia Civil de Girassol, juntamente com órgãos da Prefeitura Municipal, realizou na manhã desta terça-feira (22) uma operação para coibir a prostituição na região do Mercado Municipal. Garotas de programa eram vistas em plena luz do dia “garimpando” clientes, principalmente idosos. Segundo a delegada, esse tipo de operação será constante. Segundo a delegada titular da Delegacia de Defesa da Mulher (DDM), o alvo da operação foram casas localizadas perto da baixada que eram usadas pelas prostitutas. Nesses imóveis eram realizados os programas sexuais. Duas destas casas ficam na rua G.C. e a outra na rua A. Nesta última o proprietário, de 65 anos, confessou que alugava quartos do imóvel para a prática de programa sexual. Ele já foi investigado anteriormente pelas mesmas circunstâncias. A residência foi interdita pela Secretaria de Habitação da prefeitura. O proprietário tem 30 dias para regularizar a situação, caso contrário receberá uma multa de R\$ 750,00 por dia. Algumas garotas que são suspeitas de fazer programas foram fotografadas e qualificadas. Segundo a delegada, elas cobravam de R\$ 50 a R\$ 200 dos clientes. Elas foram orientadas pelos policiais sobre os riscos deste tipo de trabalho. A delegada disse ainda que prostitutas da cidade vizinha eram trazidas para Girassol em uma Kombi e também ofereceriam

programas sexuais na região do mercado. Elas também utilizavam essas casas no centro. A maior dificuldade, segundo a delegada, é enquadrar o agenciador dessas mulheres, já que no Brasil prostituição não é crime. Ela disse que a partir de agora este tipo de operação será constante. “Isso é apenas o começo de um trabalho que vamos intensificar na região da baixada do mercado”, concluiu. Denúncias sobre caso de prostituição podem ser feitas através do telefone 197. (Reportagem de maio de 2012)⁴⁴

Em entrevista, a delegada da Delegacia de Defesa da Mulher de Girassol fala da quantidade de agentes do estado que foram mobilizados para combater as casas de prostituição situadas na região do mercado municipal: todas as unidades de polícia civil da cidade (o que corresponde a 25 policiais); vigilância sanitária; fiscalização da prefeitura; Conselho Tutelar. Ela usa o argumento de que a prostituição em si não é crime, mas as casas, perturbação do sossego e atos obscenos são considerados crime. A meta, nas palavras da delegada, é “diminuir o fluxo de prostituição do centro da cidade”. Ou seja, a prostituição incomoda a ponto de, mesmo não se constituindo como crime, ser foco de uma meta que visa diminuir seu fluxo.

Em outubro de 2014, conversei com um homem que tem um comércio nas redondezas do mercado. A loja desse homem, está localizada no mesmo quarteirão que uma das casas, e pelo fato da loja ter wi-fi, as mulheres vão constantemente até lá, pedem a senha e ficam por ali usando a internet. Por isso, e pelo fato das mulheres também utilizarem o serviço dele, fez com que ele tivesse amizade com algumas daquelas que fazem programa na praça. Há alguns anos atrás, as mulheres permaneciam bastante tempo na casa do centro e iam com mais frequência em sua loja. Agora as mulheres que ocupam aquele espaço estão em constante movimento, assim como as mulheres das casas, elas viajam de cidade em cidade para fazer programa.

Ele disse que durante um tempo os policiais pegavam essas mulheres mais novas e as tiravam da praça com violência. Ele acredita que a delegada da cidade entrou em acordo com a “cabeça” (aquela que toma conta do pedaço) e falou para elas não darem tanta “pinta” na praça, irem com roupas mais discretas, calça comprida e adotarem comportamentos comedidos. Por consequência disso, as mulheres não aceitaram conversar com ninguém, nem passar telefone para contato. Segundo o

⁴⁴ Nessa reportagem foram trocados os nomes das cidades e ruas, e omitidos os nomes dos sujeitos.

comerciante, possivelmente não conseguiria algum contato com elas pois elas são muito encanadas com tudo isso que aconteceu depois do episódio dos policiais na praça.

Desde o começo de abril até agosto de 2014, acompanhei o cotidiano dessa mesma praça. Foi possível perceber que há ainda os dois grupos de trabalhadoras do sexo, mas o grupo das ‘mais novas’ não é mais tão provocativo como no ano de 2012. Agora usam mais calças, não puxam os clientes e nem dançam pole dance.

Pude verificar também que o mercado do sexo é apenas mais um dos mercados não oficiais nesse contexto, ao qual se somam as trocas de relógios e o jogo do bicho.

Tem por volta de 25 homens espalhados pela praça nos bancos. Mais da metade são senhores entre 60 e 70 anos. A música (feita por um grupo de três homens indígenas com grandes penachos) chama atenção de todos – moradores de rua, homens jovens, velhos, mulheres e senhoras. Estão desmontando a tenda da MRV. Muitas pessoas passam de um lado para outro, algumas param para assistir os homens tocando. Outros vão ver o que eles vendem: CDs, filtro de sonhos etc.

Um homem negro, de meia idade, com roupas velhas e sujas senta em um banco ao lado do meu na praça. Veste uma calça marrom, tênis, blusa de frio marrom e vermelha e carrega uma bolsa azul e preta. Ele usa um relógio muito bonito, que destoa da sua aparência. Pouco tempo depois outro homem, aparentemente mais velho, chega querendo ver e trocar esse relógio. Este homem usa um chapéu de peão, camisa comprida jeans, calça jeans, bota ocre e um óculos. Então, este senhor tira um pacote de papel do bolso e pega dois relógios, que parecem ser de qualidade inferior àquele primeiro. O homem moreno, dono do relógio, disse que o trocaria pelos outros, mais 30 reais. Diz que também que está vendendo relógios. Conversam um pouco sobre violência em cidades grandes. Logo chega um garoto de mais ou menos 13 anos acompanhado de um homem, cada um segurando um capacete, e perguntam sobre os relógios, se ele compra relógios. Ele responde que não, só vende. O jovem pergunta se ele troca por celular, e ele, sem interesse, responde também que não. (Diário de campo – abril de 2014)

Além da troca de relógios, o que consegui perceber com os meses de observação é que essa praça não é um espaço onde mulheres passam o tempo, assim como os homens. Pelo contrário, a maioria das mulheres que sentava na praça logo se levantavam e saíam, sempre de passagem. As únicas que ficavam sentadas horas na praça, conversando com outras pessoas ou estavam com o grupo de moradores de rua, ou estavam fazendo programa. Em certos horários durante os dias, na praça havia cerca

de 50 homens – jovens e senhores – e duas mulheres, sendo que eu era uma delas. Esses senhores passam horas na praça, em vários dos dias da semana.

Assim como Íris, muitas mulheres que estão no espaço da praça acabam sendo confundidas com prostitutas, tanto pelas próprias prostitutas quanto pelos clientes. Ouvi alguns relatos disso, mas também fui confundida com prostituta nos dois lugares. Com isso, acho que o território, nesse caso, diz muito mais o que você é do que a própria maneira de vestir, ou de agir. Sem dúvidas que os trajes considerados “obscenos” são condenados. Mas com exceção disso, talvez nem os clientes tenham tanta sensibilidade para saber quem faz programa ou não, e nem a postura das mulheres que compartilham esses espaços tenha tanta capacidade de inferir na delimitação de quem é prostituta ou não.

3.4 Prostituição de travestis na Avenida Juscelino Kubitschek

Nos fundos da casa 1, na Avenida Juscelino Kubitschek, tinha uma casa onde moravam algumas travestis. Entre a casa 1 e a casa das travestis existia um portão grande, e nos horários que eu visitava a casa 1 – as tardes de sexta – ele estava aberto. Tinha dias que uma ou outra travesti ia para a casa da frente e ficava conversando com Ney. Foram momentos como esses que permitiram que eu tivesse contato com algumas travestis que se hospedavam nessa casa e faziam programas na Avenida Juscelino Kubitschek.

As travestis ficam nos pontos da avenida, a mesma em que se localizam as casas de prostituição. Neste local, elas recebem por volta de trinta reais o programa no carro e cinquenta reais, no motel. Se oferecerem mais dinheiro para que o uso do preservativo seja dispensado, há algumas travestis que aceitam. A droga aparece muitas vezes como moeda de troca para elas, e a frequência que ela aparece varia de cidade para cidade. Na cidade de Gardênia, por exemplo, elas disseram que circulam muitas drogas e muitos clientes querem pagar o programa com droga. Mas, segundo elas, é desvantagem para a prostituta. Por isso, essas travestis, preferem não aceitar.

A prática de prostituição das travestis bem como seu território de atuação e sua relação com esse espaço foram retomados pelos sujeitos que conversei tanto nas casas quanto na praça. Na casa 1, por exemplo, em uma conversa com as mulheres, perguntei para Katia sobre programas nas ruas e ela disse que faz programas neste espaço algumas vezes no período da tarde, mas não tem coragem de fazer a noite pela insegurança. Disse que antes de ir para a Avenida, foi conversar com as travestis para perguntar sobre o ponto, e falaram para ela que ou andando ou parada, ninguém é dono do ponto à tarde.

Em outras duas situações do conflito de território da praça apareceram referências à prostituição das travestis na Avenida Juscelino Kubitschek. A primeira, em 2012, quando no auge da insatisfação das mulheres mais velhas uma comentou que provavelmente o conflito não aconteceria na avenida, porque Vitória, a dona dos pontos não deixaria. Outra vez, foi quando o comerciante comentou que fazer programa na Avenida Juscelino Kubitschek é fim de carreira para as mulheres. Isso porque elas estarão competindo com as travestis⁴⁵, e isso gera briga. Sem contar que lá é durante a noite, o que torna a atividade ainda mais perigosa.

Vitória era a dona da casa e também a dona dos pontos da avenida durante a noite. Ela era a travesti mais velha da casa, com cabelos loiros, pele branca, magra, porém com bastante bunda e pernas grossas, além de seios fartos e os lábios volumosos e, ao mesmo tempo, tortos – reparei em seus lábios em uma visita que fiz no início de 2011, enquanto ela conversava, comia uma pera e mexia no *tablet* ao mesmo tempo (era a primeira vez que eu tinha visto um *tablet*). É chamada de mãe pelas travestis que moram em sua casa que, inclusive, utilizam seu sobrenome.

As travestis que moram com Vitória pagam sua estadia e devem respeitar alguns códigos da casa. Elas não são oriundas apenas de Girassol, mas também de outras cidades do país. Conversando com Tiffany, ela disse que, como ocorreu no seu caso, outras travestis que foram morar na casa de Vitória fizeram isso porque foram expulsas de suas casas pelos familiares.

⁴⁵ Larissa Pelúcio (2009) e Maria Dulce Gaspar (1985) tratam de travestis que se prostituem nas ruas, e a relação com o ponto. Gaspar (1985), em seu livro, fala que muitas vezes as travestis tomam o ponto das mulheres pela força.

Em setembro de 2011, em uma das visitas que fazia na casa 1, Tiffany e Aniele estavam conversando com Ney e resolvi ficar batendo papo com elas. Tiffany tinha 22 anos, alta, de pele branca, um pouco gorda, cabelos pretos, lisos e compridos. Enquanto nós conversávamos, ela mexia no laptop do Ney e me mostrava fotos desde quando era um garoto, depois de *drag queen*, que se montava para fazer shows, e, por fim, as fotos atuais. Tudo isso estava disponível no *Orkut*⁴⁶. Aniele é branca, alta, tem cabelos loiros lisos e curtos, e também um pouco gorda, com seios fartos. Tiffany é mais nova que Aniele tanto de idade quanto na prostituição.

Conversando com as travestis, o anonimato em relação à prostituição não é um problema quando já quebraram um vínculo familiar. O motivo desse rompimento, muitas vezes, é a sua sexualidade. Para aquelas travestis que não tiveram os laços familiares cortados, assim como as mulheres que conversei, sentem a necessidade do anonimato.

Aniele disse que faz tempo que está nesse mundo de prostituição e nunca teve problemas com violência, disse que entende o cliente, e o medo que eles sentem da travesti em fazer bagunça, quebrar seu carro; e acha que o cliente só faz algo ruim, se a travesti fizer. Tiffany disse que não, que tem gente ruim sim, e que ela sempre fala “mais alto e mais grosso” que o cliente, que “o combinado não sai caro” e que vai em cima mesmo, principalmente se não quiser pagar.

Tiffany contou a história de um cliente que contratou seus serviços, fez sexo oral nela e disse que ia beijar a boca da sua mulher com a “porra” da travesti, só para sua mulher sentir o gosto. Como tinha passado seu telefone para este cliente, um dia a mulher dele lhe telefonou. Tiffany então contou a ela toda a história e se dispôs, por 1.500 reais, a sair com o homem novamente para a mulher pegá-lo em flagrante. Um tempo depois este homem a convidou para um programa e cobrou dela a indiscrição com sua esposa. Como Tiffany já estava dentro do carro, o cliente a levou para uma rodovia e começou a acelerar o carro, foi quando ela puxou o freio de mão. Tiffany relata ter ficado com medo nesta ocasião, temeu que ele pudesse lhe dar um tiro e mostrou a cicatriz na perna, falando que já levou tiro por nada. Contou que o agarrou e

⁴⁶ Orkut era uma rede social bastante popular durante dos anos 2005 até 2011, e foi desativado em setembro de 2014.

exigiu que a tirasse de lá, já que, se ele a deixasse lá, ela não ia conseguir ir embora, por ninguém dar carona para travesti. Fez ameaças, dizendo que ela não tinha nada a perder, ao contrário dele, que possuía mulher e família.

Para as travestis que estão na rua, o tempo todo se faz necessária a adoção de uma postura firme frente ao cliente, visando evitar algum tipo de violência. Mesmo não tendo sido citado, é importante pensar que fazer ponto na rua implica em riscos que vão além da violência do cliente, praticada por aqueles que simplesmente não aceitam um tipo de comportamento e querem resolver na base da violência.

Tiffany disse que mesmo com perigo, é uma vida fácil. O que faz é ficar sem fazer nada durante o dia, depois se arrumam e vão fazer o programa. Não tem que trabalhar a semana inteira, o dia inteiro e prestar contas no final do dia. Que elas alugam o quarto, mas não prestam contas para ninguém. Uma lógica valorativa bem diferente daquela que valoriza o trabalhador. O que se valoriza, nesse caso, é a autonomia frente a possibilidade de não ter que se submeter a serviços precários.

Se, por um lado, elas disseram que não é tão fácil ganhar muito dinheiro, pois em noites de baixas temperaturas, além de lidarem com o frio, os programas são escassos. Como exemplo, Aniele comentou: “ontem consegui só 10 reais em uma punhetinha”, e que se não tivesse feito, não ganharia nada. Por outro, podem vir a ganhar bastante, porque o número de homens ricos procurando esse tipo de serviço é alto. Para elas, o que precisam fazer, nesse tipo de atividade, é ter certo planejamento: guardar um pouco de dinheiro, para que depois, não falte.

4. Gardênia – personagens, cenários, dramas em uma cidade grande

4.1 A cidade

Gardênia, dentre as cidades pelas quais circulei durante esta pesquisa, é a maior delas, com aproximadamente 500 mil habitantes. Destes, 97% vivem na área urbana, e apenas 3% na área rural. Assim como as duas cidades descritas anteriormente, Gardênia se localiza no interior do estado de São Paulo. Sua economia gira em torno, principalmente, da prestação de serviços, do comércio em geral e de atividades industriais.

Por ser maior, conseqüentemente o mercado do sexo acaba sendo mais heterogêneo. Em Gardênia existe um bairro de prostituição – a *zona* –, pontos de prostituição divididos entre mulheres, travestis e homens (em menor quantidade), boates em diferentes áreas da cidade, casas de massagem com mulheres e travestis, sites de acompanhantes, prostituição feita por senhoras em ruas e praças etc.

Os espaços de prostituição estudados em Gardênia correspondem a dois contextos específicos: algumas ruas da cidade onde travestis fazem programas e um bairro de prostituição. O gerenciamento desses dois espaços – ruas e bairro – são divididos entre duas cafetinas (ambas travestis). Uma *toma conta* do bairro e a outra dos pontos da cidade inteira. A expressão *tomar conta* está relacionada às seguintes atividades: recolher o dinheiro do ponto; resolver conflitos quando solicitada ou achar que é de seu interesse; delimitar quais espaços são destinados à prostituição e; quem será a dona de cada ponto.

Meu interlocutor principal é Roberto, rapaz negro, 17 anos, com a lateral da cabeça raspada e um topete no topo. Tivemos três encontros. No dia em que o entrevistei, ele trajava uma camiseta de abada cortada em formato de regata, e um short curto. Usava um ray-ban e uma bolsa de ombro grande. As unhas da mão estavam compridas e pintadas de marrom claro. Enquanto andávamos pelas ruas, muitos homens passavam mexendo. Roberto é considerado um *gayzinho*, pois se veste como mulher durante a noite, mas não tem seios e nunca fez nenhuma intervenção cirúrgica. Isso faz

com que o valor de programa de Roberto seja menos valorizado em relação aos das travestis com cirurgias e implantes de silicones.

No momento em que ele me disse sobre essa distinção dos valores entre aqueles que tem ou não peitos, questionei sobre a possibilidade de colocar silicone, ele me respondeu: “Eu não tenho intuito de colocar não. Eu sou uma pessoa que enjoa fácil, aí de repente eu coloco e enjoo, porque vou ficar com aquilo no meu corpo. E tirar não pode. Pode, mas fica feio.” (Entrevista, junho de 2014).

Quando perguntei qual nome gostaria que eu colocasse neste texto da dissertação, me respondeu: Roberto e Priscila. A partir do momento que está “montada” se considera uma garota de programa, por isso, Priscila. Pelúcio (2009) estuda o processo de construção das travestis, em suas palavras: “Os *gayzinhos* podem vir a se transformas em travestis “belas” ou passar a vida toda apenas “*se montando*”, sem nunca ir a fundo na transformação do corpo, o que faz com que as travestis os vejam como “covardes” (PELÚCIO, 2009, p. 61). No caso de Roberto, ele não pretende ser uma dessas “belas” travestis. Por isso se trata como Roberto ou Priscila dependendo da situação.

4.2 “Paraisópolis” – a zona da cidade

Paraisópolis é um nome fictício que adoto aqui para fazer referência a um antigo bairro de Gardênia que, e há mais de vinte anos, é conhecido como *zona*. Diferente de Girassol, que tem apenas uma Avenida conhecida como área de prostituição, Gardênia tem um bairro inteiro. Em Paraisópolis, se concentram cerca de 200 prostitutas e travestis que ficam espalhados em casas, boates ou nas ruas. Contudo, não se trata de um bairro onde os moradores são, exclusivamente, prostitutas, travestis, cafetinas e cafetões. Cerca duas mil famílias, não necessariamente envolvidas com o circuito de prostituição em Paraisópolis, dividem esse mesmo espaço.

Paraisópolis abriga tanto boates quanto casas voltadas somente para a realização de programas e hospedagem das mulheres e travestis que ficam por lá. O que mais predomina, no entanto, são casas onde as prostitutas podem alugar quartos para realização dos programas. Embora algumas travestis possam utilizar as casas, a

preferência é dada às mulheres. Cada uma dessas casas tem um dono e o aluguel de um quarto funciona no esquema de diária: a mulher que faz programa aluga o quarto e pode passar nele o dia inteiro. Geralmente as mulheres que alugam esses quartos para passar o dia não são da cidade. As garotas que fazem programa nessas casas esperam por clientes sentadas na porta das casas. O cliente que opta por fazer o programa num desses quartos paga um valor a mais, para o dono da casa. Caso o cliente prefira, elas costumam aceitar realizar o programa em outro lugar, sendo motéis costumam ser a opção mais usual nessas circunstâncias.

Ai, a zona é um espaço onde ficam todos: mulher, travesti, todas as garotas de programas ficam ali. Tem motéis. Você já foi lá? Você não chegou a ir lá? É, tipo, um bairro pequeno com três ruas. A primeira é de travestis, as outras duas é só de mulher. Então se uma travesti faz ponto, consegue bater uma porta – bater porta é fazer programa – no ponto de uma mulher, arruma confusão. Então não pode. A não ser se for passar para ir embora. Se for fazer programa tem que estar na sua área, no lugar só das travestis, se for para a parte de mulheres você arruma confusão [...] Cada um tem seu território. Elas não podem fazer programa no nosso ponto, e a gente não pode fazer programa no ponto delas. [...]. Aí sai briga, sai tiro. Já vi cada coisa lá. Aqui, as mulheres, quando a rua não está boa, quando não conseguem fazer dinheiro elas falam para um pessoal passar e ameaçar as travestis para sair da rua. Porque o pessoal vai mais atrás de travesti mesmo. Pedem para elas sair da rua. Eles aparecem lá com arma, já batendo, para elas deixarem a rua para as mulheres mesmo. A coisa é bem tensa. (Entrevista com Roberto, junho de 2014)

Pelo fato de haverem muitas garotas de programas num mesmo espaço, tal concentração acaba se convertendo em mais segurança frente à violência, em comparação com outros pontos da cidade, onde não há muitas companheiras. Na *zona*, se aparece alguma pessoa e briga com uma delas, o enfrentamento é coletivo.

A divisão do território em Paraisópolis é feita considerando gênero e características corporais. Enquanto as travestis fazem programas em uma rua, as mulheres fazem programas em outras duas. Além disso, entre as travestis há uma separação quanto ao uso de processos cirúrgicos para a produção de seus corpos: as que possuem seios ficam separadas daquelas que não tem. Nas palavras de Roberto: “na rua um, a principal, fica as travestis. As travestis que tem peitos sempre ficam na frente, elas ficam primeiro e a gente fica depois”. A esta disposição espacial no território de Paraisópolis, soma-se o fato de seus programas terem um valor inferior em relação ao daquelas com cirurgias:

- E em relação ao programa? Você negocia como? Tem um preço ou varia?

- Tem preço fixo. Tipo assim, as travestis que já tem peito, já fizeram cirurgia, tem o rosto fino, feminino, fez cirurgia plástica, já colocou silicone, cobram 70 reais a completa- sexo anal, sexo oral, tudo – já o sexo oral, que é a chupeta, sai por 50 ou 40, eu não me lembro do valor. Agora, a gente, que não tem nada, e estamos começando agora, é 50 o completo e 30 a chupeta. O pessoal sempre prefere, por questão de valores, a gente do que elas.

Além da prostituição, outra atividade marginalizada presente nesse bairro é o tráfico de drogas. Na fala de Priscila: “A zona é uma boca⁴⁷, ali já vende droga por si só! ”. Essa mistura de tráfico de drogas com prostituição faz com que esse espaço seja visto como degradado por ser uma mistura de atividades ilícitas, ilegais e imorais.

Paraisópolis, onde moram mais de duas mil famílias, foi dominado pela prostituição e pelo tráfico de drogas nas últimas décadas. Prostitutas e travestis seminus desfilam pelas ruas, às vezes em plena luz do dia. Em uma barraca, drogas são vendidas como se fossem doces. Quem mora no local, tem medo de sair de casa durante a noite e ser confundido com uma garota de programa ou traficante.⁴⁸

Em agosto de 2015, notícias abordando a insatisfação dos moradores de Paraisópolis começaram a aparecer. Gravações e fotos de portões com a inscrição “casa de família”, em contraponto à depreciação moral que essa atividade traz para o bairro estiveram no centro das reportagens, “*Garota de programa passa ao lado de mãe e filha no bairro*” e “*Mulheres fazem prostituição em plena luz do dia*”. O fato de mulheres e travestis circularem seminus durante o dia ao lado de mães com seus filhos evidencia o que os moradores e as reportagens queriam ressaltar: o quanto a prostituição incomoda. No decorrer do texto das reportagens, aparecia um apelo para que a prefeitura de Gardênia fiscalizasse as casas, bares e boates desta área.

Três dias após a primeira reportagem, onze pessoas associadas às atividades ilegais do bairro foram presas. Três casas foram fechadas e quatro destas pessoas, condenados por cobrança das prostitutas pela utilização de quartos de suas casas. Os demais foram condenados, por tráfico de drogas, a partir da apreensão de 170 pedras de crack.

⁴⁷ Boca é o espaço onde se comercializa drogas ilícitas.

⁴⁸ Trecho de uma reportagem do G1, de setembro de 2015.

Neste mesmo período, um pastor deu início à construção uma igreja, cujo valor se aproxima a 10 milhões de reais, com 8 mil metros de construção e tem capacidade para 5 mil pessoas, passando ser o maior monumento religiosa da cidade. O pastor era membro da Igreja do Evangelho Quadrangular, mas a deixou para fundar sua própria igreja, batizada com o nome do bairro: Igreja do Paraíso. Sua escolha pelo local foi estratégica:

“Queríamos, desde o início, fazer um trabalho social. Por isso, escolhemos esse lugar para construir o templo, o lugar que mais precisa. Se fosse investir para ter retorno, eu poderia ter aberto a igreja em qualquer lugar de Gardênia, mas aqui há uma necessidade maior. Estamos no centro do tráfico de drogas e da prostituição, próximos às pessoas que mais precisam.”⁴⁹

O teor moralizante das reportagens que afirmaram que se trata de uma região ‘**dominada** pela prostituição e pelo tráfico de drogas’ somados à construção de uma igreja imensa, e que, nas palavras do pastor, ‘próximos às pessoas que mais **precisam**’ são elementos que ilustram a questão moral, sobretudo, de base religiosa presente neste espaço.

4.3 Ruas e avenidas

Sexta e sábado são os dias que Roberto faz ponto em uma rua específica de Gardênia. No fim da tarde ele vai até a casa de um amigo e se arruma lá para sua família não saber. Às dez horas da noite, “montada”, Priscila segue para o ponto. Se o movimento for baixo, ela fica até meia noite e meia. Caso contrário, ela fica até por volta das quatro horas da manhã. Os períodos nos quais há mais movimento ao longo do mês são a primeira quinzena e próximo do dia 20, momento no qual parte dos trabalhadores recebem um vale. Já na última semana, segundo Roberto, não compensaria ir para o ponto devido ao baixo movimento.

Roberto fazia programas na zona há alguns anos. Ele parou e depois foi para a rua. Nas palavras dele: “Fico na rua, cheguei lá por um amigo. Eu queria voltar a praticar minhas artes, né. Eu perguntei como era que funcionava, ele me explicou tudo certinho e eu voltei.” No entanto, não quis ficar na zona e foi para um ponto, numa rua específica da cidade, referenciada aqui como D.S:

⁴⁹ Esta fala do pastor saiu em uma reportagem do jornal local.

Eu prefiro não ficar na zona por causa da concorrência. Tem muita concorrência. O pessoal que tem mais dinheiro, mão mais aberta, vamos dizer assim, eles vão nas mais perfeitas, tem cirurgia, silicone. E a gente fica como segunda opção. Tem muita travesti dentro da zona. Tem umas trinta. Mas elas estão sempre viajando pra fora, não ficam só aqui em Gardênia. Pra mim não compensa ficar ali, pelo fato da concorrência. Eu já gosto de ficar na D. S.

O ponto

Domila – E onde você está agora? É no centro?

Roberto – Não, fica em uma das avenidas principais, D. S.. A que vai para o Shopping C. N., aquela avenida, mas eu fico bem antes. Dentro da zona é uma cafetina que cuida, fora da zona é outra que cuida da cidade inteira menos da zona. Ela sai passando em cada ponto da cidade que tem garota de programa, tipo, no centro, na P., C., e outras avenidas. E se por acaso, você está fazendo programa na N., que é um lugar onde ela não passa e, por coincidência do destino ela passa por aqui, você apanha. Não dela, porque ela não suja as mãos, ela manda os outros fazer por ela. Tanto é que se um dia você encontrar com ela na rua, ela não vai estar sozinha.

Domila – É uma mulher?

Roberto – É uma travesti.

Domila – Mas de todas as ruas?

Roberto – Todas as ruas.

Domila – E de mulheres, também?

Roberto – Uhum!

Domila – E se você falar que não vai pagar?

Roberto – Você apanha.

Este ponto está localizado em uma região periférica da cidade, que vem crescendo economicamente bastante, nos últimos cinco anos. O ponto que Roberto utiliza é de um amigo seu. Esse seu amigo tem 22 anos e também é chamado de gayzinho por não tem peitos. No momento da entrevista ele não estava na cidade, mas quando está divide o ponto com Roberto.

Os *pontos* das cidades, assim como aqueles delimitados na *zona*, são também demarcação moral e “passa por jogos de poder pelos quais se determina quem pode ficar onde e os significados dessa fixação” (PELÚCIO, 2009, p. 59).

Roberto – O ponto na verdade não é dele, é de outra pessoa. Só que ela não está em Gardênia agora. E ele está usando no lugar dela, e eu estou usando no lugar dele. [...]. Quando você vai fazer programa e você fala com a cafetina ela fala ‘*você vai ficar naquele ponto, aquele ponto é seu*’, ela que indica. Se alguma outra for tentar usar o seu ponto você não pode deixar. Tem que tirar ela do ponto, pede para sair, se for preciso a gente parte para agressão também. Uma coisa bem assim. [...] Mas é assim, se você está lá e a dona do ponto volta você tem que sair, tem que abaixar a cabeça e sair, você não pode bater boca com ela senão ela te bate, ela arranja maior rolo com você, ixe, é uó. Enquanto ela está ausente eu cuido do ponto dela.

Domila – E aí você tem que pagar alguma coisa?

Roberto – Tenho, mas é para a cafetina. Mas só que, por enquanto, graças a Deus, eu não encontrei a cafetina por lá. Até porque ela passa nove horas para receber de todos e eu subo mais tarde.

Domila – E ela pergunta o quê? Como funciona?

Roberto – Ela pergunta cadê meu dinheiro. Primeiro ela pergunta o que é que você está fazendo lá. Se você é novato. Aí você explica que está trabalhando e tal, e ela explica para você como funciona mais ou menos. E ela pede o dinheiro. Se você ainda não fez nada ela passa mais tarde e pega, ou você vai atrás dela e paga. Mas você tem que pagar, você não pode deixar de pagar ela.

Domila – E quanto que é?

Roberto – É 20. Ali onde eu fico é 20. Mas dentro da zona é 10

Na zona é mais fácil ser cobrada do que no restante da cidade. Isso deve-se ao tamanho do território controlado, enquanto na *zona* há três ruas, na cidade

Roberto – É, na zona é certeza. Se eu não tiver o dinheiro para pagar do meu bolso, ela vai atrás de mim. E como eu sempre vou para lá sem dinheiro nenhum, não é que eu esqueço, é que eu guardo e acabo gastando. Aí eu evito ficar lá na zona.

Domila – Na rua que você faz, tipo, ela não passa todo dia?

Roberto – Ela passa todo dia, mas eu vou depois que ela passa.

Domila – Tem mais gente que faz isso?

Roberto – Não, acho que só eu mesmo, só eu que sou fora da lei.

Domila – Todo dia tem que pagar 20 reais?

Roberto – Se for todo dia, tem que pagar.

Domila – E se você for sair?

Roberto – Você avisa. Porque, às vezes, ela pensa que você vai e acaba não indo. Às vezes ela pensa assim: “eu passei aqui e ela não está, deve estar fazendo programa”, aí você deixa avisado que vai sair pra não ter que pagar a mais pra ela.[...] Se ela passa por lá eu não estou lá ou a garota do ponto não está ela pensa que ainda não subiu ou está fazendo programa, aí ela passa de novo, que é o tempo de ela voltar [do programa].

Domila – E você, que vai sempre depois das dez, você nunca paga?

Roberto – Não, já deu o tempo de ela ir e voltar. (Entrevista junho de 2014)

Cada um é responsável pelo seu ponto, deve pagar por ele e não pode deixar qualquer um usar, nem que isso signifique bater em alguém, ou seja, há uma apropriação do território público, por parte de grupos específicos. E isso fica explícito na fala de Roberto, quando ele explica que se uma pessoa é dona do ponto, ela tem que permitir que outra pessoa o use, mas se ela chegar tem que sair, “baixar a cabeça e sair”, caso contrário apanha; se alguém não autorizado parar no ponto, ele deve ser retirado, via diálogo ou violência; o pagamento por usar o ponto não é feito ao dono do ponto, mas à cafetina; se não paga “ela vai atrás” e; se precisa de ajuda da cafetina para resolver problemas relacionados aos clientes ou outras travestis e garotas de programa, também será preciso pagar.

Mesmo com essa pressão da cafetina sobre as travestis para pagar o ponto, Priscila não paga. Vai mais tarde, depois que a cafetina passa, tanto na ida quanto na volta. E questioneei se essa postura era comum entre as travestis, e ele respondeu que achava não, nas palavras dele: “Não, acho que só eu mesmo, só eu que sou fora da lei. ”. Retomei essa fala para mostrar não a exclusividade dessa atitude de não pagar, mas por ele se afirmar *fora da lei*. Ele está à margem da lei da cafetina, que não tem nada a ver com a lei estatal, com o Código Penal. Roberto sabe muito bem que está correndo risco, mas sabe também o que faria caso fosse pega: arranjar o dinheiro para pagar o ponto.

Em relação aos clientes, Roberto relata que são, em geral, mais velhos: entre 40 e 80 anos. Homens aposentados ou beirando a aposentadoria. Mas prefere aqueles na faixa dos 40/60 anos, segundo Roberto, “eles têm a mão mais aberta”. Além dos aposentados, outro grupo de clientes que aparece são os homens oriundos de outras cidades que vão trabalhar em Gardênia como pintor, pedreiro, ou trabalhar em alguma firma.

Os programas são realizados, nas palavras de Roberto, “Em um lugarzinho estratégico, escuro, no meio de caminhões. É difícil fazer programa e ir para o motel, é mais para aqueles que tem mão aberta. Porque é mais caro. ”

- Na negociação do programa, se o cliente fizer alguma coisa que não podia ter feito, que não estava combinado?

- Cobra a mais.

- E se ele fala que não vai pagar?

- Se ele fala que não vai pagar aí chama a cafetina, e ela resolve de outro jeito.

- E vocês? Fazem alguma coisa?

- Tem umas que são “prafrentona”. Por isso antes de subir no carro eu já aviso o que eu faço e o que eu não faço.

- E já aconteceu alguma coisa com você?

- Não, não aconteceu. Mas as daqui andam tudo armada. Gilete em baixo da língua, dentro da roupa.

- Como embaixo da língua?

- Elas pegam a gilete corta e encaixa na arcada dentária e esconde com a língua. E se acontecer alguma coisa elas tiram e vão para cima. Tem uma que vai lá que tem um vestido e na costura do vestido tem um fundo falso, e tem uma navalha. Eu já assustei com ela. Eu estava na esquina da zona, quando eu comecei, e eu estava lá parado e ela falou “o que você está fazendo aqui” chegou e tirou a navalha e eu falei: CALMA!! Assustei!

Sobre os preços dos programas:

Domila – No território, tem alguma diferenciação de preço? Ou por alguma coisa física? Se tem peito ou não.

Roberto – Só na zona, na cidade não.

Domila – E homens?

Roberto – Não ficam na zona. Na cidade tem mas é difícil de achar.

Domila – E os que tem, também tem que pagar pra cafetina?

Roberto – Tem que pagar, ninguém foge.

Rodrigo⁵⁰ – Homens fazem mais pela internet.

Domila – E aí, por exemplo, isso é durante à noite, e durante à tarde?

⁵⁰ Rodrigo é meu irmão e amigo próximo de Roberto. Como eu disse na Introdução, foi ele quem intermediou esse contato.

Roberto – Na cidade não, mas na zona é normal. Tem travesti que prefere de tarde, falam que dão mais dinheiro, eu não boto minha cara. Eu prefiro o meu horário porque, como eu explico? Do período das cinco até às nove e meia, dez horas, – saída do serviço – são poucas as pessoas que passam onde eu fico com o intuito de fazer programa, e aí, você fica em pé lá muito tempo, você começa a suar, a maquiagem começa a escorrer. Aí não compensa ficar aí. Eu prefiro ir num horário que o pessoal já está procurando outra coisa, eles já param e já vai. Tem dias que a gente tem que ficar esperando o primeiro. Eu prefiro ir nesse horário, não é nem por causa da cafetina, se ela aparecer eu dou meus pulos e acabo pagando ela, é melhor por causa da clientela. Você vai ver bastante garotas assim, no primeiro final de semana do quinto dia útil e no final de semana do vale, do dia 20.

A escolha do horário feita por Roberto não é aleatória, está diretamente relacionada à tentativa de ocultação, junto à sua família, de suas atividades no circuito de prostituição da cidade de Gardênia:

Roberto – Onde eu fico também e o horário é estratégico, eu tenho uns parentes que moram lá. E aí, como eles não têm carro, todo mundo é pobre, eles sempre passam de ônibus, e eu prefiro o horário porque eles já passaram. Se passar ônibus, eu me viro, me escondo. Pelo fato da família mesmo.

Domila – E sua família, não sabe?

Roberto – Nem suspeitam, se minha mãe sonhar com isso ela me bota pra dormir na zona “Ah, você quer? Então vai!”

Essa última frase de Roberto, sobre sua mãe o “botar pra dormir na zona” é algo que acontece com certa frequência entre as travestis. Algumas das quais conversei em Girassol comentaram que quando começam a se vestir como mulher, foram colocadas para fora de suas casas por seus familiares. Assim também relata Roberto Efrem Filho: “A prostituição oferece às *travestis*, de regra, a oportunidade de sobrevivência nas margens, nas zonas fronteiriças. Quando os pais de *Lua* a expulsaram de casa, a prostituição a acolheu.” (EFREM FILHO, 2013, p. 18).

Se por um lado, a prostituta nas ruas tem mais autonomia em relação aos horários, não tem obrigatoriedade de ir todos os dias e não tem metas de consumo de doses. Por outro, a exposição é maior, conseqüentemente diminui o anonimato e aumenta os riscos de sofrerem algum tipo de violência. Quando questionado sobre tipos de preconceito e outras violências que vivencia nas ruas, Roberto me respondeu:

Roberto – Ah, tem, mas não muito. As travestis, se você passar e zoar elas, elas tacam tudo, pedra, salto, tacam tudo. Então eles já evitam de ficar mexendo.

Rodrigo - E você alguma coisa, pau, barra de ferro?

Roberto – Não, não tenho, mas é uma boa ideia. Porque há umas duas semanas atrás eu estava no ponto, e até fiquei afastado um bom tempo, e parou um carro com um monte de maloqueiro e saiu correndo atrás da gente, de mim e meu amigo. Era uma ótima oportunidade para ter um pau, um pedaço de ferro. A gente correu, se escondeu em cima de uma árvore. Agora hoje vou pegar uma faquinha de serra, vou levar dentro da bolsa, o quê?

Quando perguntei se já houve morte, Roberto disse que sim, mas que o motivo foi briga entre as cafetinas:

Foi por intriga. Foi esse tempo atrás, saiu até nos jornais. Aí mataram umas três ou duas travestis, na rua C. Foi, tipo assim, a cafetina anterior foi presa. E a que está agora, tomou o lugar dela. Por droga, tráfico de droga. E aí ela pegou o lugar dela, e nisso ela saiu mas a outra não quis sair do lugar dela para assumir. E o que ela fez? Saiu matando. Contratou um ex-policial que tinha caso com ela, algo assim, para matar as travestis que estavam ajudando a outra a continuar na cafetinagem. E foi isso, e mataram, acho que duas ou três não me lembro. A zona é uma boca, ali já vende droga por si só. Eu não lembro o que aconteceu que entraram na casa dela que ela tinha na zona. Invadiram, procuraram e acharam drogas e ela foi presa. No que ela foi presa, a outro tomou o lugar dela. Mas antes disso acontecer, antes dela ser presa, era bem melhor o sistema, sabe? Não era uma coisa assim, se você, por acaso, for trabalhar hoje e não fizer nenhum programa e eu não tiver um dinheiro para pagar do meu bolso para pagar a rua, ela vai atrás de mim. Por isso que eu não fico dentro da zona, na zona é muito rolo. (Entrevista junho de 2014)

De acordo com os jornais da cidade, três travestis haviam sido assassinadas, além de uma tentativa de homicídios contra a outra. Os disparos ocorreram em uma rua onde as travestis faziam programa, nos *pontos*. E quem os executou foi um ex-policial, a mando da cafetina, aqui chamada de Luiza, que buscava retomar seu ponto. A morte dessas travestis é uma consequência da disputa por território, uma forma de provar quem tem mais poder.

A morte das três travestis foi o resultado violento da disputa pelos *pontos* de prostituição de Gardênia. Tratou-se, inicialmente, de um conflito entre duas cafetinas. Como essas quatro travestis que apoiavam Nicole se recusavam a pagar o *ponto* para Luiza, a forma que Luiza utilizou para mostrar às outras travestis e à Nicole que tem mais poder que ela, não é matando a própria cafetina, mas as travestis que apoiavam ela. Certamente isso surtiu efeito entre as outras que também estavam apoiando Nicole, se continuassem correriam os mesmos riscos.

“Toda violência contra homossexuais é homofobia porque supõe a impunidade” – ouvi, mais de uma vez, de algumas lideranças do Movimento LGBT. Embora essa compreensão não seja uníssona entre os integrantes do Movimento – também ouvi discordâncias acerca dela – ela evidencia a centralidade da “punição” em determinadas estratégias políticas. O substrato político na frase, claro, não é nada simplista e mantém íntima relação com o que Butler vem chamando de “vidas choráveis” ou “vidas dignas de luto”. Ela, a frase, explicaria-se pelo fato de que “a vida da gente vale menos”, “socialmente falando, a gente vale menos”, como disse um entrevistado: “quando eu mato um LGBT, no meu imaginário, eu estou limpando a sociedade daqueles que têm o demônio no corpo. Eu estou fazendo um bem, tirando da sociedade um cancro” (EFREM FILHO, 2013, p. 6).

Após os assassinatos das travestis em Gardênia, o primeiro rumor que surgiu foi que se tratava de um crime de homofobia, partindo do movimento LGBT da cidade. Com as investigações policiais, os mesmos chegaram à conclusão que não era um crime associado à homofobia, mas sim um conflito territorial entre duas travestis. Assassinato das travestis como uma forma de vingança em uma disputa pelo domínio dos pontos da cidade. No artigo acima, de Efrem Filho (2013), essa decisão policial “não se trata de um crime associado à homofobia” é tensionada, pois não deixa de ter motivação pautada pelo preconceito, ou seja, moralidades que tornam facilmente esses corpos matáveis.

5. Conclusão

No primeiro capítulo, o entendimento da dinâmica da cidade possibilitou a distinção das formas de prostituição (puta do trecho, em casas de prostituição e na praça), assim como a percepção das diferentes maneiras que as mulheres da cidade são vistas tanto por elas mesmas quanto por aqueles quem vem de fora (turistas, agentes públicos oriundos de outros municípios etc.). Apesar de serem fluidas e estabelecidas em cada relação, as identidades acabam se vinculando à territorialidade (PELÚCIO, 2009, p. 59), como no caso da homogeneização da cidade de Íris vinculada à prática da prostituição. Deste modo, algumas mulheres de Íris, como Regina, se situam nessa liminaridade moral entre “puta” pelos que veem de fora, e aquela que não troca sexo por dinheiro, criando, desse modo, uma distinção evidente entre ela e aquelas que fazem programa.

A quantidade e qualidade dos programas variam no decorrer de um tempo cíclico. Esse tempo pode ser a semana, o mês, ou épocas do ano. No caso de Íris, ficou evidente que se trata da lógica sazonal do turismo (como em qualquer outra atividade mercantil) a que organiza as temporalidades da prostituição. Na piracema cai o número de turistas pela proibição da pesca isso faz com que algumas mulheres que, num primeiro momento faziam programa na praça, podem precisar ir para a “pista” (rodovia).

No segundo capítulo, a descrição dos códigos presentes nas casas de prostituição em Girassol nos permitem pensar em, pelo menos, duas dimensões normativas: as leis do Código Penal e os códigos internos das casas. Além dos diversos valores morais e afetividades que perpassam as relações das mulheres com os clientes, com o *dono da casa*, e entre elas mesmas.

Estudando as casas noturnas de prostituição junto com outras modalidades, foi possível perceber que há duas formas de mobilidade: uma entre cidades e outra em diversos espaços dentro de uma mesma cidade. O trânsito das mulheres e travestis entre diversas cidades é uma das coisas que está presente nos três campos. Dentre os motivos, os mais recorrentes eram: conhecer lugares diferentes; não ficar na própria cidade (e não ser reconhecida pelos pais, parentes e amigos); pelo fato do cliente gostar de “carne fresca”, a quantidade de programas realizados será maior.

Há também uma circulação pelos diversos territórios possíveis de prostituição em uma mesma cidade. Em Girassol, por exemplo, Kátia faz programa nas casas e durante a tarde vai para a avenida, no entanto, se ela quiser fazer isso durante a noite terá problema, pois as travestis são donas dos *pontos* no período noturno. Isso acontece, em um intervalo de tempo maior, com algumas mulheres que faziam programa nas casas e, como tem uma idade máxima de trinta anos, precisam ir para outros espaços.

Além das casas, o segundo capítulo traz um relato da praça do mercado de Girassol, que ilustra de formas distintas a questão moral do território em relação às mulheres (maiores de 30 anos) e às práticas de prostituição. Como grande parte da população de Girassol desconhece a prostituição na praça do mercado, a chegada das mulheres novas causou um alvoroço entre os consumidores do comércio local porque elas tornaram a atividade evidente naquele espaço. O resultado foi: para que essas mulheres prostitutas mais novas – “que ficavam de shorts bem curtos, tops, dançavam pole-dance na placa e mexiam com os homens” – pudessem ficar na praça foi preciso comedir os trajés e os comportamentos.

Ao mesmo tempo, é um espaço que muitas pessoas, homens e mulheres, circulam. Mas quem se fixa no território são os homens. A maior parte das mulheres que passam as manhãs e tardes neste espaço são aquelas que fazem programa. Outras sentam, ficam uns cinco minutos e logo se levantam e vão embora. Aquelas que ficam um tempo a mais, corre o risco de ser abordada como prostituta por aqueles que tem conhecimento dessa atividade neste contexto: as próprias mulheres que fazem programa lá e, principalmente, pelos homens da praça.

No terceiro capítulo, vimos que a gestão dos territórios de prostituição (*zona* e o resto da cidade) é feita pelas *cafetinas* e pelas próprias prostitutas. As *cafetinas tomam conta* de um modo geral, determinando quais são os pontos da cidade, fiscalizando os pontos, fazendo a cobrança e realizando intervenções quando é solicitada. As donas dos *pontos* devem pagar e cuidar do *ponto*, não deixar que outras mulheres ou travestis se empoderem dele. Na *zona*, a divisão é feita também por gênero e distinções corporais – como seios e processos cirúrgicos. As casas e boates são frequentadas, majoritariamente, por mulheres. Além dos espaços fechados, elas são donas dos pontos de duas ruas do bairro. Enquanto que as travestis ficam em uma outra, que é a rua

principal. Na rua das travestis aquelas que tem seios ficam à frente das que não tem: ocupam os melhores espaços e cobram mais pelo programa.

Assim, julgamos poder concluir que a dimensão dos mercados é agenciada de modos bastante distintos a depender: da escala do negócio; da escala da cidade; do tipo de prostituição. Por exemplo, nas casas estudadas tem um dono e seu lucro se dá pelo consumo das doses e aluguel dos quartos para o programa, as mulheres lá recebem o programa inteiro. Na rua em Gardênia, é preciso pagar o ponto independente se fez programa ou não. Nas duas praças estudadas as mulheres disseram que não tem dono do ponto, elas que se organizam. Por exemplo em Íris, que elas se juntaram para definir um valor mínimo do programa.

Nos diversos contextos das três cidades vimos que a quantidade e qualidade dos programas variam no decorrer de um tempo cíclico. Esse tempo pode ser a semana, o mês, ou épocas do ano. Em Íris o movimento depende dos feriados do ano. Nas casas de Girassol, o movimento se altera de acordo com os dias da semana: são maiores da quinta-feira até o sábado, e menores no meio da semana. Nas ruas de Gardênia, assim como a praça de Girassol, o fator determinante é o dia de pagamento, que varia durante o mês, dependendo do tipo de cliente e exercício da prostituição. Considerando que muitos desses clientes são os senhores já aposentados, os primeiros dias do mês são os mais movimentados. Em Gardênia, alguns trabalhadores recebem um vale mais ou menos no dia vinte, o que faz esse período do mês aumentar também o movimento.

Esses relatos, dentre outras coisas, mostram, em primeiro lugar, o quanto é heterogênea a atividade mercantil em torno do sexo. Em Íris, por exemplo, além dos três tipos de prostituição que já carregam suas distinções internas, as trocas sexuais muitas vezes se dão também por 'presentes'. Girassol não dá para tratar todas as práticas (em casas, na praça) como iguais, como tampouco se pode agenciar os mesmos critérios para falar sobre as fichas rosa que cobram por volta de R\$1000,00 o programa. Além disso, foi possível perceber como diferentes concepções de legalidades e moralidades ora se disputam, se sobrepõem, ora se misturam.

6. Referências bibliográficas

AGUSTÍN, Laura. Trabajo sexual y derecho al trabajo. In. **CiudadaniaSX**, 2008.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Profissionais do sexo: documento referencial para ações de prevenção das DST e da AIDS**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Turismo de Pesca: orientações básicas** Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BOURGOIS, Philippe; SCHONBERG, Jeff. **Righteous Dopefiend**. University of California Press; Public Anthropology Series, 2009.

EFREM FILHO, Roberto. Corpos brutalizados: conflitos e materializações nas mortes de LGBT. In: **37º Encontro Anual da ANPOCS**, 2013, Águas de Lindóia. Anais do 37º Encontro Anual da ANPOCS. São Paulo: ANPOCS, 2013.

FELTRAN, Gabriel S. Introdução. **Lua Nova**. 2010, n.79, pp. 9-13.

_____. **Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP; CEM, CEBRAP, 2011.

FONSECA, Claudia. A Dupla Carreira da Mulher Prostituta. **Revista Estudos feministas** V. 4, nº.1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **História da Sexualidade 1: vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREITAS, Renan S. **Bordel Bordéis: negociando identidades**. Petrópolis: Vozes, 1985.

KEMPADOO, Kamala. Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres. **Cadernos Pagu** (25), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 2005.

LEFEBVRE, H. **The Production of Space**. New York: Blackwell, 1991.

LE GOFF, Jacques, O riso na Idade Média in BREMMER, Jan e ROODENBURG, Herman (orgs), **Uma História Cultural do Humor**, Rio de Janeiro, Record, 2000.

LEITE, Gabriela. Identidade Partida. **Jornal Beijo da Rua**. 2005.

MACEDO, José Rivair. Christus agelastos: o riso e o pensamento cristão in **Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média**, Porto Alegre/ São Paulo, Ed. Universidade UFRGS/ UNESP, 2000.

MAGNO, Ana Beatriz, e José VARELLA. “A prostituição no Brasil.” **Correio Baziliense**, 31 de agosto de 2005.

MARTINEZ, Mariana M. **Andando e parando pelos trechos: uma etnografia das trajetórias de rua em São Carlos**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

MEYER, Marlyse. Feitiços do amor, **Revista USP**, São Paulo, No 31, set/nov. 1996.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. UNESP: São Paulo, 2003.

MISSE, Michel. “As ligações perigosas: Mercado informal, ilegal, narcotráfico e violência no Rio” e “O Rio como um Bazar: a conversão da ilegalidade em mercadoria política”. In: LIMA, R. K. e MISSE, M. (coord.) **Crime e violência no Brasil Contemporâneo: Estudos de sociologia do crime e da violência urbana**. Rio de Janeiro: Ed. LumenJuris, 2006.

MISSE, Michel. “Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro.” **Civitas 8** (set.-dez 2008): 371-385.

MISSE, Michel. “Sobre a construção social do crime no Brasil: esboços de uma interpretação.” In: _____ **Acusados e acusadores**. Estudos sobre ofensas, acusações e incriminações, 13-32. RJ: Revan, 2008.

MORAES, M. A. **Corpos normalizados, corpos degradados: os direitos humanos e as classificações sobre a prostituição de adultas e jovens**. [Texto apresentado no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e [Des]igualdades] 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOBRE, C. Encontro apoia a profissão de prostituta. In. **Beijo da rua**, Rio de Janeiro, p. 3, out. 2003.

OLIVAR, José Miguel. O direito humano de ser puta: uma reflexão sobre direitos sexuais no universo da prostituição feminina em Porto Alegre. **Teoria e Sociedade** nº 15.2 – julho-dezembro p. 108-137, 2007.

OLIVAR, José Miguel. Prostituição Feminina e Direitos Sexuais... diálogos possíveis. Trabalho apresentado no **I ENADIR – Encontro Nacional de Antropologia do Direito Universidade de São Paulo** – agosto de 2009

OLIVEIRA, Luciano. **Circulação e fixação: o dispositivo de gestão do morador de rua e a emergência de uma população**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

PARSONS, Talcott. Las profesiones y La estructura social. In: **Ensayos de Teoria Sociológica**, Buenos Aires: Paidós, 1967.

- PASINI, Elisiane. Prostituição e a liberdade do corpo. **CLAM – AMB** – 15.04.2005(a).
- PASINI, Elisiane. “Sexo para Quase Todos.” **Cadernos Pagu** (25), julho-dezembro de 2005(b): pp.185-216.
- PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993
- PELUCIO, Larissa. **Abjeção e Desejo - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS**. São Paulo, SP: Editora Annablume, 2009.
- PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.
- PISCITELLI, Adriana. “ Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do "turismo sexual" internacional.” **Estudos Feministas**, 2007.
- _____. Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais. In: **PAGU**. 2011.
- RAGO, Margareth. Prostituição e o mundo boêmio em São Paulo (1890-1940). In. **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.
- RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1980-1930)**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1985.
- RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- ROBERTS, Nickie. **As Prostitutas na História**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- RODRIGUES, M. T. “O Sistema de Justiça Criminal e a Prostituição no Brasil Contemporâneo: administração de conflitos, discriminação e exclusão.” **Sociedade e Estado** v.19 (2004): 121-150.
- SILVA, E. O. As filhas de Eva: religião e relações de gênero na justiça medieval portuguesa. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(1): janeiro-abril/2011.
- SILVA, A. S. et. al. **Exploração sexual comercial de crianças e adolescentes e tráfico para os mesmos fins: contribuições para o enfrentamento a partir de experiências em Corumbá-MS**. Brasília: OIT, 2005.
- SIMMEL, George. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- SIMÕES, Soraya S. **Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca**. Niterói: EDUFF, 2010

SIMÕES, Soraya S. “Sem vergonha, garota”: notas sobre a profissionalização de um metiér no Brasil. In. CEFAI, D. et. al (orgs). **Arenas públicas: por uma etnografia da vida associativa**. Niterói : UFF, 2011, p.447- 475.

STRACK, F. Nova lei confunde alemães. In. **Beijo da rua**, Rio de Janeiro, p. 4-5, abr. 2002.

TELLES, Vera. **As fronteiras do legal e ilegal**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2010.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 20015.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999 (Coleção Os Pensadores: Wittgenstein).

SITES

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm